



0810000224



A

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

**DO TRAÇADO AO MOLDE: evolução e representação gráfica da
modelagem do vestuário.**

Hilda Quialheiro Abreu

Bauru - 1995



HILDA QUIALHEIRO ABREU

Dep. Representação Gráfica



**DO TRAÇADO AO MOLDE: evolução e representação gráfica
da modelagem do vestuário.**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Campus de Bauru para
obtenção do título de Mestre em
Representação Gráfica.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**

**Bauru
1995**

N.º 224

**BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU**



HILDA QUIALHEIRO ABREU

**DO TRAÇADO AO MOLDE : evolução e representação gráfica
da modelagem do vestuário.**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Campus de Bauru para
obtenção do título de Mestre em
Representação Gráfica.

Área de Concentração:
Desenho Industrial
Sub área : Representação Gráfica

Orientador:
Prof. Dr. José Carlos Plácido da Silva

Bauru

1995



Ficha catalográfica elaborada por:
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
Seção de livros e outros materiais
UNESP - Campus de Bauru

646.4072
A145t

ABREU, Hilda Quialheiro

Do traçado ao molde: evolução e representação
gráfica da modelagem do vestuário. Bauru : UNESP,
1995.

113 p.

Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura,
Artes e Comunicação/UNESP.

1. Vestuário: evolução 2. Modelagem gráfica 3.
Traçado do molde I. Título.



DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais Manoel e Albina “in memorian” pela formação que me deram, meu esposo João pelo incentivo e aos filhos Karla, João e Anna pela minha “ausência” durante o presente trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao professor. Dr. José Carlos Plácido da Silva como segundo orientador pela incumbência e incentivo na concretização deste trabalho.

A amiga e professora Dra. Cleide Santos Costa Biancardi por "carregar no colo com paciência e dedicação uma criança", orientando e estimulando nos primeiros passos na tarefa de escrever o presente trabalho.

A amiga e professora Mestre Maria Antonia Benutti Giunta quanto a cessão das antigas revistas e modelagens gráficas que deram origem ao presente trabalho.

Ao amigo e Bacharel Roberto Tavares, desenhista do Departamento de Representação Gráfica da FAAC pelo brilhante redesenho da quase totalidade das figuras apresentadas neste trabalho.

A professora Dra. Nelyse Aparecida Melro Salzedas como primeira orientadora com suas diretrizes e apoio na carreira docente.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente , colaboraram para que o presente trabalho se concretizasse.



SUMÁRIO

Páginas

INTRODUÇÃO..... 01

CAPÍTULO UM

HISTÓRICO BREVE DA ORIGEM DO VESTUÁRIO NO MUNDO OCIDENTAL

da Antigüidade à Revolução Industrial. 04

CAPÍTULO DOIS

O VESTUÁRIO E SUA CONFECÇÃO ARTESANAL I INDUSTRIAL NO BRASIL

da Colônia à Sociedade Industrializada..... 49

CAPÍTULO TRÊS

OS MOLDES GRÁFICOS DO VESTUÁRIO FEMININO NAS REVISTAS

ESPECIALIZADAS DE MODA

a partir da Década de 60..... 71

CONCLUSÃO 107

BIBLIOGRAFIA... 110



LISTA DE FIGURAS

Figuras	Páginas
01 Veste feminina egípcia.....	6
02 Kalásiris sem mangas.....	6
03 Molde do kalasiris sem mangas.....	7
04 Capa egípcia arredondada.....	7
05 Tanga egípcia usada no Antigo Império, c. 3000 a.C.....	7
06 Molde do kalasiris com mangas.....	8
07 Capa egípcia retangular.....	8
08 Traje dos nobres etíopes e molde.....	8
09 Traje antigoda tribo Aamu e Ribu.....	9
10 Traje da tribo Aamu tardio e molde da capa.....	9
11 Traje da tribo Cheli.....	10
12 Moldes da capa da tribo Aamu e Cheli.....	10
13 Molde - Avental dos Retennu.....	10
14 Molde - Capa de ombro dos Retennu.....	10
15 Molde - Sobreveste dos fenícios.....	11
16 Molde Capa dos fenícios.....	11
17 Molde - Casaco de couro com mangas.....	12
18 Molde - Calções persas.....	12
19 Trajesdospartos.....	12
20 Molde - casaco parto com mangas.....	12
21 Dama da nobresa parta.....	13
22 Molde - casaco da mulher parta com mangas.....	13
23 Molde - capa.....	13
24 Traje de equitação - Ásia Menor.....	13
25 Molde do traje de equitação.....	14
26 Peplo - Molde básico para a confecção feminina.....	14
27 Romano usando toga.....	15
28 Molde da toga romana.....	15
29 Como se usava pênula.....	16
30 Moldes da pênula e touca ou capuz.....	16
31 Traje dalmática de seda branca que pertenceu ao Imperador Henrique II.....	17
32 Traje masculino e molde de túnica - Ano 1000.....	18



33	Molde de túnica feminina - Ano 1000	18
34	Vestido do século XII e molde da parte superior.....	19
35	Molde de sobreveste feminina - frente e costas	19
36	Moldes - sobreveste feminina: frente, costas e nesge do século XII	20
37	Vestidos de mulheres Alemãs - Século XI	20
38	Moldes das mangas dos trajes mostrados na figura 37	20
39	Vestido alemão do século XIII e molde	20
40	Vestido alemão e molde da sobreveste - Século XIII.....	22
41	Moldes - Vestido e mangas usado na França no século XII	22
42	Vestido francês e molde da manga - Século XII	23
43	Traje masculino francês - Século XIII.....	23
44	Traje Real francês e molde	24
45	Vestido francês e molde tipo saco - Século XV	24
46	Traje masculino e molde c.1400	25
47	Molde de robe feminino do século XV: frente, costas e nesga	26
48	Traje masculino alemão e molde da capa.....	27
49	Vestuário masculino alemão e molde da sobreveste.....	27
50	Vestido inglês e molde - Século XV	28
51	Molde e vestido (veste de baixo)	28
52	Molde de vestido do século XV: parte de trás, manga e parte da frente	28
53	Trajes femininos alemães do século XV	28
54	Traje masculino espanhol do século XVI e molde do calção	29
55	Vestido francês da época de Carlos IX e molde de corpete	29
56	Gibão franco-espanhol, início do século XVII	30
57	Molde calção, meados do século XVII	30
58	Traje masculino francês e molde de Justacourps, c.1700	31
59	Espartilho, segunda metade do século XVII	31
60	Vestido, c.1776	32
61	Crinolina e corpete (frente e costas)	32
62	Vestido, c.1787	32
63	Molde e espartilho da primeira metade do século XVIII	32
64	Dama, primeira metade do século XVIII.....	32
65	Dama usando um robe - Século XVIII.....	33
66	Vestido do século XVIII e molde da metade da parte da frente	33



67	Oficina de costura, modelo e método de corte, c.1748.....	34
68	Lançadeira - peça dos teares manuais.....	36
69	Tear mecânico, c.1784	36
70	Tear para tecidos trabalhados, criados por Jacquard.....	36
71	Traje masculino, c.1790 e molde de um casaco inglês para equitação.....	39
72	Trajes masculinos, 1791 a 1804 e moldes: a) casaca; b) colete e c) colete - spencer.....	40
73	Molde de capote - sobretudo	41
74	Traje masculino - casaca e calça larga de 1818 e moldes da calça	41
75	Vestido em cambraia branca e bordada, c.1800	42
76	Vestido caseiro, 1810 (frente e costas) e molde da parte superior e manga.....	43
77	Vestido, década de 1850, com saia sustentada por inúmeras anáguas.....	43
78	Anágua de crinolina, c.1860	44
79	Molde de mantilha.....	44
80	Jaqueta de tafetá preta com bordados e debruns, 1862	44
81	A evolução dos "ternos"	45
82	Sobretudo usado pelos cavalheiros, c.1800	46
83	Modelo e molde de um vestido, c.1868: a) parte da frente; b) costas; c) peça lateral; d) gola; e) frente da túnica e f) parte de trás	47
84	Apá dos índios Nambiquara.....	52
85	Máscara dos índios Tucano	52
86	Tanga de miçanga - índios Uapixana	53
87	Tanga de miçanga - índios Uaupê.....	53
88	Negro escravo, na casa de moenda, de calção curto.....	53
89	Negro escravo de calção curto	54
90	Bandeirantes no início da colonização.....	54
91	Espartilhos de Mmes. de VERTUS SOEURS	57
92	Anúncio da A Pygmalion.....	58
93	Anúncio de The Ladies Field	59
94	Espartilho, do século XIX ao início do século XX.....	59
95	Estilo Eduardiano60	
96	Conjunto feminino, c.1905	61
97	Vestes masculinas: ternos e sobrecasacas, c.1902 a 1914	62
98	Veste feminina, estilo "tubular", c.1913.....	62



99 "Taiulleur" c.1912	62
100 Vestes femininas "cintura-baixas"	62
101 "Melindrosa", Anos 20	63
102 Vestidos acompanhados de acessório e plastron. a) Acessório; b) Plastron.....	64
103 Estilo New Look	65
104 New Look para o dia e noite, c.1948	65
105 Jumper - casaco tipo saco de tricô	67
106 Calça odalisca, década de 30.....	67
107 Saia-calça para ciclismo, c.1937.....	68
108 Decote coração num corpete franzido	68
109 "TAILLEUR" modelos de Paris, em desenhos de ALCEU PENNA	68
110 Capa de "Chapeuzinho Vermelho" em cetim e laço de veludo, criação de LANVIN	69
111 Modelo em organza, criação de Christian Dior	69
112 "Estampados em Férias", modelos de JOSÉ RONALDO	69
113 "TAILLEUR do Avant-garde" da moda GIVENCHY - Gola amarrada Desenho de ALCEU PENNA	69
114 "TAILLEUR de BALENCIAGA"- casaco curto e fendido na frente Desenho de ALCEU PENNA	70
115 Conjunto: blusa, calça e molde	73
116 Vestido e sobreveste	74
117 Molde da sobreveste da FIG. 114.....	75
118 Conjunto de praia: casaco, blusa e short.....	76
119 Molde em miniatura do conjunto ilustrado na FIG.116.....	77
120 Reprodução do modelo do cupom "QUASIPRONGO"	78
121 Representação de um dos moldes "QUASIPRONGO", com a legenda de orientação	79
122 Modelo vivo e desenho da vestimenta visto por trás, correspondentes aos moldes da figura anterior	80
123 Moldes "QUASIPRONGO" de um conjunto saia e blusa com a legenda de orientação	81
124 Modelo vivo e molde gráfico "QUASIPRONGO"	82
125 Molde gráfico "QUASIPRONGO" e modelo vivo e legenda de orientação	83
126 Seqüência da elaboração do molde gráfico de uma saia	84



127 Plano de corte - Molde gráfico da saia sobre o tecido	85
128 Elaboração do molde de uma blusa	86
129 Sequência dos esquemas da elaboração do molde do "Chemisier", seus detalhes de montagens e plano de corte sobre o tecido	87
130 Plano de corte de uma calça comprida sobre o tecido	88
131 Molde e desenhos explicativos de um vestido e de uma saída de banho	89
132 Manequins com as indicações das medidas	91
133 "BOURRAGE"	92
134 Representação do molde de uma blusa sem manga: a) Esquema 1 passo a passo para a execução do molde; b) Esquema 2 - Representação final do molde da frente	93
135 Construções geométricas elementares para a representação final do molde da figura anterior	94
136 Moldes do costado	95
137 Construções geométricas elementares do molde do costado	96
138 Elaboração do molde de uma manga clássica	97
139 Construções geométricas elementares para a confecção do molde gráfico da manga	98
140 Representação gráfica do molde de uma saia	99
141 Construções gráficas elementares do molde de uma saia clássica reta	100
142 Elaboração do molde da calça comprida feminina	101
143 Construções geométricas elementares para a confecção do molde da calça comprida	102
144 Quadro resumo das principais construções fundamentais	104
145 Vestidos vistos de frente e de costas e a distribuição dos moldes sobre o tecido	105
146 Modelagem gráfica de um pijama	106



RESUMO

No presente trabalho do estudo do Traçado ao Molde do Vestuário observou-se a evolução e a representação gráfica da modelagem do mesmo. Abordou-se o histórico do vestuário no mundo ocidental desde as origens até o início do século XX, onde a referência vai da Antigüidade até a Revolução Industrial.

O vestuário e sua confecção no Brasil apontam os momentos do fazer artesanal e industrial, resgatando-se as roupas indígenas, pois além das tangas o índio brasileiro vestia-se com roupas tecidas com algodão.

Por uma questão de registro bibliográfico pode-se observar a evolução do período colonial até a sociedade industrializada, ou seja, de 1528 até aqueles apresentados no pós guerra e vistos nas revistas "O Cruzeiro", "Fatos & Fotos" e "Manchete". Das vestes dos colonizadores até os desenhos de Alceu Penna, constatou-se como a moda é rica e bela e só possível graças a execução de moldes que concretizam-se pelo uso de construções gráficas, as quais até empiricamente são utilizadas sem que os autores se apercebam do emprego no processo.

Através de um breve histórico da evolução das revistas especializadas de moda feminina e do surgimento do molde pronto em tamanho natural, na década de 60, desenvolveu-se uma análise das possíveis construções geométricas empregadas no traçado destes moldes gráficos para a compreensão dos mesmos. Após a análise, apresentou-se um estudo geométrico dos moldes, propondo-se a seguir algumas regras básicas nas construções fundamentais utilizadas na confecção de moldes de uma blusa sem manga, de uma manga clássica, de uma saia reta e de uma calça comprida feminina, tendo como referência básica os moldes de Gil Brandão.

Deste levantamento histórico, comprovou-se que a representação gráfica e as construções fundamentais do desenho geométrico estavam presentes em todos os moldes apresentados.

Concluiu-se que o emprego das construções geométricas é de fundamental importância não só para a construção como também para compreender que dentro da evolução do molde, estas vieram a ser embutidas disfarçadamente nos moldes, visando tornar mais fácil para qualquer pessoa a execução de peças da modelagem do vestuário feminino.



ABSTRACT

This study about Tracing Clothing Mold observed the evolution and graphic representation of molding. It came to grips with the western world clothing history since its beginning up to the first years of the twentieth century, referencing from Antiquity to the Industrial Revolution.

The Brazilian clothing and its confection show the artesian and industrial moments, bringing aboriginal clothing, the local indians wore tanga as well as cotton weaved clothes.

We may observe, due to bibliographic consideration, the evolution from the colonial period to a industrialized society - from 1528 to the ones in the after-war period in "O Cruzeiro", "Fatos & Fotos" e "Manchete" magazines. From the colonizing clothes to Alceu Penna drawings, we verified how rich and beautiful the fashion is, and it is possible because of the molds that make it real from graphic constructions, empirically used, their authors do not realize their use in the whole process.

A consideration of possible geometric constructions used on the comprehension and tracing of graphics molds, was developed from a brief historical of woman fashion magazines and the arising of natural sized ready to use molds in the sixties. After this consideration, there is a study about geometric molds, proposing basic rules to be followed in the fundamental constructions used in the drawing and making of molds for a blouse with no sleeves, a classical sleeve, a skirt and pants, using basic references from Gil Brandão molds.

It was proved, from above, that the geometric drawing graphic representation and fundamental constructions were present in all observed molds.

It was concluded that the use of geometric constructions is of vital importance in the construction as well as in the comprehension that they were hidden in the molds and their evolution, making easier to anyone execute woman clothing molding pieces.



INTRODUÇÃO



O vestuário tem sido gradualmente modificado no decorrer da história. As preocupações sociais, os climas e diferentes costumes e necessidades deveu-se a variedades de estilos.

É mais fácil ao pesquisador ou investigador estudar as épocas dos estilos, a evolução das vestimentas através de visitas a museus analisando as esculturas, as artes figurativas, os documentos e inúmeras bibliografias existentes sobre as ditas especialidades sob vários aspectos, quer sociais, populares, civis, militares e eclesiásticos.

O que resulta em dificuldade é quanto ao material, textura, cores das indumentárias de épocas passadas, e principalmente quanto a representação gráfica, ou seja, a parte técnica do procedimento na confecção da modelagem dessas vestimentas.

Ao observar um trabalho, seja ele qual for, repara-se primeiro em seu aspecto e beleza para a seguir descobrir seus segredos e seus mistérios. No caso da modelagem do vestuário masculino ou feminino, junto com a beleza observa-se o conjunto de linhas e traços resultantes do desenho, que às vezes são insignificantes ou mesmo parecem sem sentido, por falta de conhecimento do observador de que essas linhas e traços representam um pouco da trajetória desde a concepção até a finalização de um belo vestuário.

A origem ou mesmo os poucos registros disponíveis da modelagem gráfica do vestuário quase sempre é ignorada.

No livro **História do Vestuário** de Carl Köhler (1993), editado e atualizado por Emma Von Sichart, procurou-se resgatar as questões relativas à modelagem do vestuário, quanto ao corte e que, para descrevê-la com palavras é preciso conhecê-la graficamente.

A aplicação do desenho em quase todas as atividades humanas é um fato comprovado culturalmente, mas pouco estudado em algumas áreas, onde sua aplicação tem um papel preponderante. Uma delas reside na indústria de confecção do vestuário,



popularmente dita indústria da moda, cujo papel econômico, social e artístico, movimentam em todo mundo milhões de pessoas e bilhões de dólares.

Embora a moda, hoje, seja quase toda industrializada, produzida em série, mesmo uma boa parte da alta-costura, nos países menos estáveis economicamente, como é o caso do Brasil, a produção de roupas em escala menor por micro indústrias e pelas costureiras e/ou costureiros domiciliares ocupa relevante fatia do mercado consumidor. A estes produtores, a importância dos moldes e da modelagem em seus aspectos técnicos é fundamental, quer para facilitar-lhes o trabalho, quer para atualizar e aperfeiçoar o corte e montagem das peças a serem produzidas.

Procurando responder estas carências técnicas, ergonômicas, estéticas e econômicas desses produtores, fez-se um estudo detalhado do processo de evolução da modelagem, objetivando detectar como eram produzidos os moldes no passado para, numa próxima etapa, propor um detalhado estudo de modelagem utilizando já os recursos de novas tecnologias, inclusive informática.

O trabalho que ora se apresenta, priorizará três aspectos fundamentais:

1. Um histórico sintetizado com análise crítica, da evolução da moda e da modelagem no mundo ocidental, estabelecendo as relações do desenho aplicado aos supostos moldes do vestuário analisados;
2. Seguindo a mesma metodologia, estudou-se as origens diversas e produção de moda e da modelagem no Brasil, passando rapidamente pelo período colonial - muito pobre neste assunto - até o surgimento da sociedade industrializada;
3. A partir das reproduções gráficas existentes nas revistas e jornais especializados em moda, com ênfase para as revistas após a década de 60, foram analisadas as soluções apresentadas - em forma de modelagem - para suprir as carências da sociedade consumidora desta literatura.

Com os recursos dos desenhos, fotos e reproduções, este trabalho pretende, de forma modesta porém criteriosa, preencher o que se julga uma lacuna na área de representação gráfica aplicada a um setor da sociedade - que são as pequenas indústrias de confecção.



CAPÍTULO UM
HISTÓRICO BREVE DA ORIGEM DO VESTUÁRIO NO MUNDO OCIDENTAL
da Antigüidade à Revolução Industrial



Os primeiros tempos

Costumamos chamar de Antigüidade ou Idade Antiga o estágio da História da Humanidade compreendida entre o aparecimento da escrita por volta do ano 5000 a.C., e a queda do Império Romano, em 456 d.C.. É um longo período no qual desenvolveram civilizações brilhantes como a egípcia, a babilônia, a síria, a persa, a chinesa, a hindú, a palestina, além da grega e da romana. Quem de nós nunca ouviu falar sobre as Pirâmides do Egito, os Jardins Suspensos da Babilônia, o Farol da Alexandria, ou no Colosso de Rodes, todos eles considerados as maravilhas do mundo antigo?

Todavia, os estudos sistemáticos da Antigüidade iniciaram-se apenas há cerca de um século, quando a arqueologia se tornou ciência, que através de escavações, foi possível redescobrir fragmentos de construções e mesmo cidades inteiras como Pompéia, encoberta pelas lavas do Vesúvio no ano de 79 d.C..

Os historiadores subdividem a Antigüidade em dois períodos: Oriental, que estuda os povos que viveram nos vales dos rios Nilo, Tigre, Eufrates, Indo e Amarelo, e a Ocidental ou Clássica, dedicado aos gregos e romanos, povos da faixa européia do Mediterrâneo.

Os povos latinos, herdeiros diretos da cultura clássica, ao aportarem nas Américas, expandiram ainda mais a influência da cultura ocidental no mundo. Desse modo, qualquer estudo que pretenda discutir determinado objeto ou costume do Ocidente, terá, necessariamente, que buscar suas origens na Antigüidade.

O vestuário, a moda e os costumes que levaram as sociedades a criarem uma forma de proteger seu corpo, originaram-se nos mais remotos períodos da civilização. Conhecê-los significa descobrir mais um pouco da história do homem através do objeto mais próximo de si mesmo - a roupa.

Desde as cavernas o homem se veste - sua segunda pele era de fato, uma pele de animal. A medida que se desenvolvem as diferentes culturas e se descobrem outros materiais como fibras vegetais - lã e linho - ele passa a utilizar-se desses produtos como cobertura para se proteger contra os rigores atmosféricos, de modo mais adequado, pessoal e agradável.



Na Antigüidade, os egípcios parecem demonstrar terem sido os primeiros povos a confeccionar em vestimentas a partir de moldes, onde o desenho, ou melhor, a geometria já aparece claramente.

Carl Köhler, em seu extraordinário livro **HISTÓRIA DO VESTUÁRIO** editado e atualizado por Emma Von Sichart publicado pela Editora Martins Fontes, em 1993, relata:

"A julgar pela representação mais antiga que possuímos, os egípcios do Antigo Império(c.3000 a.C.) usavam tanga feita de tecido, enrolada várias vezes ao redor do corpo e presa por um cinto (FIG. 5). Além disso, uma manta ou pele mosquetada pendia-lhes dos ombros. Essa indumentária continuou sendo usada até a época em que o chamado Antigo Império chegou ao apogeu de seu brilho e a beleza e suntuosidade dos tecidos e das roupagens eram as únicas marcas que distinguiram o monarca e os nobres das classes inferiores. Aos poucos, mais um item de vestuário foi acrescentado - uma espécie de saia justa, de uma peça só, feita com tecido caro, e presa também por um cinto. O chamado Kalasiris, um traje para ambos os sexos que foi introduzido pouco depois do estabelecimento no Novo Império (c.1000 a.C.), era uma túnica longa, bem diferente dos trajes acima, dos quais se distinguia pelo corte e pelo tecido de que era feita (FIG. 3, 4, 6 e 7).

Aparentemente, havia mais de um estilo de kalasiris. Tanto podia ser uma espécie de casaco que cobria o corpo desde os quadris (ou procórdium) até o abdome, e preso por uma faixa que passava por um dos ombros, quanto uma peça ainda mais longa, que chegava até o pescoço. Algumas variantes não tinham mangas, enquanto outras tinham mangas curtas e estreitas ou longas e bastante folgadas."(FIG. 1 e 2)

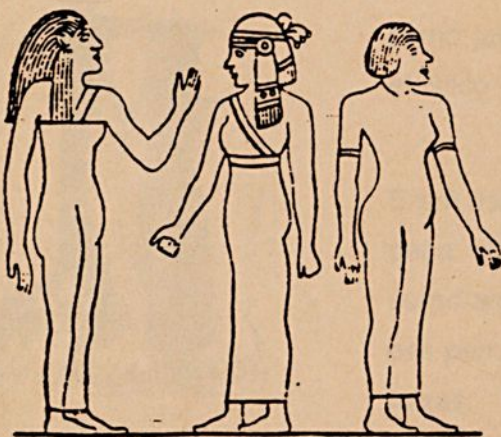


FIGURA 1 - Veste feminina egípcia

Fonte - KÖHLER, 1993. p. 60.



FIGURA 2 - Kalasiris sem mangas

Fonte - KÖHLER, 1993. p. 61.

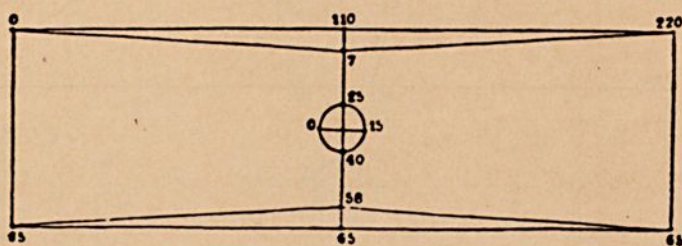


FIGURA 3 - Molde do Kalasiris sem mangas

Fonte - KÖHLER, 1993. p. 62.

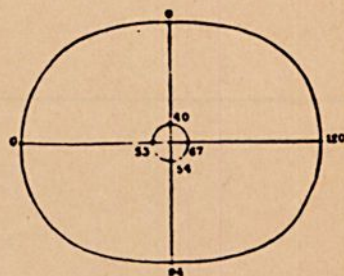


FIGURA 4 - Capa egípcia arredondada

Fonte - KÖHLER, 1993. p. 63.



FIGURA 5 - Tanga egípcia usada no Antigo

Império c. 3000 a.C.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.64.

Observa-se que já existia um molde com traços e informações técnicas abrangendo a geometria e construções elementares da mesma, como a determinação de construções de retângulos, triângulos, trapézios, circunferências e arcos de circunferências concordantes entre si.

Outros povos vizinhos dos egípcios, os etíopes, nesse período da Antigüidade, mostravam preocupação semelhante com o vestuário. O traje mais típico desses povos era uma tanga simples de lã ou couro sobre a qual se usava uma peça semelhante a uma capa que, aos poucos, foi modificada com acréscimos de cintos e véstias casaco curto, folgado na cintura, conhecido atualmente como jaleco) estas últimas confeccionadas com o tecido elástico - kalasiris de tipo justo (FIG. 9 e 10).

Essas roupas eram feitas com um tecido opaco. Eram usadas por homens e mulheres, consistiam em uma peça de tecido retangular bastante largo para cobrir o corpo até os pés, que caía em dobras ao redor do corpo e das pernas, e era preso nos ombros e quadris por cintos e faixas.

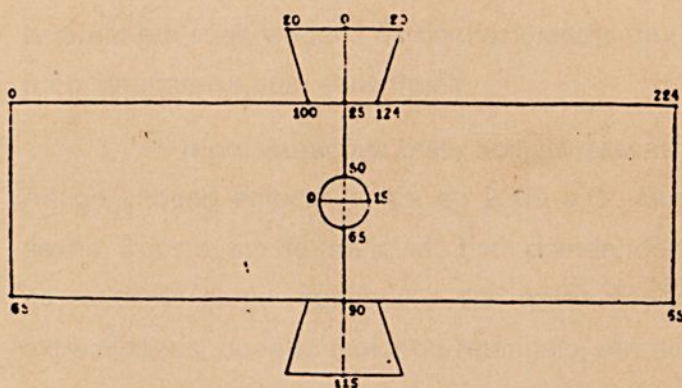


FIGURA 6 - Molde do Kalasiris com mangas

Fonte - KÖHLER, 1993. p.62.

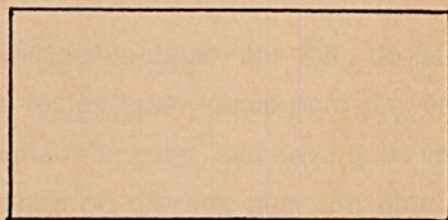


FIGURA 7 - Capa egípcia retangular

Fonte - KÖHLER, 1993. p.63.

Pouco tempo depois, esta vestimenta passou a ser confeccionada em duas peças, sendo a parte da frente mais comprida que a de trás. A parte mais longa era franzida em pregas fundas, de forma a produzir uma graciosa silhueta (FIG. 8).

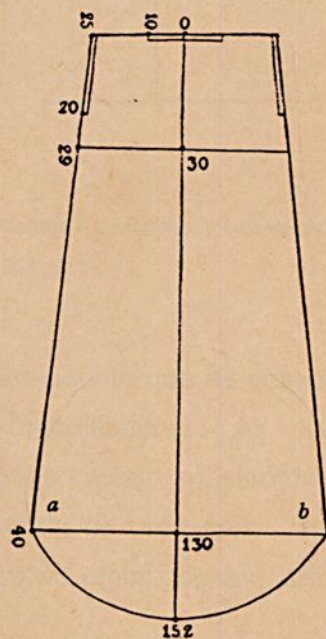


FIGURA 8 - Traje dos nobres etíopes e molde

Fonte - KÖHLER, 1993. p.70,72.

Os sírios e os fenícios, que foram os grandes navegadores e descobridores, levaram em suas viagens os conhecimentos de um povo para o outro e, de igual modo preocupavam-se com seus trajes.

As representações mais antigas dessas civilizações datam por volta do fim do Antigo Império egípcio, cerca de 2300 a.C.. Suas vestes eram iguais para ambos os sexos. Constavam de um tecido bem grande, de forma retangular, que dava duas voltas ao redor do corpo, cobrindo-o das axilas aos joelhos ou até aos pés. Em uma das extremidades, do lado maior do retângulo, era acrescentado de um triângulo retângulo, que era lançado pra trás por cima do ombro esquerdo, indo prender-se às costas a outra extremidade (FIG. 10).



FIGURA 9 - Traje antigo da tribo Aamu e Ribu
Fonte - KÖHLER, 1993. p.73.

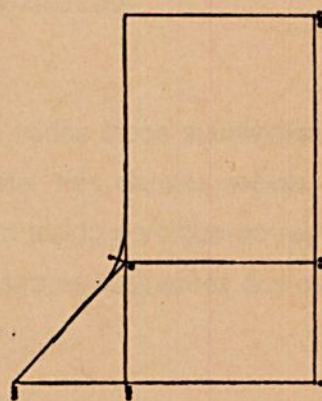


FIGURA 10 - Traje da tribo Aamu tardio e molde da capa
Fonte - KÖHLER, 1993. p.73.

No Novo Império egípcio, 500 anos mais tarde, é evidente que as vestimentas, nesse longo intervalo, havia passado por algumas modificações. As mulheres continuaram com o mesmo estilo de roupa, mas os homens haviam substituído o traje já mencionado por uma tanga simples, à qual foi acrescentada de uma capa. Uma das extremidades passava por sob um braço, indo prender-se no ombro oposto. Um outro tipo de capa, muito semelhante ao anterior.

“a capa tinha uma abertura para os braços e uma gola que melhorava muito a sua aparência. O tecido era cortado na forma de um retângulo quase quadrado com o lado menor igual ao lado maior do retângulo com o qual fazia a gola.” (FIG. 11 e 12)



FIGURA 11 - Traje da tribo Cheli
Fonte - KÖHLER, 1993, p.75.

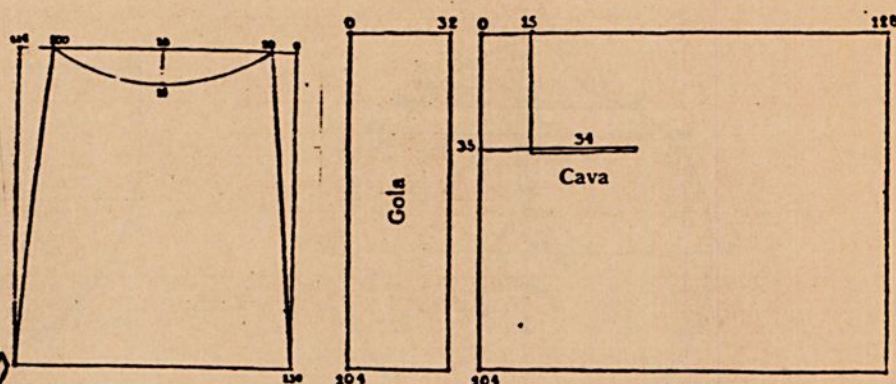


FIGURA 12 - Moldes da capa da tribo Aamu e Cheli
Fonte - KÖHLER, 1993, p.74.

Tem-se conhecimento que, no Alto Eufrates, viviam várias tribos subdivididas em diversos clãs. Cada uma delas usava vestes diferentes. Havia três classes sociais. Uma delas usava trajes semelhantes a um avental; a segunda, um tecido enrolado ao redor do corpo e a terceira indumentárias feitas sob medida (como mostra as ilustrações dos moldes usados na época citada - FIG. 13 a16).

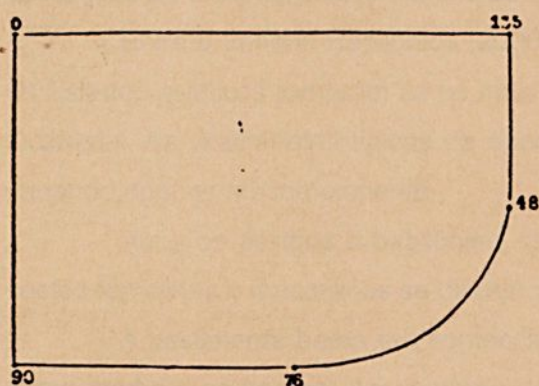


FIGURA 13 - Molde - Avental dos Retennu
Fonte - KÖHLER, 1993, p.76.

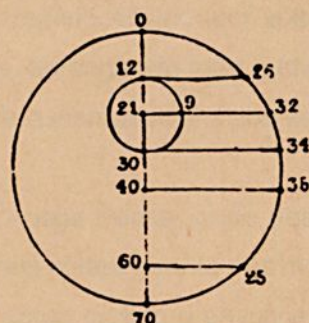


FIGURA 14 - Molde - Capa de ombro dos Retennu
Fonte - KÖHLER, 1993, p.76.

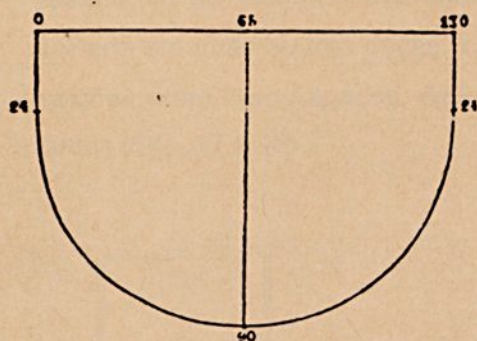


FIGURA 15- Molde - Sobreveste dos fenícios

Fonte - KÖHLER, 1993. p.77.

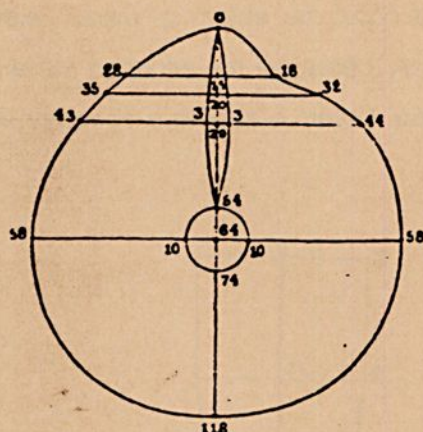


FIGURA 16 - Molde - Capa dos fenícios

Fonte - KÖHLER, 1993. p.77.

Pode-se observar, nas ilustrações, a aplicação da geometria elementar; **1o**: na confecção do avental nota-se um retângulo onde em um dos vértices foi construído um arco de circunferência em concordância com as retas formadas pelos lados maior e menor do retângulo (FIG.13); **2o**: a capa de ombro onde vê-se claramente construções de circunferências excêntricas (FIG.14); **3o**: a sobreveste dos fenícios, a construção geométrica onde envolve a concordância de meia circunferência com um retângulo nas extremidades dos lados menores (FIG.15) e **4o**: a capa dos fenícios, um maravilhoso trabalho com aplicações de circunferências e arcos de circunferências concordantes entre si (FIG.16).

Entre o Império Babilônico (2000 a.C.) e o Império Assírio (por volta de 1300 a.C.) os Estados asiáticos tomaram-se os mais poderosos, abrangendo toda a civilização da Ásia Ocidental. As vestimentas típicas da época muito se assemelhavam aos kalasiris egípcios, variando apenas no comprimento.

Após os assírios e babilônios, chega-se a Antiga Pérsia, onde observa-se que as vestes femininas e masculinas se diferenciam tanto nos cortes quanto nos modelos.

A vestimenta persa era confeccionada em couro curtido e envolvia não só o corpo como também as pernas. Ao contrário dos trajes que envolviam os corpos, encontram-se, agora, meias ou calções e uma camisa tipo túnica com mangas.

Por volta de 700 a.C., os persas utilizavam tecidos resistentes e fortes, porém macios, procurando, desta forma, se protegerem adequadamente do clima da região.

O corte e o feito das vestes masculinas eram problemáticos, pois necessitavam adaptar-se ao tamanho dos couros disponíveis. Assim, o molde do corpo tinha que ser cortado em duas ou três peças e as mangas eram cortadas em separado. As meias ou os calções eram bem folgados, de comprimentos variados e presos à cintura por cordões ou cintos (FIG. 17 e 18).

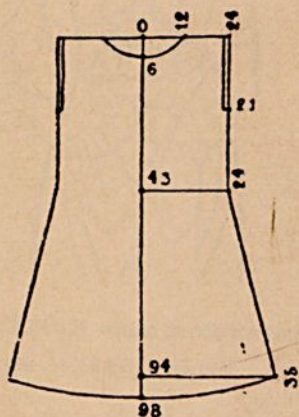


FIGURA 17 - Molde - casaco de couro com mangas
Fonte - KÖHLER, 1993. p.87.

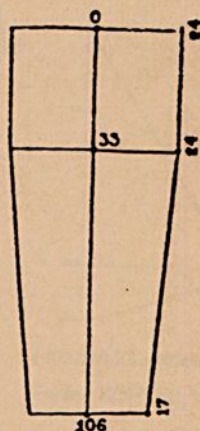


FIGURA 18 - Molde - calções persas
Fonte - KÖHLER, 1993. p.87.



FIGURA 19 - Trajes dos partos
Fonte - KÖHLER, 1993. p.96.

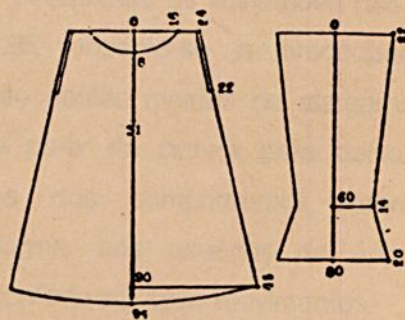


FIGURA 20 - Molde - casaco parto com mangas
Fonte - KÖHLER, 1993. p.97.

A indumentária feminina diferenciava-se da masculina com um feito mais graciosa, acrescida de uma manta semelhante a uma capa e o comprimento maior e o tecido de melhor qualidade (FIG. 19 a 23).



FIGURA 21 - Dama da nobresa parta
Fonte - KÖHLER, 1993. p.97.

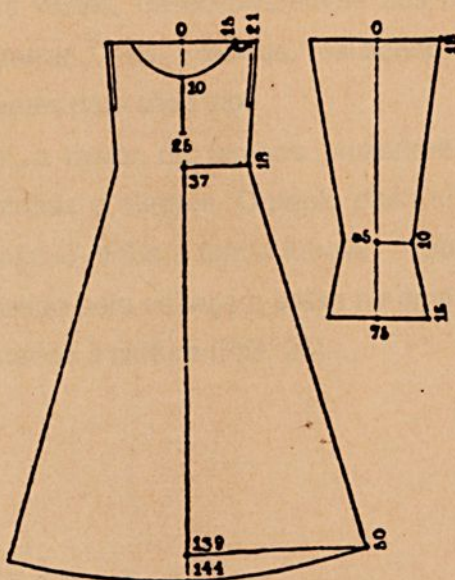


FIGURA 22- Molde - casaco da mulher
parta com mangas
Fonte - KÖHLER, 1993. p.97.

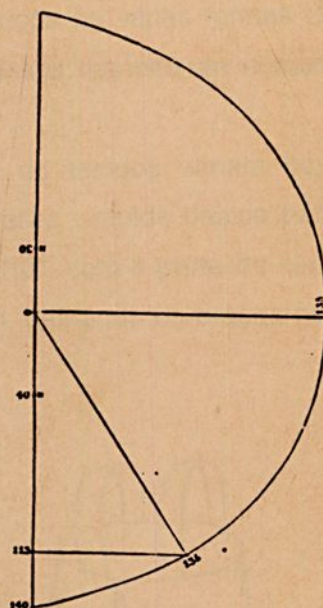


FIGURA 23 - Molde - capa
Fonte - KÖHLER, 1993. p.100.

Na Ásia, é curioso observar na história da evolução do vestuário, o cuidado que alguns povos tinham, inclusive, com outros trajes mais específicos para diferentes atividades. Por exemplo, vale a pena ilustrar um traje de equitação da Ásia Menor e seu respectivo molde (FIG. 24 e 25).



FIGURA 24 - Traje de equitação - Ásia Menor
Fonte - KÖHLER, 1993. p.107.

Analisando as ilustrações das Figuras 19 a 25, observa-se a preocupação na confecção destes moldes no alargamento do tecido a partir da cintura para baixo e nas variações dos comprimentos, oferecendo, dessa forma, aos usuários da época, um melhor conforto em seus movimentos.

Na indumentária grega, as peças principais mais usadas que se tem conhecimento eram três: o quitão - uma túnica de linho usada pelos jônios, o peplo - túnica de lã sem mangas - usado pelas mulheres principalmente e a clâmide - um manto ou capa de lã.

A partir dessas três vestes, desenvolveram-se aos poucos as várias formas de amarrar cintos e faixas e franzir os tecidos, resultando, dessa maneira, um número considerável de estilos diferentes para cada tribo.

Diferenciando com a moda de tempos posteriores, os tecidos variam com desenhos ou estampas vistosas e alegres. O peplo das mulheres - molde básico para confecção do vestuário feminino - tinha a forma tubular - "tubinho" - com a parte de cima virada até a cintura. Era vestido pela cabeça e preso ao ombro, deixando os braços nus e com cintos ou faixas ajustados à cintura (FIG. 26).

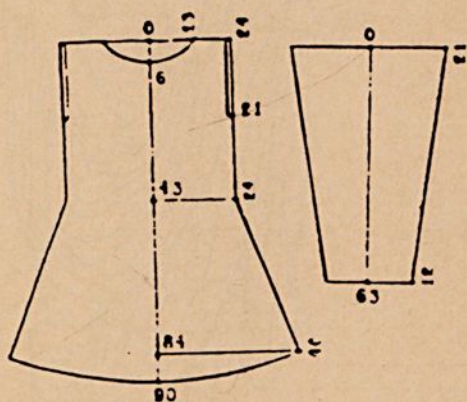


FIGURA 25 - Molde do traje de equitação

Fonte - KÖHLER, 1993. p. 107.

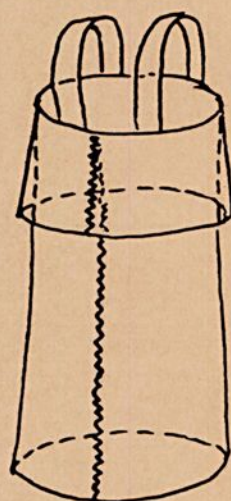


FIGURA 26 - Peplo - Molde básico para a

confecção do vestuário feminino

Fonte- CONHECER, vol.5, s/d. p. 1264.

O clâmide era geralmente usado sobre o quitão e também sobre o peplo que consistia em , segundo Enciclopédia Conhecer (s/d):

“uma só peça retangular, cujas amplas dimensões permitiam usá-lo das mais diversas maneiras. Uma de suas dobras podia proteger a cabeça e a noite ele servia de cobertor”.

Essas vestimentas surgiram no período clássico da Grécia.

“Quando os invasores romanos conquistaram a Grécia (século II a.C.) essas criações todas se transferiram para Roma”.

Tanto nas observações de **Carl Köhler** como nas ilustrações da **Enciclopédia Conhecer**, pode-se concluir que as vestes romanas pouco diferiam das indumentárias gregas. A peça masculina consistia em uma túnica e sobre ela uma capa - toga usada muitas vezes como único traje.



FIGURA 27 - Romano usando toga

Fonte - KÖHLER, 1993. p.136.

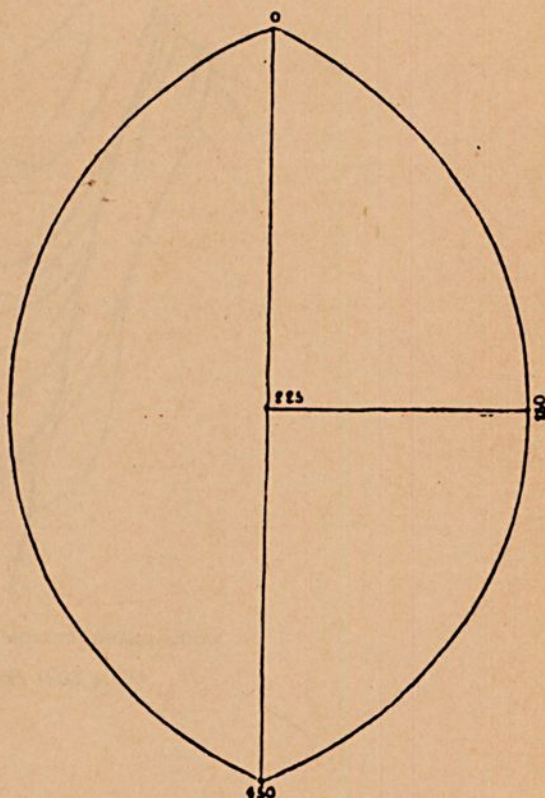


FIGURA 28 - Molde da toga romana

Fonte - KÖHLER, 1993. p.135.

O que se observa na confecção desta toga, uma veste tipicamente romana, é a semelhança a uma tebena - relativa a Tebas, cidade da Grécia Antiga e do Antigo Egito - que era formada por dois segmentos de círculo, com dimensões surpreendentes. O comprimento tinha quase três vezes por duas vezes a largura de quem o vestia. Ao ser usada, a toga era dobrada ao meio no maior comprimento formando pregas bem fundas e grossas jogadas por cima do ombro (FIG.27 e 28). Outra vestimenta romana era a pênula - manto ou capa - que diferia da toga apenas pelo feitio do corte, onde percebe-se a diminuição da metragem do tecido para a confecção (FIG.29 e 30).



FIGURA 29 - Como se usava a pênula

Fonte - KÖHLER, 1993. p.137.

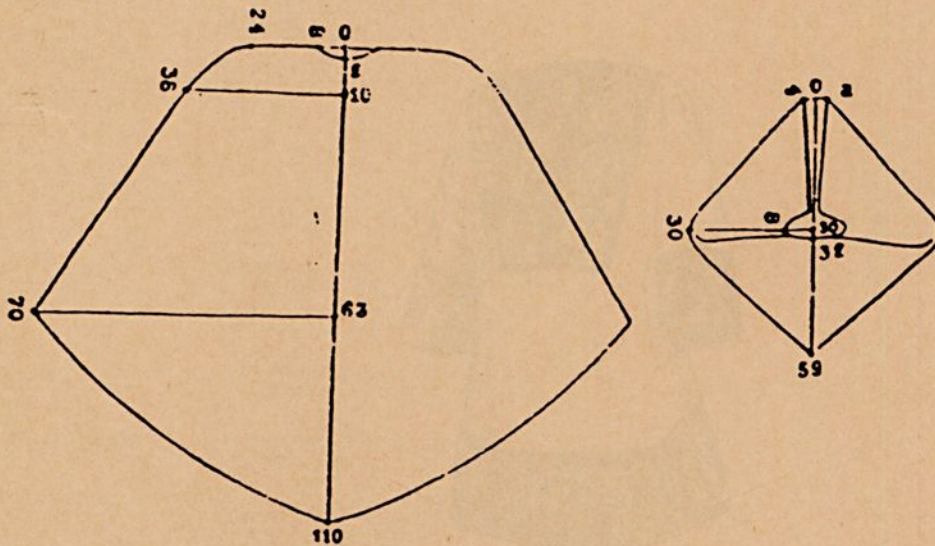


FIGURA 30 - Moldes da pênula romana e touca ou capuz

Fonte - KÖHLER, 1993. p.136.

Neste modelo, como ilustram as figuras, observa-se claramente o arredondamento nos ombros feitos através de arcos de circunferências tangentes com retas formadas pelos ombros e braços, entrando talvez aí, o início da ciência do conforto - a ergonomia -, trazendo mais comodidade ao usuário desse tipo de traje.

Já na Idade Média (séculos XI a XIII), segundo Carl Köhler (1993), relata:

“Os trajes usados na Idade Média baseavam-se nos tipos que se tinham desenvolvido próximo a meados do primeiro milênio, resultantes da mistura de modas nativas com aquelas no final da Antigüidade. Nos primeiros séculos depois da migração das nações (600 d.C.), havia pouca diferença entre os estilos dos trajes corretamente usados pelas diversas nações do Ocidente. Sucedeu-se então um período de desenvolvimento separado, com cada nação seguindo seu próprio gosto, até que as Cruzadas colocaram em contato todos os povos da Europa e reintroduziram uma grande uniformidade. Essa uniformidade contudo, foi extremamente enriquecida pelas férteis influências da antiga civilização oriental, sobre tudo no que diz respeito aos tecidos e ornamentos.

Há uma relação muito estreita entre os estilos dos primórdios da Idade Média e o estilo da indumentária religiosa. Esta última conservou, até nossos dias, características que nos permitem fazer uma idéia muito clara dos trajes usados na Idade Média . Infelizmente, dispomos de muito poucos trajes originais desse longo período. Um deles é a dalmática de seda branca que pertenceu ao imperador Henrique II, e que é um dos tesouros da catedral de Bamberg. As amostras de tecidos e ornamentos entrelaçados são mais numerosas. As iluminuras dos manuscritos antigos e os túmulos ainda existentes ajudam-nos a imaginar melhor como teria sido essa indumentária.” (FIG. 31)



FIGURA 31 - Traje dalmática de seda branca que pertenceu ao Imperador Henrique II

Fonte - KÖHLER, 1993. p. 177.

A seguir, alguns moldes apresentados pelo autor referentes à Idade Média.

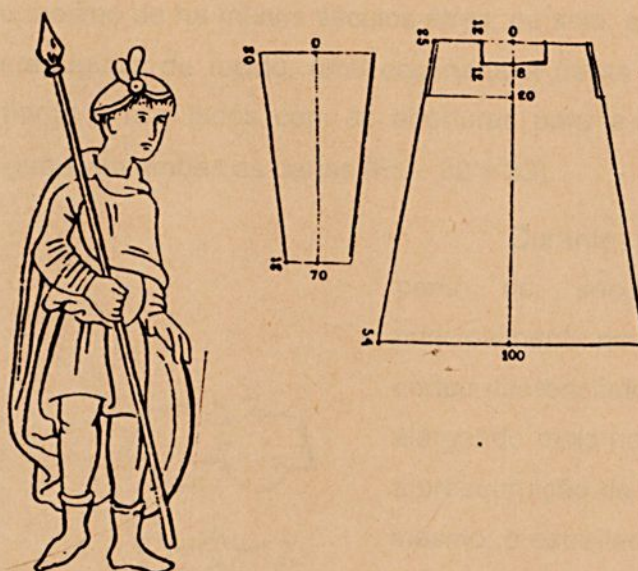


FIGURA 32 - Traje masculino e molde de túnica - Ano 1000

Fonte - KÖHLER, 1993. p. 164.

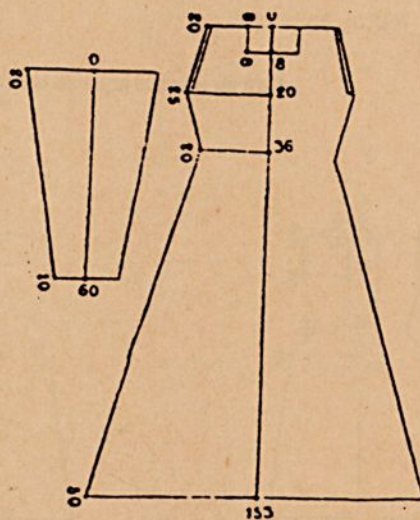
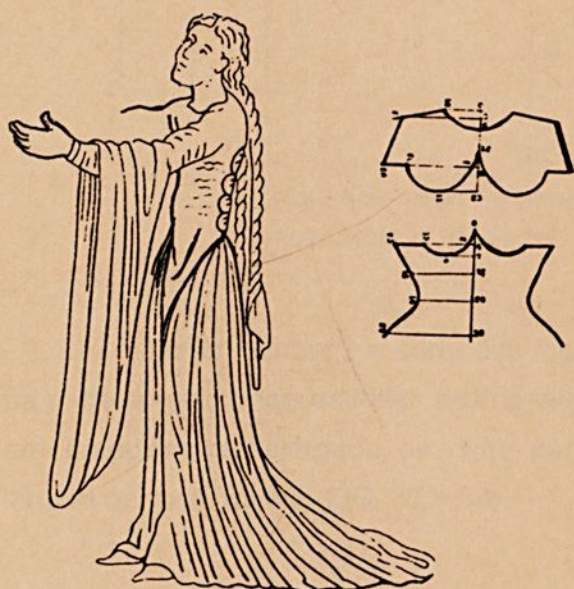


FIGURA 33 - Molde de túnica feminina - Ano 1000

Fonte - KÖHLER, 1993. p.165.

Nas ilustrações mencionadas, percebe-se a preocupação no feitio e corte tanto nas vestes masculinas quanto às femininas, porque até então, o corte de toda essa indumentária era o mesmo de há muitos séculos atrás, ou seja, a túnica ou casaco era feita com duas partes iguais de tecido, uma destinada à frente e outra atrás, sendo costuradas nos ombros e nos lados com as aberturas para a cabeça e os braços, aproximadamente iguais em ambas as partes (FIG. 32 e 33).



Durante esses períodos, a partir do século XI, observa-se principalmente nas vestes femininas, os cortes diferenciados na altura do busto alargando mais na parte da frente com a preocupação de amoldar o volume do mesmo; o estreitamento da cintura com a mesma finalidade; a abertura para a cabeça sendo maior na frente, às vezes redonda ou quadrada e a inclusão de nesgas - peças de pano de formato triangular - adicionadas entre a parte da frente e atrás, na altura dos quadris, para dar maior amplitão às saias (FIG. 34 a 36).

FIGURA 34 - vestido do século XII e molde da parte superior da frente.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.171.

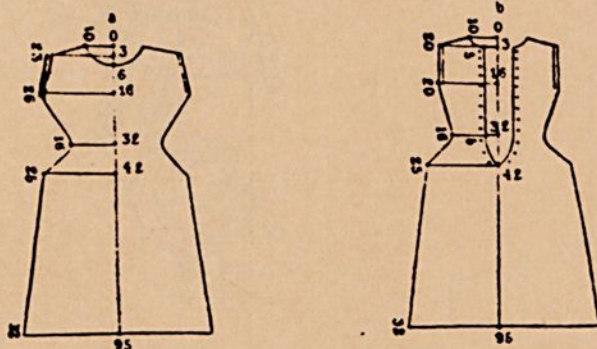


FIGURA 35 - Molde de sobreveste feminina - frente e costas
Fonte - KÖHLER, 1993. p.168.

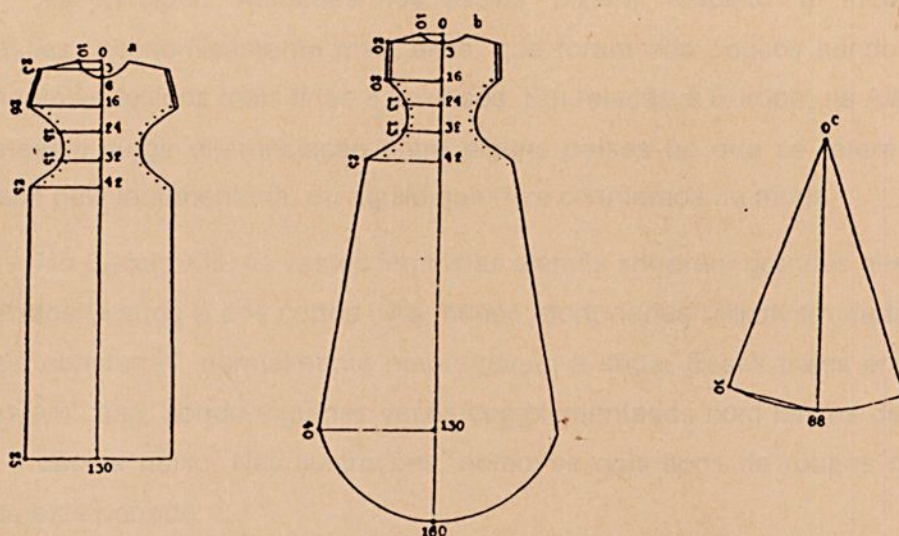


FIGURA 36 - Moldes - sobreveste feminina: frente, costas e nesga do século XII

Fonte - KÖHLER, 1993. p.170.

Nota-se, também, o corte das mangas que eram mais largas na parte inferior; na parte superior mais estreitas acompanhando a grossura do braço. Um tipo de manga era gradualmente alargado de cima para baixo; outro aumentava bruscamente de largura perto do punho (FIG. 37 e 38).



FIGURA 37 - Vestidos de mulheres Alemãs - Século XI

Fonte - KÖHLER, 1993. p.168.

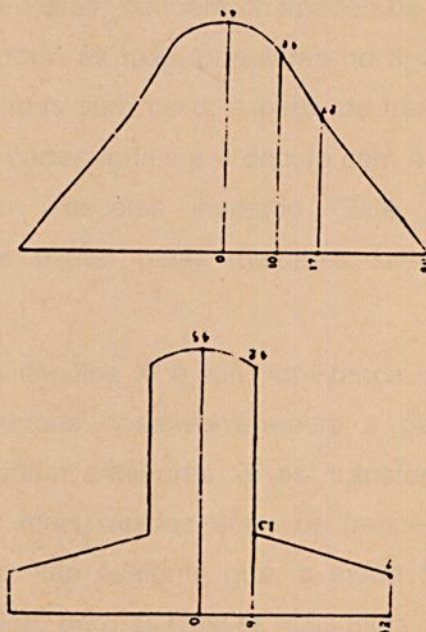


FIGURA 38 - Moldes das mangas dos trajes mostrados na figura 37.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.169.

As principais variações nos estilos diziam respeito à indumentária das classes economicamente mais altas, que foram aos poucos sendo acrescidas de ornamentos e tecidos mais finos e luxuosos. Em relação à Europa, na Alta Idade Média, já começam surgir diferenciação entre alguns países no que se refere à produção e interesse pela indumentária, ou aquilo que hoje chamamos de moda.

No Século XIII, as vestes femininas alemãs sofreram grandes alterações quanto aos tecidos usados e aos cortes. As menos afortunadas utilizavam da lã ou do linho e as mais abastadas, normalmente empregavam a seda. Esses trajes eram comumente usados em casa, sendo algumas vezes complementados com lenços de pescoço para cobrir o decote baixo. Nas ilustrações, notam-se dois tipos de roupas muito utilizados durante este período.



Na Figura 39, modelo e molde respectivamente, observa-se neste último, semelhança a uma túnica com os ombros bem largos, de modo que o tecido caia sobre os braços e sem o corte na separação do corpo com a manga sendo o decote franzido por meio de fita para ajustá-lo, conforme as preferências.

As sobrevestes, também chamadas de cotellae ou cotelettes, foram as mais populares no final desse século. Eram usadas sem cinto, a parte de trás e a da frente tinham os cortes iguais e o decote com o formato de um trapézio isósceles invertido. Este tipo de indumentária era usado pelas mulheres solteiras da época (FIG. 40).

Entre os séculos XI a XIII, na França como na Alemanha, as roupas desenvolveram-se a partir das modas de períodos anteriores e as transformações fizeram-se sentir mais rápidas entre os franceses. No século XIII, já era tão evidente que, a moda francesa passou a ser padrão para as classes mais altas de todos os povos da Europa Central.

FIGURA 39 - Vestido alemão do século XIII e molde

Fonte - KÖHLER, 1993. p.172.

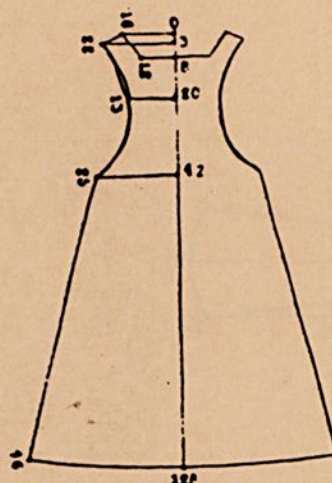


FIGURA 40 - Vestido Alemão e molde da sobreveste - Século XIII

Fonte - KÖHLER, 1993. p.173.

Pode-se sentir isso através da observação das figuras das vestimentas femininas e masculinas (FIG. 42 a 45).

Na indumentária feminina a transformação mais realçada foi no feitio das mangas que, a partir dos ombros, caíam contornando os braços e na altura dos cotovelos alargavam-se bruscamente em formato de balão, ou na altura dos punhos que caíam em faixas pendentes e chegavam até os pés (FIG. 41 e 42).

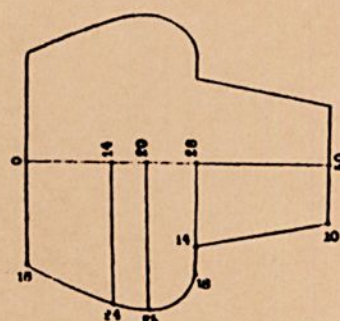
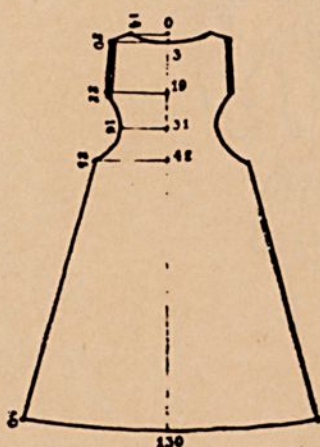


FIGURA 41 - Moldes - Vestido e mangas usado na França no Século XII

FORTE - KÖHLER, 1993. p.181.

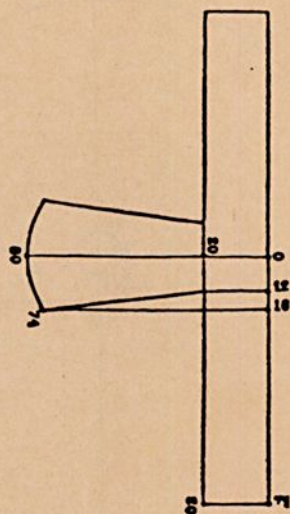


FIGURA 42 - Vestido francês e molde da manga - Século XII
 FONTE - KÖHLER, 1993. p.182.

Já a indumentária masculina inicia-se com o uso do gibão - originariamente um casaco - que ia até a cintura e alargava-se até a altura dos quadris, mangas compridas, ombros largos e gola alta (FIG.43). Os nobres usavam como sobreveste uma capa circular com aberturas para a cabeça e o braço esquerdo, toda ela ornamentada e incrustada com pedras preciosas e peles (FIG. 44).



FIGURA 43 - Traje masculino Francês - Século XIII
 Fonte - KÖHLER, 1993. p.183.

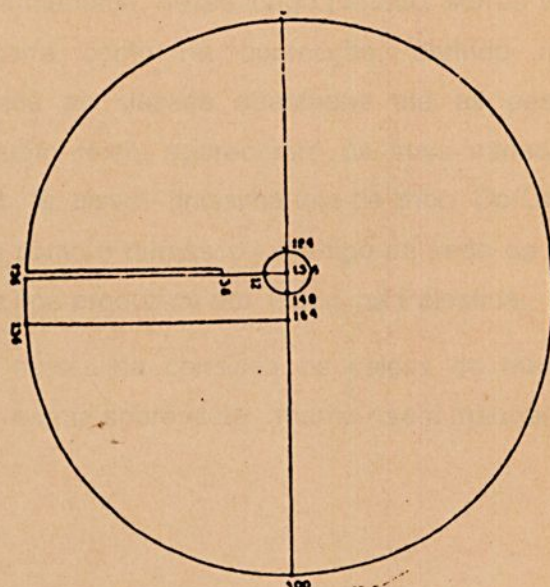


FIGURA 44 - Traje Real francês e molde da capa

Fonte - KÖHLER, 1993. p.184-5.

Na Inglaterra, por volta do século XII, o vestuário inglês também mostrava muitas inovações, confirmando já naquela época que as novas modas eram prontamente aceitas. As variações mais marcantes estavam na diversidade das mangas com diversos tipos de feitos, e inclusão de várias nesgas dando maior amplitude às saias das vestes femininas. Os casacos masculinos, que serviam também como sobrevestes, eram mais curtos e largos com acréscimos de algumas nesgas (FIG. 45).



FIGURA 45 - Vestido francês e mangas tipo saco - Século XV

Fonte - KÖHLER, 1993. p.206.

Entre os séculos XIV e XVIII a indumentária, nesse longo período, sofreu várias modificações nos estilos, tanto no corte como na confecção, abrindo novas possibilidades de vestes atraentes, desde as classes abastadas até as pessoas comuns. Com o crescimento do artesanato têxtil, apareceram os mais variados e luxuosos tecidos como: seda, veludo, linho, lã, bisso - finíssima tela de linho. Do Oriente chegavam as vestes de tecidos preciosos como o damasco - um tipo de seda da Síria, originário de Damasco; e a gase - fazenda fina produzida em Gaza, na Palestina.

No século XIV, a indumentária masculina consistia de calças de malha e corpete justo, gibão curto, preso à cintura e uma sobreveste - manto - sem manga(FIG. 46).

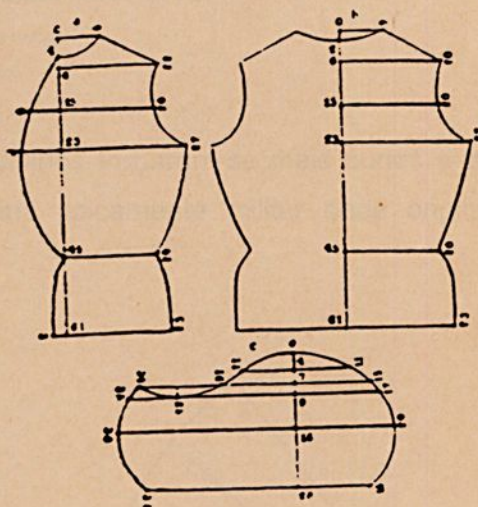


FIGURA 46 - Traje masculino e molde c. 1400

Fonte - KÖHLER, 1993. p.201-2.

As vestes femininas eram longas, de cores suaves, modelando o corpo até acima dos quadris e amplas na barra, as mangas eram justas e compridas. Do cotovelo pendiam até o chão faixas ornadas de tecidos preciosos, ou peles ou bordados com pedrarias, o mesmo orlava o decote redondo. As mulheres cobriam o vestido com uma capa - robe, originalmente do francês robe de chambre e era uma peça folgada - sem ou com mangas muito largas, semelhantes a um casaco, geralmente feito de tecido leve e luxuoso (FIG. 47).

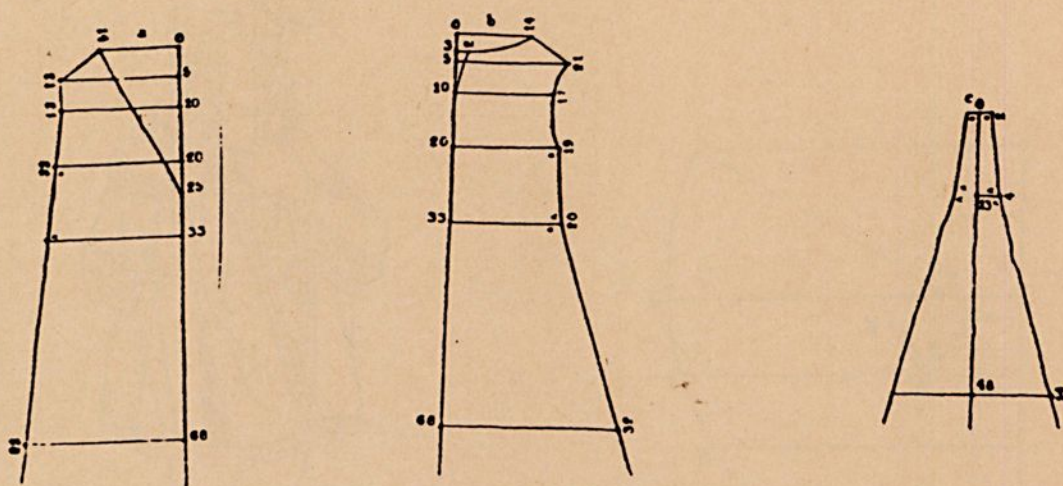
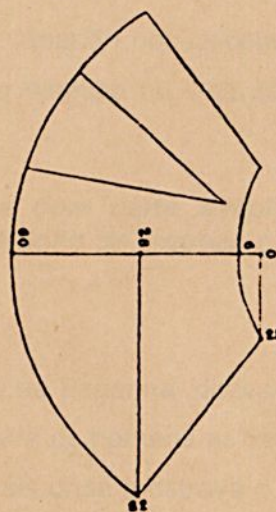


FIGURA 47 - Molde de robe feminino do século XV

frente, costas e nesga

Fonte - KÖHLER, 1993. p.207.

No século seguinte, os trajes masculinos tornaram-se mais curtos e as meias mais longas, advindo daí uma indumentária tipicamente militar onde originou-se a jaqueta, aberta dos lados (FIG. 48 e 49).

FIGURA 48 - Traje masculino alemão e molde da capa
Fonte - KÖHLER, 1993. p.229.

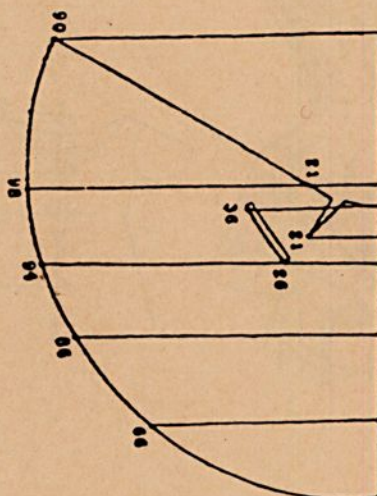


FIGURA 49 - Vestuário masculino alemão e molde da sobreveste

Fonte - KÖHLER, 1993. p.228.

Já as vestes femininas eram as mesmas, variando nos decotes -redondo e/ou quadrado - e mais luxuosas, expressando o senso estético na vida do Renascimento, segundo Dicionário enciclopédia II. (s/d) :

"A burguesia mercantil vestia-se ainda com certa simplicidade. Mas a nobreza fazia das roupas uma demonstração de riqueza e poderio." (FIG. 50 a 55)

Também na Península Ibérica, em especial na Espanha, ditava-se o manual da elegância da época - século XVI - onde dizia que para os homens as vestes adequadas eram as calças largas e paletós com aberturas laterais onde mostrava o tecido de baixo. E as mulheres deveriam vestir-se com esmerado corpete (FIG. 55).

Tais modificações deveram-se, em parte, aos caprichos que o rei francês aponta nessa corte.



FIGURA 50 - Vestido inglês e molde - século XV

Fonte - KÖHLER, 1993, p.213.

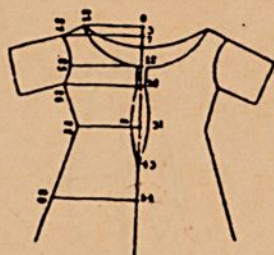
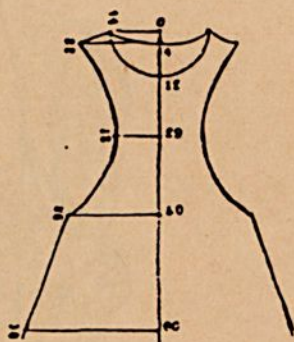


FIGURA 51 - Molde e vestido (veste de baixo)

Fonte - KÖHLER, 1993, p.231.

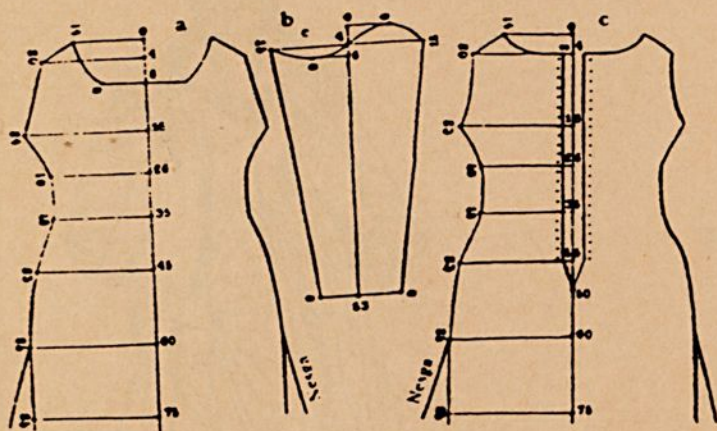


FIGURA 52 - Molde de vestido do século XV

parte de trás, manga e parte da frente.

Fonte - KÖHLER, 1993, p.221.



FIGURA 53 - Trajes femininos alemães do século XV

Fonte - KÖHLER, 1993, p.232.

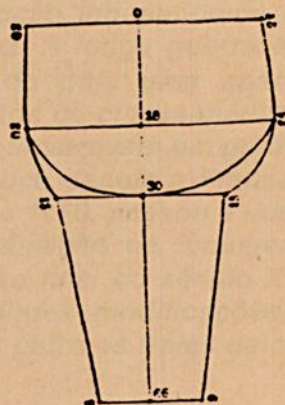


FIGURA 54 - Traje masculino espanhol do século XVI e molde do calção

Fonte - KÖHLER, 1993. p.268.

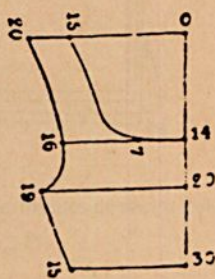
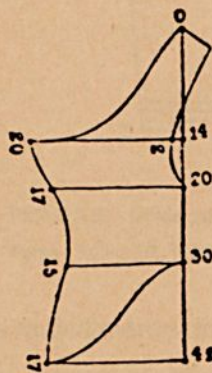


FIGURA 55 - Vestido francês da época de Carlos IX e molde de corpete

Fonte - KÖHLER, 1193. p.292-3.

Segundo Köhler (1993):

“Ao iniciar-se o século XVII, quase todos os países europeus começaram a abandonar os estilos espanhóis. Os trajes rígidos desapareceram, dando lugar aos estilos mais naturais de indumentária. Durante a guerra dos Trinta Anos, a Alemanha passou por uma evolução independente cujos efeitos se estenderam inclusive à moda francesa. A longa guerra afetou todas as profissões conferindo aos homens do país uma aparência guerreira. Não só aos jovens, os nobres e cidadãos de classe média, mas até mesmo os eruditos e os membros do clero se mostravam em gibões de couro e com espadas, “de botas e esporas”. Pouco depois a França deu uma forma definida aos novos estilos e, a partir de 1650, passou a liderar a moda européia. Esse período corresponde à transição da indumentária espanhola para a francesa. Ainda que próximo ao final do século XVI os trajes espanhóis já tivessem passado por grandes modificações, sua forma original continuara, até então, a prevalecer entre os trajes da corte.”
(FIG. 56 e 57)

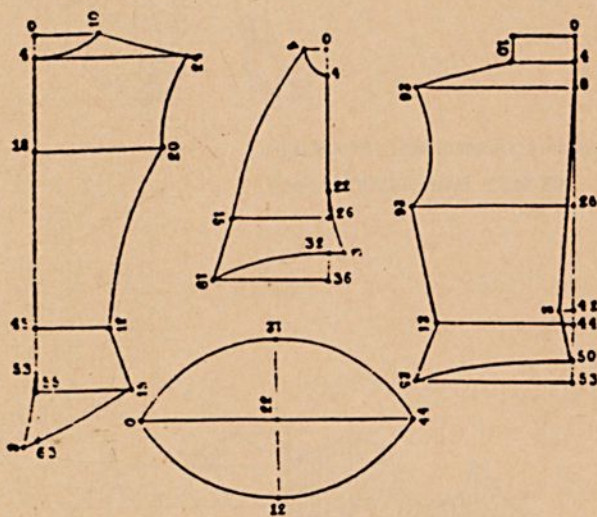


FIGURA 56 - Gibão franco-espanhol, início do século XVII

Fonte - KÖHLER, 1993. p.359.

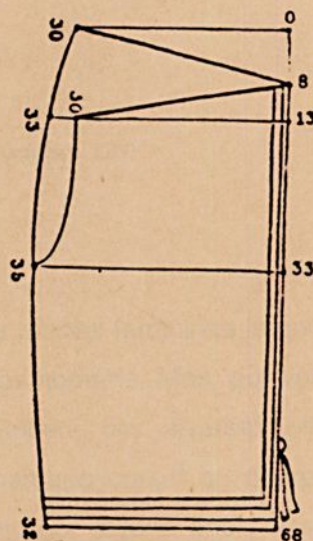


FIGURA 57 - Molde calção, meados do século XVII

Fonte - KÖHLER, 1993. p.371.

Por volta de 1700, a indumentária diferia radicalmente do que tinha sido em épocas anteriores. O novo estilo chamava-se justaucorps - uma evolução do gibão franco-espanhol, conservando-se em uso até o final do século XVIII, com sucessivas modificações. O seu corte manteve-se por vários anos e, visivelmente, percebia-se o desenvolvimento da casaque (casaco, paletó) luxuosamente decorado com galões de ouro. As mudanças

posteriores afetaram mais as mangas que eram mais estreitas e com punhos largos ou estreitos e dobrados (FIG. 58).

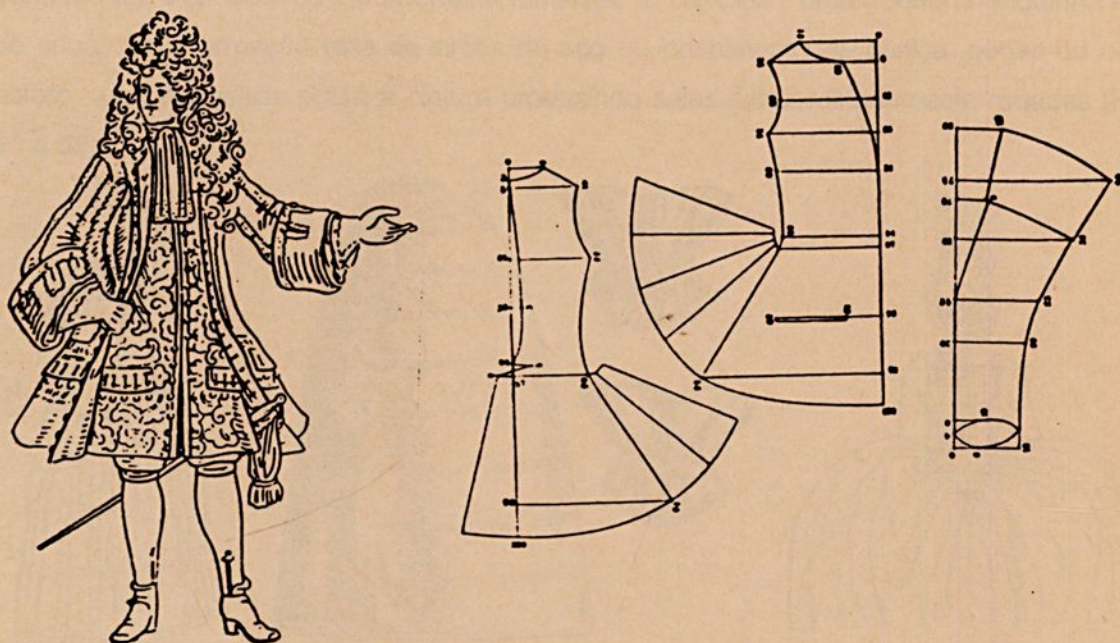


FIGURA 58 - Traje masculino francês e molde de Justaucorps, c. 1700

Fonte - KÖHLER, 1993. p.379, 381.

As roupas femininas lembravam muito os trajes dos homens. Mas, por volta de 1620, passam também por diversas alterações. O corpete, chamado corset ou pourpoint, teve o mesmo feitiço por alguns anos. Era endurecido com barbatanas com um decote quadrado, antes arredondado na frente, muito semelhante ao gibão masculino (FIG. 59). Posteriormente, as barbatanas foram abandonadas, desaparecendo assim a curvatura da cintura.

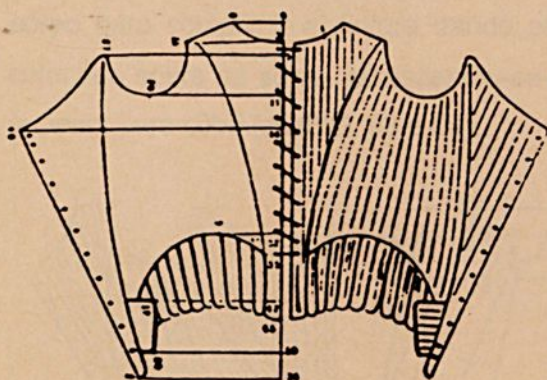


FIGURA 59 - Espartilho, segunda metade do século XVII

Fonte - KÖHLER, 1993. p.389.

Acrescentaram-se abas para dar volume aos quadris, mas a moda não teve aceitação. Para obter então o volume desejado nos quadris, usavam-se inúmeras anáguas, surgindo daí o símbolo da indumentária feminina, a "crinolina", uma pequena anquinha feita de crina - uma armação feita de arcos de aço ou enchimento de cortiça, penas ou outro estofado - que era usada presa à cintura produzindo saias extraordinariamente rodadas (FIG. 60 a 62).



FIGURA 60 - Vestido, c.1776
Fonte - KÖHLER, 1993. p.451.

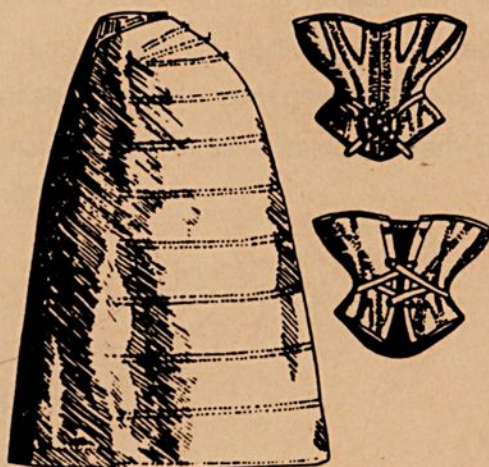


FIGURA 61 - Crinolina e corpete (frente e costas)
Fonte - KÖHLER, 1993. p.533.



FIGURA 62 - Vestido, c. 1787
Fonte - KÖHLER, 1993. p.447.

Com a abolição das abas, o corpete volta a fazer parte da sobreveste com decote baixo circundado em toda a volta por uma gola de seda lisa e clara ou por rendas. Vários anos depois o corpete tornou-se menos decotado e sob ele as mulheres adotaram o espartilho - colete com barbatanas de baleia ou lâminas de aço que era usado junto ao corpo para comprimir a cintura dando elegância ao corpo, e como este não podia ser colocado sobre os seios, acrescentou-se-lhe um largo e rígido babado de renda na parte superior para cobri-los (FIG. 63 e 64).

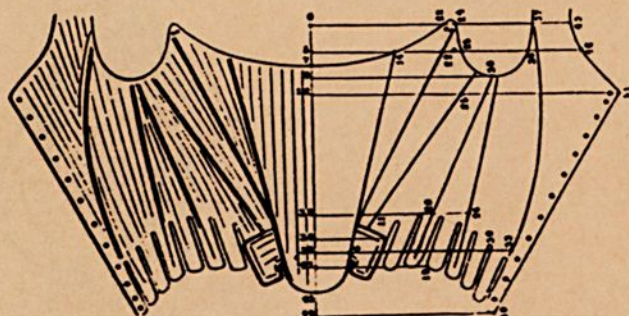


FIGURA 63 - Molde e espartilho da primeira metade do século XVIII
Fonte - KÖHLER, 1993. p.420.



Ao final do século XVII, a evolução da indumentária européia chega ao seu ponto mais alto. A liderança da França era visível tanto na política quanto na moda graças ao surgimento de:

“periódicos como o *Journal des Luxus und der Moden*, editado por Bertuch, em Weimar” (Köhler - 1993)

Em meados do século XVIII, as roupas femininas passaram por modificações maiores que as das masculinas. Os vestidos eram usados com anquinhas, que haviam saído de moda há quase um século, com novos modelos e formatos para achatar as saias na frente e produzir mais volume atrás, e as saias eram costuradas junto ao corpete e sob ele o espartilho (65 e 66).



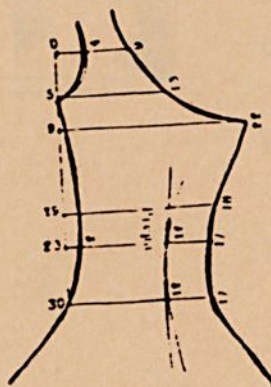
FIGURA 64 - Dama, primeira metade do século XVIII
Fonte - KÖHLER, 1993. p.422.



FIGURA 65 - Dama usando robe, século XVIII
Fonte - KÖHLER, 1993. p.424.



FIGURA 66. Vestido do século XVIII e molde da metade da parte da frente
Fonte - KÖHLER, 1993. p.424-5.



Enquanto nos três primeiros quartos do século XVIII não houve mudanças significativas na moda masculina, na feminina as alterações vão se ampliando cada vez mais tomando-a sofisticada e detalhista.

A criação da moda feminina vai se tomando importante a ponto da Encyclopédie méthodique de 1748, publicar uma gravura mostrando uma sala de trabalho de uma costureira e diagramas do método de corte (FIG. 67).

Uma oficina de costura, requeria mais do que um grupo de artesãs ou seja muita técnica, muita arte e muito tecido.

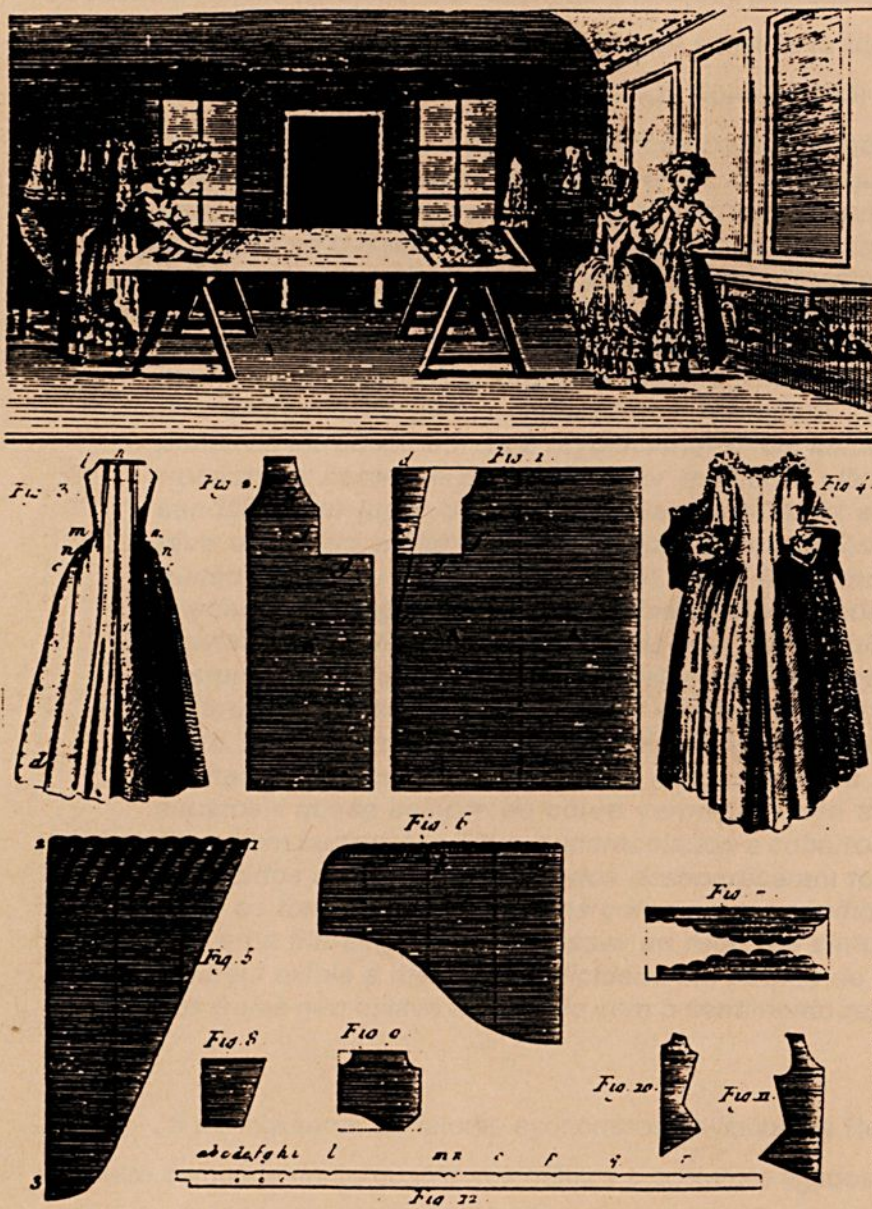


FIGURA 67 - Oficina de costura, modelo e método de corte, c. 1748.

Fonte - LAVER, 1990. p.133.

A segunda metade do século XVII e princípio do século XVIII marcou uma época decisiva na história Européia. Coincidem as revoluções políticas e econômicas que mudaram radicalmente os costumes das sociedades. França e Inglaterra lideram tais revoluções.

Sobre as mudanças ocorridas na França, Köhler (1993) assinala que:

“Entre 1791 e 1792 - anos tão fatídicos para a monarquia francesa - todos os ornamentos das roupas desapareceram, e ainda que os estilos em voga no passado tenham sobrevivido por algum tempo, também saíram de cena ao instaurar-se o Reinado do Terror. Ricos e pobres tinham o cuidado de vestir-se da maneira mais despojada possível, pois qualquer pessoa cuja aparência a colocasse sob a suspeita de ser um aristocrata corria risco de vida. Nesse período, mesmo os homens mais ricos saíam às ruas com pantalonas de linho azul e jaqueta curta (camargnole), usadas pelos operários, e o gorro vermelho dos escravos de galé - símbolo dos jacobinos. Os franceses chegaram a ponto de introduzir um traje revolucionário: em imitação aos modelos gregos, trocaram a casaca e os calções por quitãos e clâmides e passaram a usar sandálias em lugar de sapatos. Esse extremado sentimento revolucionário teve um apelo muito mais forte junto às mulheres do que aos homens. O quitão grego, ou túnica - um traje de estilo semelhante ao das camisas então usadas pelas inglesas - , foi escolhido como a indumentária típica do novo movimento do vestuário, que atingiu seu ponto culminante em 1800, com o costume à la sauvage. Todas as vestes de baixo foram eliminadas; o peito e os braços ficavam nus. Os tecidos empregados na confecção desses trajes eram sempre os de espessura mais fina, por baixo dos quais se usavam malhas justas cor de carne, com nesgas e ligas de cores brilhantes. Os sapatos - quase sempre de couro vermelho - não tinham saltos. Os cabelos eram bem curtos, à la Titus, encaracolados e cobertos por um turbante. Os tecidos coloridos e decorados desapareceram totalmente. Cinza e branco eram os tons preferidos; outras cores eram permitidas somente no xale bem fino e na fita tingida que se usava ao redor da cintura. A roupa dos homens também exibía a mesma simplicidade em termos de cor e feitio. a ostentação nos trajes não estava de acordo com o sentimento republicano.”

Já na Inglaterra, os fatores econômicos advindos da Revolução Industrial indicam um outro comportamento quanto aos hábitos e costumes ligados ao vestuário. Ao contrário da França, os ingleses investiram vigorosamente na produção têxtil e na criação de todo maquinário - os teares, máquinas fiandeiras - destinados à produção em série de tecidos, sem dúvida um dos principais produtos que lideraram a Revolução Industrial inglesa ao lado das máquinas a vapor e da ferrovia (FIG 68 e 70).

Paul Mantoux (s/d) em sua conceituada obra *A Revolução Industrial no Século XVIII*, publicada em 1992 pela Editora Unesp/Hucitec assinala que foi a indústria têxtil que forneceu o primeiro exemplo do maquinismo, ou seja, a produção contínua de máquinas e sua utilização pelo homem como extensão da força motriz e técnica.

O autor trata das grandes mudanças tecnológicas advindas dos teares manuais para os teares mecânicos, especialmente em relação às confecções com lã - o tricô manual que talvez seja o mais familiar método de produção de tecidos - a malha. Esse processo era o mais popular entre as mulheres de todas as idades.



FIGURA 68 - Lançadeira - peça dos teares manuais
Fonte - ARP, 1988. p.24.

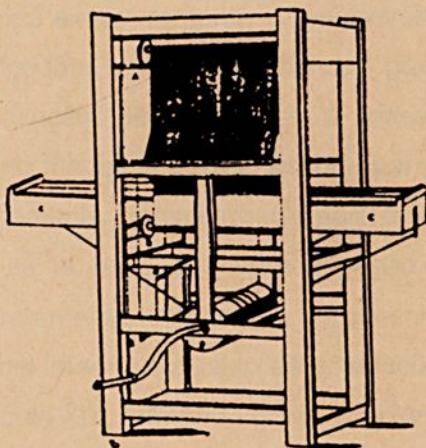


FIGURA 69 - Tear mecânico, c. 1784
Fonte - ABRIL, vol.7, 1973. p.2537.



FIGURA 70 - Tear para tecidos trabalhados, criados por Jacquard.
Fonte - ARP, 1988. p.24.

No livro “A História da Camiseta” (1988) cita que, A. Urlaub elaborou um resumo histórico e uma definição dessa atividade:

“Fazer tecidos é uma arte moderna. Embora sejam encontrados em diversos museus exemplares de malhas produzidas ao final do século XV, elas sempre foram, na realidade, feitas pelos marinheiros e habitantes das orlas marítimas da Espanha, Dinamarca e norte da Inglaterra. A tricotagem manual com o uso de agulhas lisas ou com pontas em forma de ganchos, para formação de tecidos mediante o entrelaçamento de fios, não se modificou com o correr do tempo, mas as adaptações mecânicas foram muito além das antigas teorias artesanais. Na realidade, as máquinas para a fabricação de malhas são consideradas por este autor entre as mais importantes invenções realizadas no mundo.”

Discorrendo exaustivamente sobre a evolução tecnológica na produção de tecidos, sobretudo lã e algodão, Mantoux afirma que graças a essa preocupação constante dos ingleses na fabricação de tecidos e o desenvolvimento de pesquisas visando o aperfeiçoamento do maquinário têxtil, acabou por encontrar muitas soluções tecnológicas e industriais oportunamente transplantadas para outros tipos de maquinário.

Percebe-se, no texto, que a preocupação com a fabricação de tecidos estaria, entre outras causas, diretamente relacionada ao consumo das vestimentas. A literatura sobre a Revolução Industrial informa o quanto as populações européias cresceram e se expandiram no decorrer do século XIX, formando grandes aglomerados urbanos.

Ora, essa população emergente, em parte egressa da zona rural, não dispunha mais de tempo para coser sua própria roupa, seu próprio tecido. As atividades dos operários dos oitocentos consumiam muitas vezes, até dezoito horas de trabalho nas minas, siderúrgicas e nas fábricas.

Empregavam-se homens, mulheres e crianças em trabalho fabril, tirando-lhes toda possibilidade de efetuar outros trabalhos em casa. Além disso, a sociedade operária vivia em extrema miséria, pois os salários eram baixíssimos e o sistema de vida escravagista. Apenas como ilustração dessa problemática do homem versus máquina, vale a pena citar Leo Huberman (1981) em “História da Riqueza do Homem” o qual relata a violência que ocorria na Inglaterra nessa época: ***“... Foi a máquina que roubou o trabalho dos homens e reduziu o preço das mercadorias. A máquina - eis o inimigo. Quando homens desesperados chegavam a essa conclusão, o passo seguinte era inevitável.***

Destruir máquinas. Máquinas de tecer renda, de tecer meias, máquinas de fiar (grifo nosso) - ***todas as máquinas que pareciam à certos trabalhadores em certos***

lugares terem provocado a miséria e fome. - foram destruídas, esmagadas ou queimadas."

Observa-se que o texto cita apenas máquinas ligadas à fabricação de tecidos e vestuário, comprovando a importância que a Revolução Industrial deu à indústria de tecidos e futuramente às confecções.

Esses equipamentos que mecanizaram os processos manuais anteriores, se transformaram em fábricas, surgindo o maior número delas na Inglaterra, depois França, Itália e demais países da Europa.

Com as mudanças no sistema produtivo, a Inglaterra detinha a liderança na expansão sistemática do setor têxtil na primeira fase da revolução.

A história da roupa industrializada tem seu início com a invenção da máquina de costura em 1830 e só se tornou praticável em 1843 com vários aperfeiçoamentos. Inicialmente usada na fabricação de calçados, em 1850 produzia também roupa masculina de baixo custo. No "ano das revoluções", prosperidade crescente significava maior qualidade e aprimoramento tanto nas máquinas quanto nas confecções de roupas e conseqüentemente ao método de traçado do desenho. Surge em 1850 nos Estados Unidos a máquina de costura Singer, possibilitando dessa forma, alguns anos depois, a "era de ouro" dos grandes costureiros - a maior talvez da história do vestuário. Os grandes costureiros de Paris passam a usá-la e, em 1860, quase toda roupa era feita à máquina, dando início à padronização, estabelecendo bases para a indústria de prêt-à-porter - expressão francesa - que significa a roupa comprada feita - até a década de 90. Surgem as principais capitais da moda dos séculos XIX e XX : Paris, Londres, Nova York, Roma e Milão.

As vestes masculinas passam a ser a casaca e os calções. As remodelações da casaca foram diversas e houve vários estilos, todos eles em popularidade. Ao final, resultam em dois predominantes - sendo um usado pelos homens da classe média e o outro pelos oficiais militares. O molde de ambos estilos era inspirado na casaca inglesa. Nas costas o corte era mais estreito e as abas foram reduzidas e também os comprimentos. Mais tarde surge um outro estilo usado na França - casaco de equitação inglês (FIG. 71).

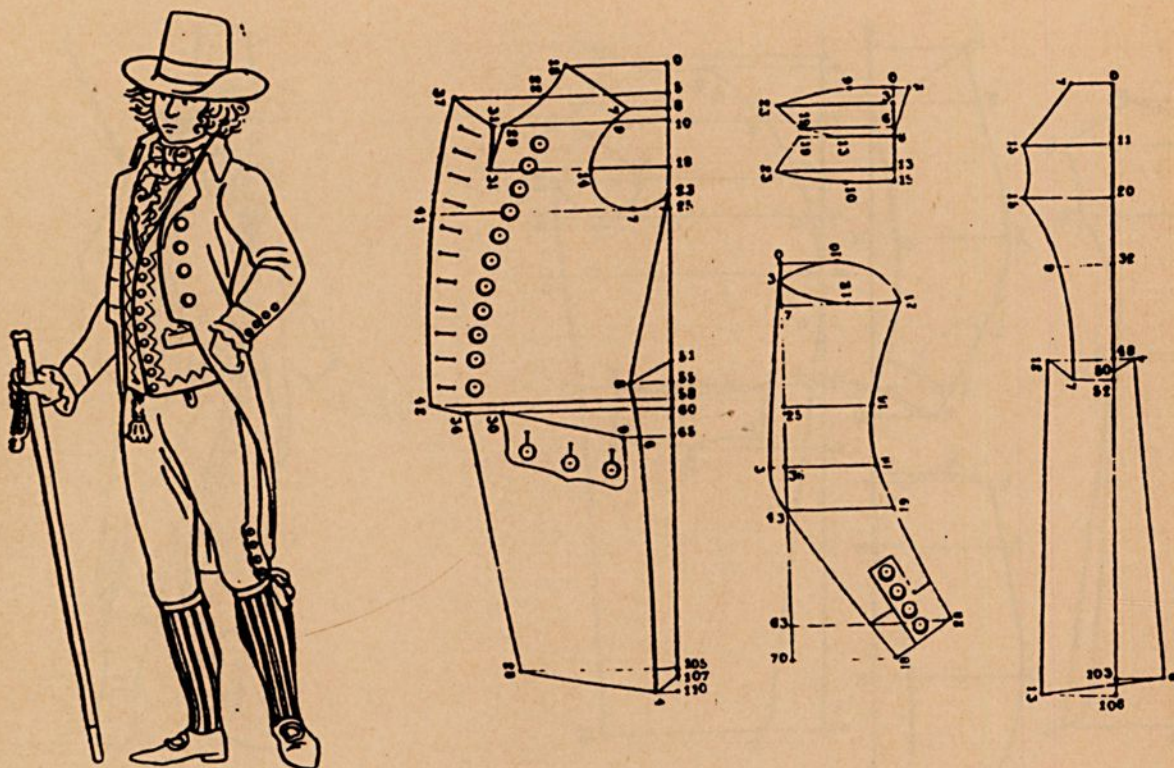


FIGURA 71 - Traje masculino, c. 1790 e molde de um casaco inglês para equitação.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.464-5.

A diferença em relação aos outros eram a duas fileiras de botões - trespassados - permitindo o abotoamento à direita ou à esquerda, a gola era alta podendo ser dobrada, a cintura mais curta e as lapelas do peito, às vezes exageradas.

Outra modificação surgiu com extremidades arredondadas e uma só fileira de botões usado tanto em equitação e às vezes em outras ocasiões. Estes estilos de casaca conservaram por muito tempo o mesmo corte, como podemos observar nas ilustrações das Figuras 72 a 74 - com algumas variantes quanto aos tecidos confeccionados, botões trabalhados, bordados, diferentes acréscimos de lapelas de bolsos e uso dos coletes.

Com a Revolução, foram banidas todas as diferenças e os homens passaram a dar mais importância ao conforto em suas vestimentas. A casaca passa a ser mais larga e de abas mais compridas - capote - advindo daí o sobretudo (FIG. 73).

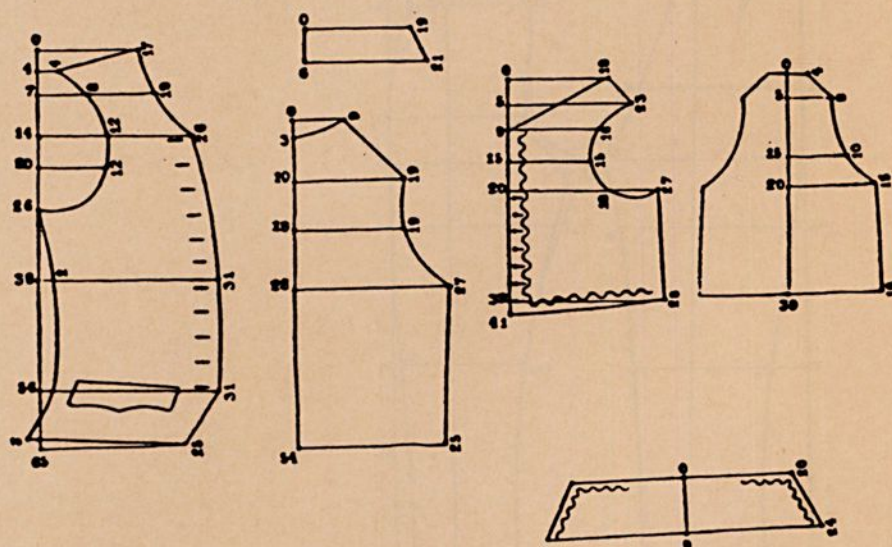
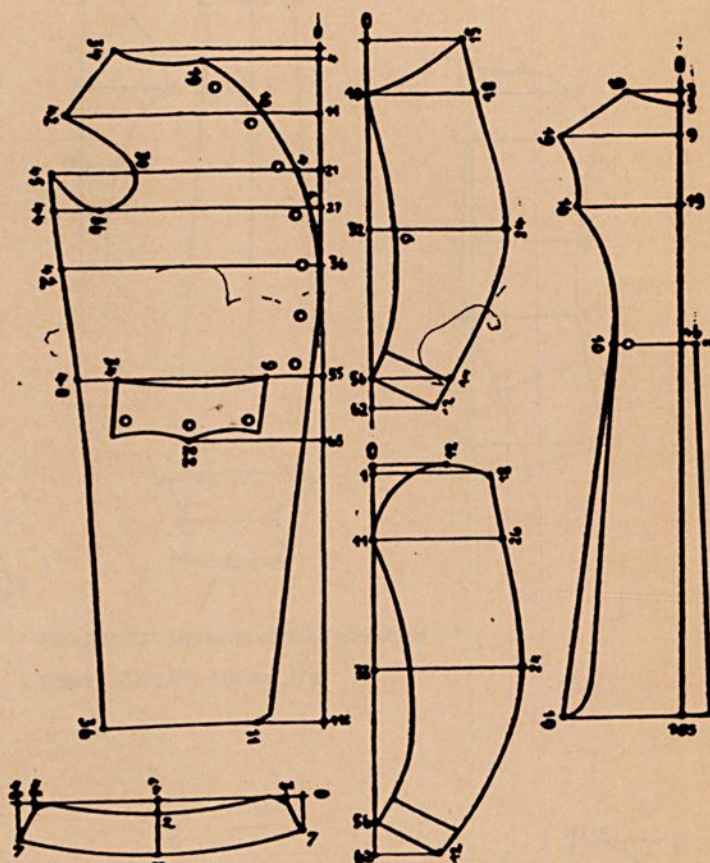


FIGURA 72 - Trajes masculinos, 1791 a 1804 e moldes : a) casaca; b) colete e c) colete - spencer

Fonte - KÖHLER, 1993. p.462, 471, 477.

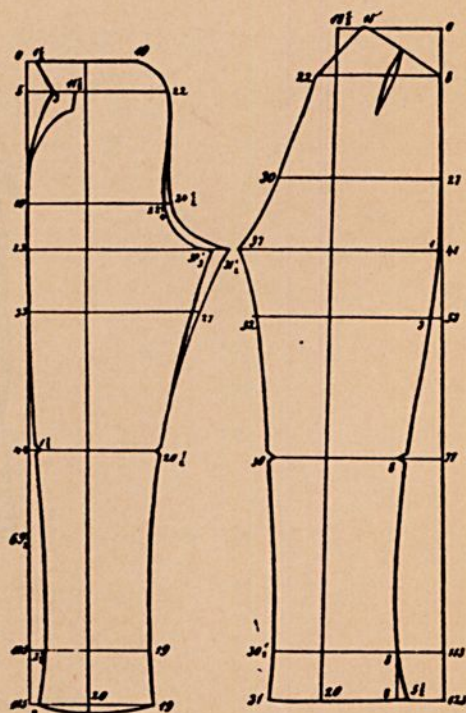
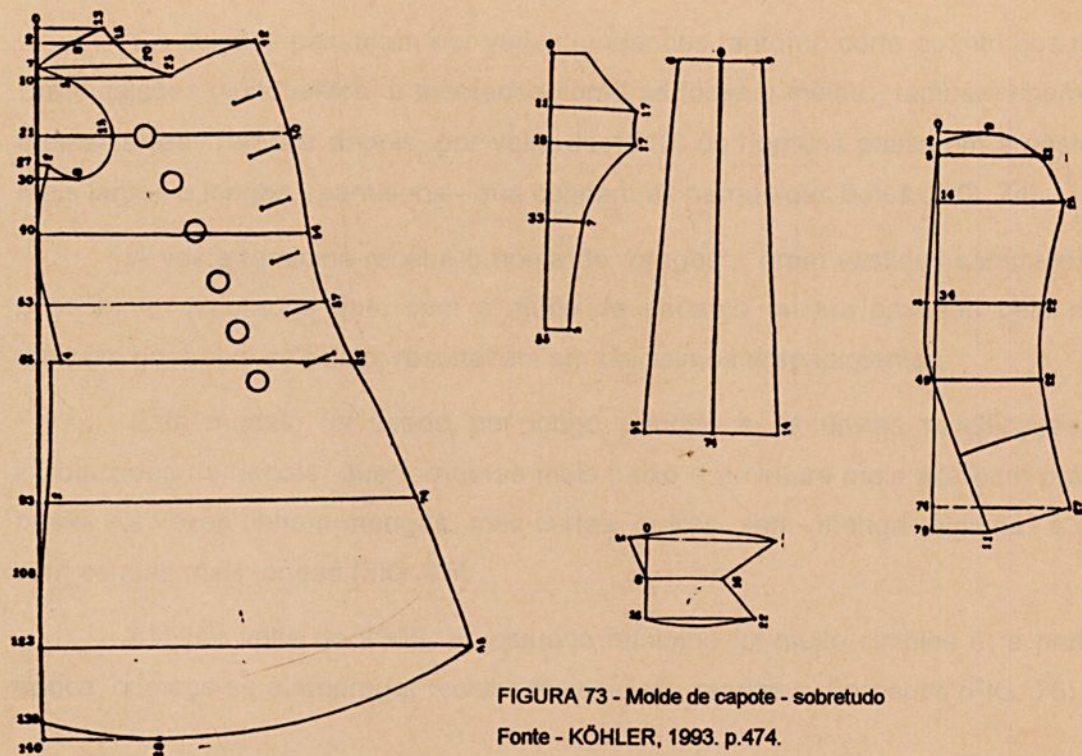


FIGURA 74 - Traje masculino - casaca e calça larga de 1818 e molde de calça
 Fonte - KÖHLER, 1993. p.481,504.

Os calções passaram por várias mudanças tanto no corte quanto nos modelos. Eram calções muito justos e tricotados como se fossem meias - também chamados de meias-calças. Tempos depois, por volta de 1810, os homens passaram a vestir calças mais largas e longas - pantalons - que cobriam as pernas das botas (FIG. 74).

A veste feminina recebe o nome de "gregos", eram vestidos compridos, largos e bastante decotados que, com a ajuda de cadaço ou fita passado pelo decote e também por baixo do busto, resultavam em belíssimos drapejamentos.

Este modelo foi usado por longo período e as únicas modificações foram introduzidas no decote, que tornou-se mais baixo e a cintura mais alta bem próxima ao busto. Às vezes tinham mangas, mas curtas, outras sem manga alguma e as saias com caudas mais longas (FIG. 75).

Até por volta de 1805, o vestuário feminino foi muito simples e, a partir desta época, começa-se a empregar tecidos mais leves, rendas e bordados (FIG. 76).



FIGURA 75 - Vestido em cambráia bordada, c. 1800.

Fonte - KÖHLER, 1993, p.484.

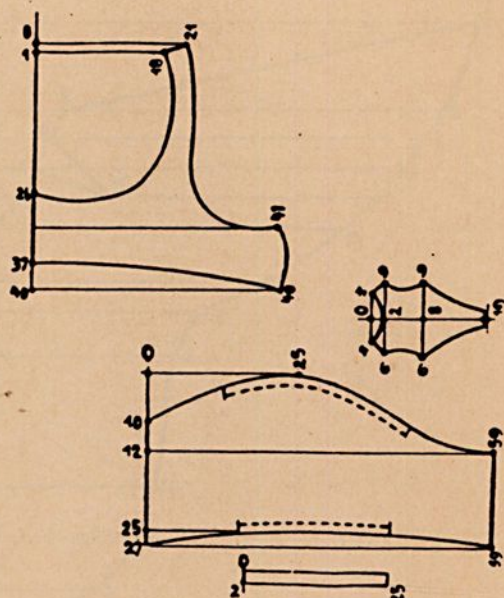


FIGURA 76 - Vestido caseiro, 1810 - frente e costas - e molde da parte superior.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.485.



Nas primeiras décadas do século XIX, o espartilho, que havia saído de moda no século anterior, volta a ser usado e durante aproximadamente cem anos foi a peça fundamental do traje feminino europeu. As saias voltam a ser mais amplas com ajuda de várias anáguas e o seu peso tornou-se insuportável e, em 1856, foram substituídas pelas anáguas de arcos - crinolina - e como sobreveste surge a mantilha (Fig. 77 a 80).

FIGURA 77 - Vestido, década de 1850, com saia sustentada por inúmeras anáguas.

Fonte - LAVER, 1990. p.176.



FIGURA 78 - Anágua de crinolina, c. 1860.

Fonte - LAVER, 1990. p.179.

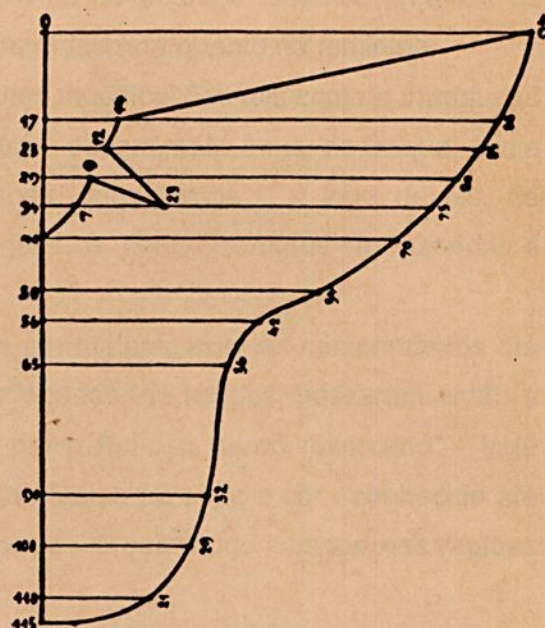


FIGURA 79 - Molde de mantilha

Fonte - KÖHLER, 1993. p.538.

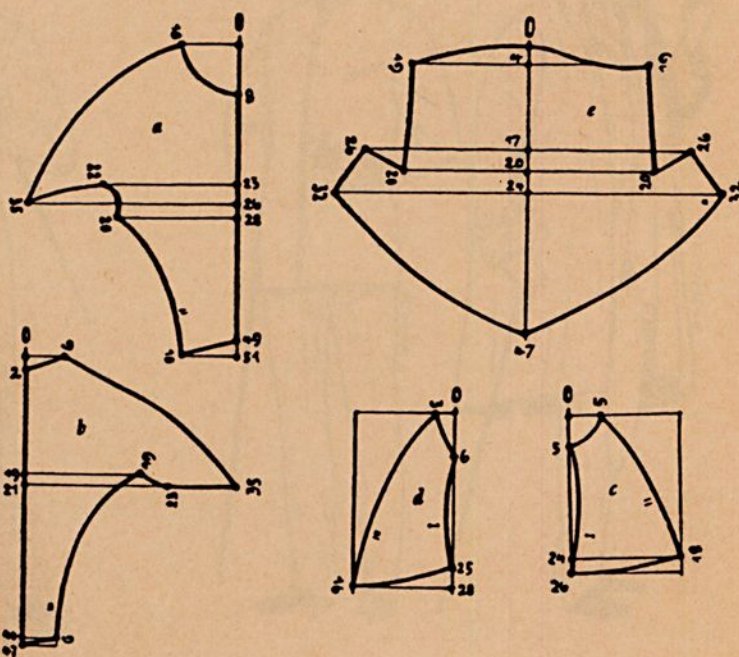


FIGURA 80 - Jaqueta de tafetá preta com bordados e debruns, 1862.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.541-2.

Dentre as observações feitas, durante os novecentos, deve-se enfatizar as mudanças de vários estilos, tanto na indumentária masculina quanto na feminina.

As vestes masculinas passam por várias modificações tais como a introdução da casaca, já citada, curtas na frente e longa atrás, denominada, hoje, de fraque - traje de cerimônia, bem ajustado no tronco, com abas longas atrás -, e logo depois, de comprimentos iguais chegando até próximo aos joelhos, confeccionadas em fazendas e cores diferentes das calças.

As calças, antes eram justas e feitas em malhas, com os comprimentos até os joelhos e, depois largas e compridas, confeccionadas em tecidos, passaram então a usá-las da mesma cor das casacas, originado daí o famoso "terno masculino" - traje composto de paletó, calças e, as vezes, colete da mesma fazenda e cor - conhecido até os dias atuais, e como sobreveste um casaco longo - o sobretudo - usado nas regiões mais frias (FIG. 81 e 82).

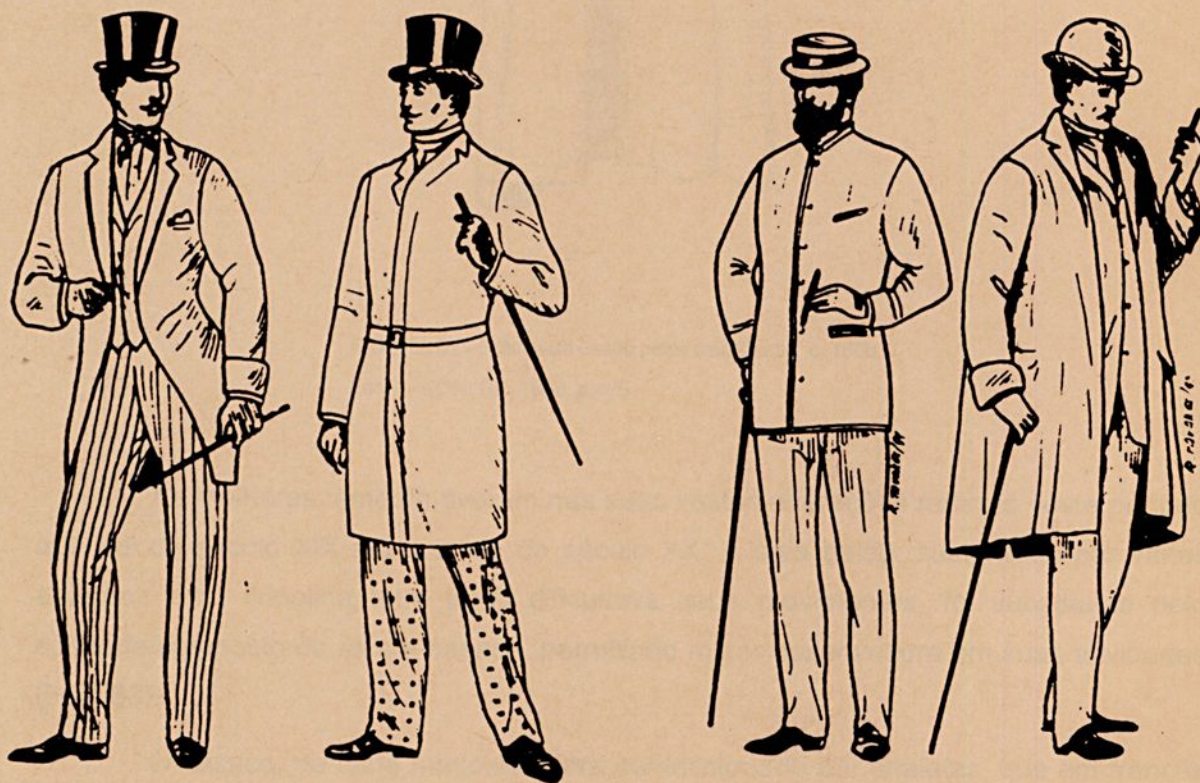


FIGURA 81 - A evolução dos "ternos".

Fonte - CONHECER, vol. 8. s/d. p.1874.



FIGURA 82 - Sobretudo usado pelos cavalheiros, c. 1800.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.475.

As mulheres também tiveram nas suas vestes alterações radicais neste período que vai do século XIX até o início do século XX. A saia balão, sustentada por várias anáguas e/ou crinolina, que tanto dificultava seus movimentos, foi substituída pelo costume composto de saia e casaco, permitindo maior desenvoltura em suas atividades (FIG. 83).

O casaco, de talhe masculino, era confeccionado por alfaiates, que em francês significa "tailleurs", e esse tipo de vestimenta passou a denominar-se "tailleur" - o conhecidíssimo saia justa e casaco - do mesmo tecido e cor - ou blazer feminino usado nos dias de hoje, em cores diferentes.

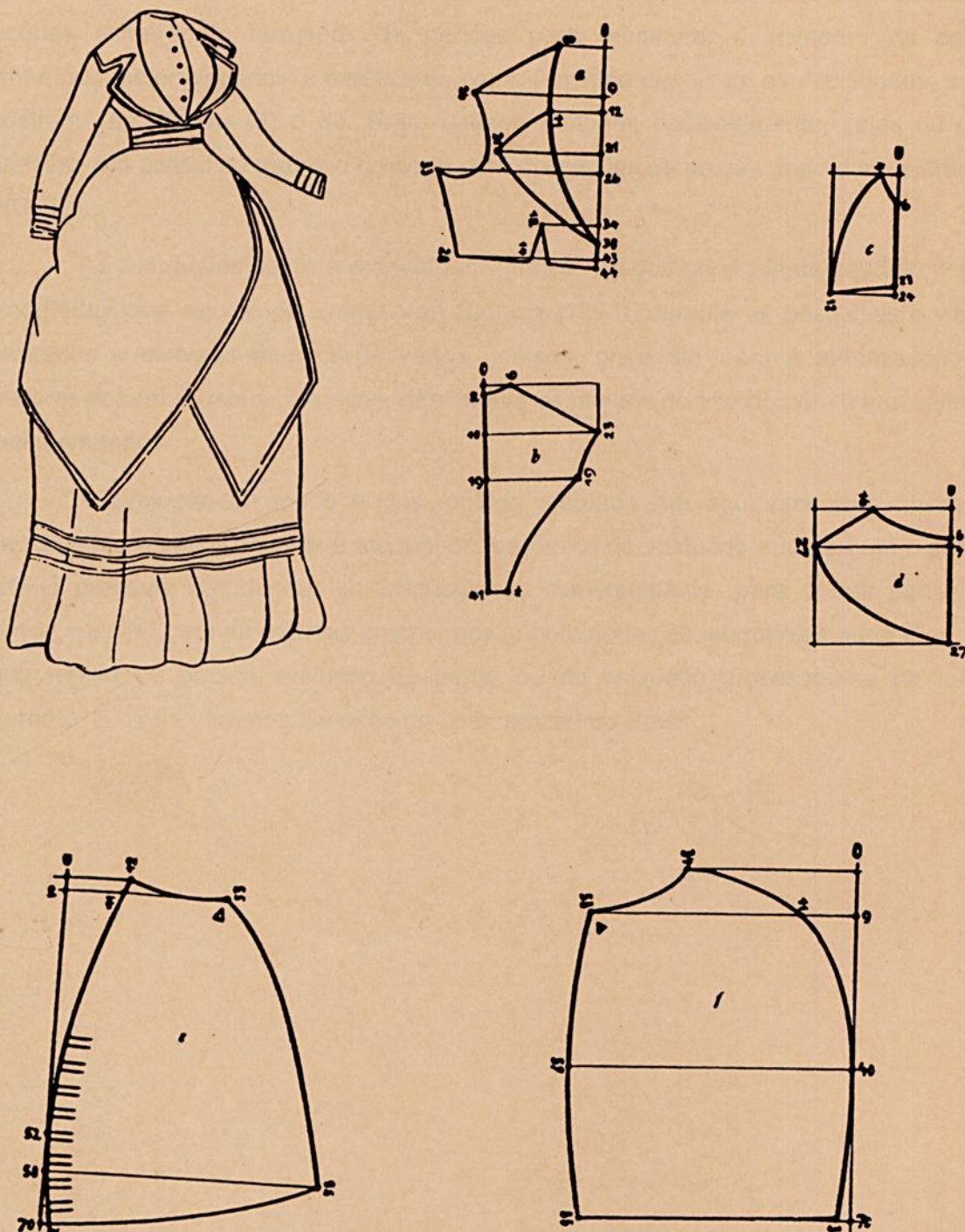


FIGURA 83 - Modelo e molde de um vestido, c. 1868:

a) parte da frente; b) costas; c) peça lateral;

d) gola; e) frente da túnica e f) parte de trás.

Fonte - KÖHLER, 1993. p.543.

A técnica do corte passou também por mudanças, sendo mais detalhista, com recortes esmerados, inclusões de pences para emoldurar o contorno do corpo, conferindo maior elegância e estética ao corpo feminino depois de confeccionada, como mostram as Figuras 80 e 83. Eram usados também, opcionalmente, xales ou uma mantilha, um belíssimo trabalho de corte com aplicações de arcos concordantes entre si (FIG. 79).

As ilustrações sobre a modelagem gráfica, citadas no presente capítulo, foram executadas pela equipe de **Emma Von Sichart (1993)**, durante as pesquisas e visitas realizadas a diversos museus de vários países, onde ela, com a autorização dos diretores desses museus históricos, desenhava os moldes de acordo com o vestuário da época em mãos.

A evolução da moda e dos moldes efetuada até aqui procurou mostrar a preocupação estética, técnica e até mesmo ergômica do vestuário europeu até o século XIX. O presente estudo não se enquadraria, evidentemente, para outras partes do mundo, mesmo para as colônias americanas subordinadas às metrópoles européias. Em cada região ou país a evolução da moda ou do vestuário processou-se de forma diferente. É o que veremos em seguida com relação ao Brasil.



CAPÍTULO DOIS

**O VESTUÁRIO E SUA CONFECÇÃO ARTESANAL E INDUSTRIAL NO BRASIL
da Colônia à Sociedade Industrializada.**



O início do Brasil

O Brasil teve a sua colonização iniciada por volta de 1528, com a introdução do cultivo da cana-de-açúcar, um produto já conhecido na Europa dos quais os portugueses tinham experiências nos canaviais da Ilha da Madeira e dos Açores. Foram necessários grandes investimentos para a construção das instalações para o engenho de açúcar - casa da moenda, das fornalhas e purgamento - processo para a produção, refino e distribuição do mesmo. Com a implantação da empresa açucareira, os canaviais necessitavam de muita mão-de-obra a qual, no início, veio através da escravidão indígena e substituída gradativamente pelos negros oriundos da África. Essa substituição deveu-se a questão do tráfico negreiro como importante elemento de acumulação de capitais na Europa.

O nordeste do país foi a porta da colonização brasileira, pela vantagem de sua localização próxima à Europa. A medida que a colônia passou por ciclos de crescimentos, surgiram as capitanias - divisão de terras em lotes - com faixas que se estendiam do litoral à linha de Tordesilhas.

Durante o sistema de capitanias, várias fracassaram e somente duas delas alcançaram um certo desenvolvimento: a de Pernambuco e a de São Vicente. O sucesso da cana determinou o rico Brasil açucareiro, formado pelo senhor do engenho, a casa-grande e a senzala dos escravos.

No século XVII, a cana-de-açúcar crescia no nordeste, mas na virada do século não conseguiu competir com a super produção das Antilhas e entrou em decadência. Com o fracasso das capitanias, estimulou-se a colonização rumo ao interior - são as Entradas e Bandeiras - a procura de ouro em Minas Gerais. Durante o ciclo da mineração, os portugueses são atraídos e junto com eles, mais escravos chegam para o trabalho nas minas, resultando no aumento da população. Com a crise do ouro, advém o cultivo do café, e o Brasil se torna o maior produtor do mundo. A cultura do café foi a responsável pela formação de uma nova aristocracia rural brasileira - a dos fazendeiros e os senhores do engenho que tiveram de repartir seus poderes com os famosos barões do café.

N.º 224

BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURÍ

Em meados do século XVIII, o sul do Brasil era terra de ninguém, devido a imprecisão do tratado de Tordesilhas de onde originaram as disputas de fronteiras entre Portugal e Espanha.

Com a vinda da família real portuguesa e, durante a permanência da mesma no Brasil, facilitou a concentração das grandes propriedades e dos latifúndios que se aproveitaram da mão-de-obra escrava. Após esse período, abriu-se a imigração européia, onde alemães, espanhóis, franceses, italianos, etc. vinham para o mundo sem dinheiro, e traziam junto com o trabalho a vontade de construir e as técnicas da agricultura do seu país de origem e conseqüentemente, a mão-de-obra qualificada muito superior aos dos homens que acabavam de sair da escravidão.

As características européias estão espalhadas por todos os cantos do Brasil. A miscigenação das raças no Brasil começou com a cultura da cana-de-açúcar, que aproximou o branco conquistador, o índio nativo e o negro escravo. Hoje, essa mistura de raças é a marca do homem com seu estilo de vida próprio da sua região.

Esta rápida visão do processo de colonização do Brasil serviu, apenas, como um recorte na história cultural do país, visando lembrar os diferentes povos que fizeram da suposta "Ilha de Vera Cruz" a imensa nação a que chamamos Brasil.

A miscigenação das três primeiras raças - europeu, indígena e africano - deverá sempre servir de suporte para qualquer estudo de caráter sociológico e tecnológico que se queira fazer.

Assim sendo, para estudar a evolução da moda, dos costumes, do vestir, do modo de confeccioná-los há que se iniciar revendo, ainda que sucintamente, como esses povos se vestiam no decorrer da época colonial - séculos XVI a XVIII.

Primeiramente parece curioso e necessário conhecer os modos de vida dos indígenas - os brasilíndios - verdadeiros e originais donos dessas terras. O que sabiam os índios no Brasil a respeito de tecido, tecelagem ou roupas?

Rocha Pita (1976) - assim dizia sobre eles:

"Não usavam de roupas os gentios das várias nações desta região. Todos andavam nus, representando a inocência de nossos primeiros pais (enquanto o pecado lhes não introduziu o pejo, com o conhecimento da graça e natureza de que tinham degenerado, para se cobrirem de folhas) porque estes seus descendentes de tudo o que era culpa tinham ignorância; só em algumas festas manchavam os corpos de tintas de paus, que imaginavam os faziam mais formosos e ficavam mais horríveis; exceto os gentios da nação Carijós, que pelo inverno lançavam sobre si por uma

e outra parte as peles das caças que matavam, com que se reparavam do frio. Nas cabeças usavam algumas penas de pássaros que lhes serviam de rústicos martinetes; e os da nação Tamoios furavam os beiços, e neles metiam umas pontas de ossos, com cabeças como pregos, que pela parte interior as sustentavam, sendo este o sinal ou caráter da sua dignidade ou nobreza”.

A essa informação do autor, referente ao não uso de roupas pelos indígenas, sobrepõem-se outra baseada em pesquisas mais recentes. Segundo o livro “Arte Indígena” de Gastão Cruls, (s/d) descobriu-se em achados arqueológicos brasileiros, a existência, antes do século XVI, na região amazônica, de objetos com alto grau de tecnologia da época, mostrando uma civilização bem mais avançada e um índice de conhecimento maior do que aquele apresentado pelos índios que se defrontaram com os colonizadores.

Além do uso das tangas, andavam todos vestidos com decência, tanto os homens como as mulheres, as quais teciam, com algodão, as roupas que necessitavam como também faziam comércio com as nações vizinhas. As hábeis tecelãs faziam tecidos muito vistosos, coloridos e pintados. A coleção do Museu Nacional possui muitos modelos de tangas, máscaras e apás - espécies de peneiras - oriundas de várias tribos indígenas da época (FIG.84 a 87).

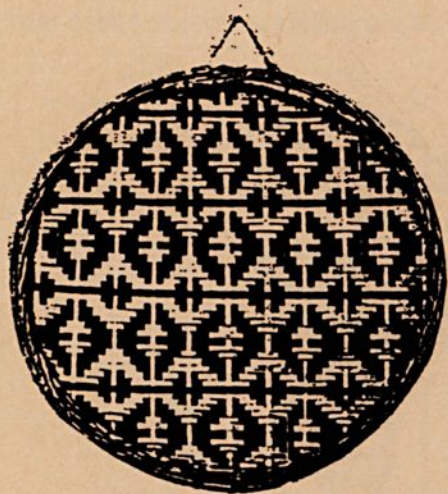


FIGURA 84 - Apá dos índios Nambiquara.

Fonte - CRULS, s/d. p.67.

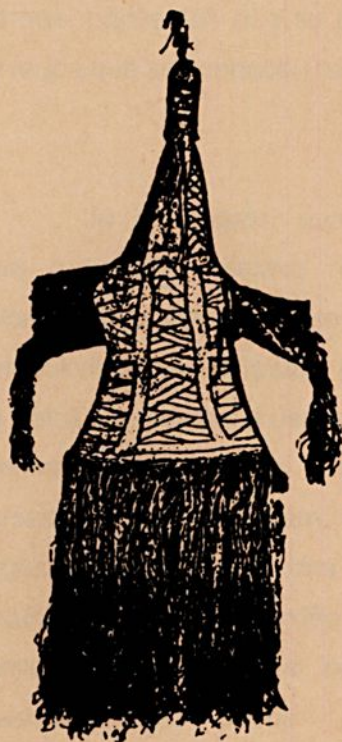


FIGURA 85 - Máscaras dos índios Tucano.

Fonte - CRULS, s/d. p.91.



FIGURA 86 - Tanga de miçanga, Índios Uapixana.
Fonte - CRULS, s/d. p.73.



FIGURA 87 - Tanga de miçanga, Índios Uaupé.
Fonte - CRULS, s/d. p.19.

O que se observa, são os belíssimos trabalhos com o uso do trançado feito com miçangas - sementes miúdas de vegetais que pacientemente perfuradas, compõem a trama dos tecidos - compondo belos desenhos geométricos ou gregas.

As tangas de miçangas eram usadas à maneira de um avental, pendente do baixo ventre até o meio das coxas e presas à cintura por um cordão fino, obedecendo sempre a um mesmo formato de um trapézio isósceles. Ainda que rudimentar, não se pode ignorar que esses objetos constituíram as primeiras peças de roupa que se conheceu no Brasil.



FIGURA 88 - Negro escravo, na casa da moenda, de calção comprido.
Fonte - FOLHA DE SÃO PAULO, 5o. Cad., 9.3.1994. p.6.

Já os negros, quando vieram para o trabalho escravo no início da colonização brasileira, foram despojados das coloridas roupas tribais que usavam na África e passaram a usar indumentária simples confeccionada com tecidos grosseiros que consistiam em calções largos, curtos ou compridos e presos à cintura por meio de cordão ou cinto e camisas semelhantes a batas, muito usadas pelos povos partos da Antigüidade (FIG. 88 e 89).

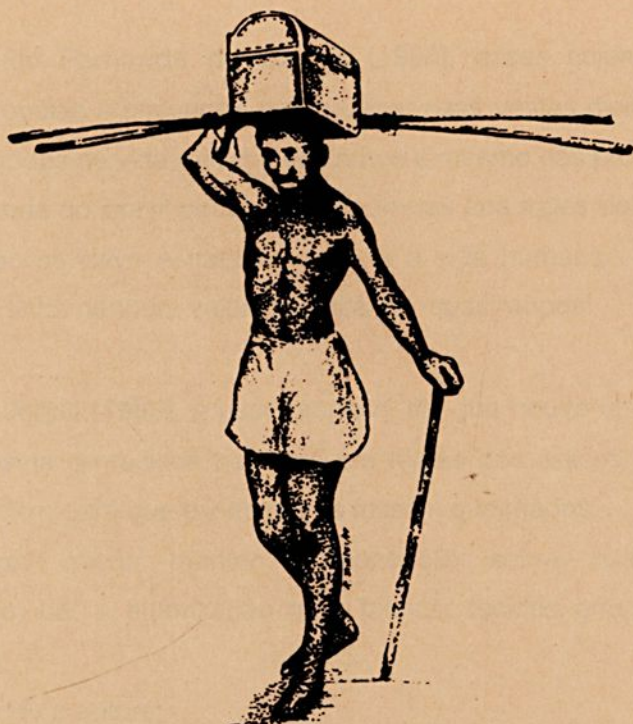


FIGURA 89 - Negro escravo de calção curto.
Fonte - s.n.t.



FIGURA 90 - Bandeirantes no início da colonização
Fonte - VOLPATO, 1986. p.50.

Percebe-se que esse segundo grupo étnico, ao invés de acrescentar sua tecnologia de tecer e coser, teve de abandoná-la para usar peças sem nenhuma qualidade.

As vestes dos colonizadores brancos, principalmente os bandeirantes, nas incursões rumo ao interior do país, possuíam semelhança aos gibões franco espanhóis, pespontados em quadrados - também chamados de "armas dallgodão" - descendo até os joelhos e cobrindo parcialmente os braços e protegendo o corpo contra as flechas dos índios (FIG. 90).

Segundo Fernando de Barros (1988), esses colonizadores abandonaram as tendências européias e passaram a improvisar suas vestes diante do clima tropical, devido ao calor e os modos de vida rústicos do campo e mesmo das províncias.

A História do Brasil pouco faz referências aos trajes dos colonos ou colonizadores, o que aliás não se deve estranhar, pois se a vida humana - quer dos índios, quer dos escravos - não tinha nenhum valor, que dirá de suas roupas!

Ruth Jofylli (1988), a esse respeito, diz que houve uma tentativa incipiente de se criar uma indústria de tecidos baseada em teares domésticos. Entretanto, da Metrópole - Lisboa, veio ordem para que esses teares fossem queimados.

Portugal queria manter o monopólio sobre sua produção têxtil e sua comercialização, daí a autorização para fabricar tecidos grosseiros exclusivamente para vestir escravos.

Segundo a autora:

"Não possuíamos, de forma expressiva, uma classe média. Havia os muitos ricos - que se vestiam com os já citados importados -, os pobres e os miseráveis - os escravos. Esse quadro só começou a se transformar com o advento da mão-de-obra assalariada - os imigrantes europeus, que vieram ao Brasil substituir os escravos na agricultura, mas que se dedicaram também a outras atividades. Já aqui, estamos no final do século passado. Havia produção de roupas, para esses assalariados, mas a moda, rigidamente falando, era trazida da Europa".

Pode-se dizer que a industrialização têxtil no Brasil só ocorrera em meados do século XIX com a instalação de fábricas nos Estados da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O algodão foi a fibra mais utilizada, logicamente, em vista da boa produção que no país existia.

Como diz Edgard Arp (1988):

"...o destaque do algodão na indústria têxtil não foi alcançado a toa. Sua versatilidade em combinar com outros fios, a resistência, durabilidade e adequação ao clima tropical fizeram deste tecido o ideal para o uso contínuo na roupa brasileira, notadamente neste século nas camisetas".

Quanto as confecções pouca referência se encontra registrando o vestuário - masculino e feminino - e as técnicas de corte. Além das poucas citações há uma significativa ausência da figura da mulher, tão afeta às técnicas de tecelagem e tapeçaria, na História do Brasil. Luiza Volpato (1985), diz que:

"A grande maioria dos livros de História do Brasil não analisa ou nem mesmo se refere à presença de mulheres européias nos primeiros tempos da colonização do Brasil. No entanto a obra de Pedro Tásques de Almeida Paes Leme cita um número significativo delas que passaram ao Brasil acompanhando seus pais ou maridos na grande aventura que assumiam."

Entretanto, outra pesquisadora Dinah Bueno Pezzolo - (O Estado de São Paulo, 5/9/1993, Suplemento feminino. p.5) comenta as alterações advindas na virada do século XIX para o século XX:

"Com a virada do século mudaram-se os costumes e a moda. Os aperfeiçoamentos eram a ordem do dia. O desenvolvimento do esporte - ciclismo e tênis em particular - gerou a necessidade de roupas específicas e simples. O comprimento da saia subiu, timidamente, até o tornozelo.... criou a linha reta e substituiu o espartilho pela cinta que afinava o corpo da mulher desde a parte de baixo do busto até o fim do quadril....Com a guerra de 14 - 18, a vida mudou. As mulheres assumiram trabalhos masculinos que exigiam roupas simples. As elegantes adotaram uniformes revistos por costureiros, lembrando soldados e, rapidamente, os trajes esportivos eram parte do cenário das cidades"

Com a abertura à imigração européia e com o advento da mão-de-obra especializada - assalariada - para substituir a dos escravos na agricultura e em outras atividades, aparecem as primeiras produções de roupas para atender a esses assalariados e àqueles que aqui constituiriam suas famílias.

As vestimentas das classes mais abastadas eram trazidas diretamente da Europa. Com a povoação e da formação das várias províncias, surgem os primeiros jornais noticiando os acontecimentos políticos, sociais e econômicos do mundo, e como não poderiam deixar de ser, advém os primeiros anúncios oferecendo seus produtos e serviços, tais como: as máquinas de costuras, as oficinas de costuras - para confecção de roupas - e as novidades da moda européia como comprovam as publicações dos primeiros jornais da época, segundo dissertação de Mestrado de Maria Diva Vasconcelos Taddei, USP, 1977 - "A Imagem no Anúncio de Jornal : São Paulo, de 1850 a 1914"

**** Fábrica de Tecidos de Algodão em São Paulo
de Diogo Antônio de Barros.***

"Província de São Paulo, 19-01-1875"

* **Machinas de Costura (Pequena Wanzer)**

"Correio Paulistano, 17-09-1875"

* **As Machinas do Systema "Singer"**

Victor Nothmann & Comp.

"Correio Paulistano, 27-12-1885"

* **La Saison - Senhoras e Meninas**

Roupa Feita - (Grande officina de costuras)

"Correio Paulistano, 07-09-1898"

* **Espartilhos de Mmes. de VERTUS SOEURS**

Forma modificada para as modas de Paris

"O Estado de São Paulo, 12-02-1900" (FIG. 91).



FIGURA 91 - Espartilhos de Mmes. de VERTUS SOEURS.

Fonte - TADDEI, 1977. p.16

* *A Pygmalion*

*Grande Officina de Costura, Fazendas,
Modas e Armarinho*

“*Diário Popular*, 24-09-1905”. (FIG.92).



A Pygmalion
V.ve Ida Weiler, Fils & C.
Caixa postal 278
Telephone 241

GRANDE
officina de costura
FAZENDAS, MODAS E ARMARINHO
Enxovões para casamentos

Lã—Sedas—Tecidos de algodão
—Linhos—Crêpones—Merino, etc.,
etc.—Roupas brancas — Espartilhos
modernos—Enxovões para baptis-
mo—Toucas—Lenços—Leques — Lu-
vas e mitaines—Rendas — Bordados
— Galões — Camisetas de malha—
Sortimento completo de meias—Con-
feições—Colchas e cobertores—Toa-
lhas e guardanapos—Últimas novi-
dades em enfeites para vestidos—
Cintos e fivelas—Perfumarias, esco-
vas, pentes—Tintura especial para
cabellos — Chegada constante das
últimas novidades—Grande depósito
de cordões. Capas impermeáveis pa-
ra homens e senhoras.

Chamamos especialmente a atten-
ção para a nossa *Grande redução*
geral nos preços.

Rua 45 de Novembro n. 34
PEÇAM CATALOGO
seg

186. *Diário Popular*, 24/9/1905.

FIGURA 92 - A Pygmalion.

Fonte - TADDEI, 1977. p.31.

O Brasil do século XIX - o primeiro século de vida e de cultura com a preocupação de refletir uma vida mais brasileira, mostra, pelos vestuários femininos vindos da França e dos homens vindos da Inglaterra, um Brasil recém-saído da condição colonial. Os novos tipos de modas de vestimentas, vários deles eurotropicais ou iberotropicais, haviam sido criados numa tentativa de libertação das modas européias tão impróprias para climas quentes, que não atendiam a conveniência da época. De um lado procurava-se o conforto nesta região, mas por outro era quase impossível, socialmente, libertar-se das influências européias (FIG. 93 a 95).

February 2nd, 1901

THE LADIES FIELD

"THE SPECIALITE CORSET"



IS A DREAM OF COMFORT.

Large Image No. 100

THE "SPECIALITE CORSET" is manufactured under scientific supervision, the fit and shape being perfect. Each bone is placed in the position requiring support, without impeding or changing the proper motion of the muscles, allowing perfect freedom of action to the whole frame; all these advantages are obtained with an additional elegance of form, as the Illustration will show.

The "Specialite Corset" is made of the best materials, and fitted throughout with REAL WHALESOME BONES and extra-wide straps, for strength and perfect finish. The quality of the "Specialite Corset" will be found by per suit better, at the price, than any other Corset offered to the public.

THE NEW OVERSEAS-MADE "SPECIALITE CORSET" is illustrated in White

Cordille and our "Whalesome" style TTS in Black Cordille, colored, Pink.

THE "SPECIALITE CORSET" - Type 10 - Long waist, in Black India Cloth and

Real Whalesome, 100 complete; in Black India, 100.

Type 10 - Long waist, in Black India Cloth and Real Whalesome, 100

complete; in Black India, 100.

Type 10 - Long waist, not longer below the waist, and extra fully lined to

give greater support to weak ligaments, in Black or White, 100 complete.

Type 10 - Long waist, in White Cordille and Real Whalesome, 100.

Type 10 - Long waist, 100 complete.

FIGURA 93 - Anúncio de The Ladies Field
Fonte - O'HARA, 1993. p.112.



FIGURA 94 - Espartilho, do século XIX ao início do século XX
Fonte - O'HARA, 1993. p.252.



FIGURA 95 - Estilo Eduardiano
Fonte - O'HARA, 1993, p.109.

No início do século XX até a Primeira Guerra Mundial, foi um período de grande ostentação e extravagância chamado de época eduardiana por estar associada ao estilo do rei Eduardo VIII da Inglaterra (1894-1972). Este quando jovem - Príncipe de Gales (1910 a 1936) - foi responsável por diversas modas masculinas e femininas.

No estilo eduardiano a vestimenta feminina, por exemplo, possuía gola alta e mangas compridas, com peito amplo e cintura bem ajustada com espartilho fazendo uma curva sobre os quadris e o volume das saias era franzido ou pregueado sobre as nádegas (Fig.95).

Segundo Gilberto Freyre (1987):

“As modas de cores de vestidos, de enfeites, de chapéus, de espartilhos, de penteados eram seguidas por mulheres e senhoras elegantes do Brasil. Raros, durante anos, os que ousavam reagir entre as elites sociais brasileiras contra essa espécie de imperialismo cultural europeu - principalmente francês para as mulheres e inglês para os homens - nos setores das modas de vestir e calçar”

Ainda o mesmo autor, em seu livro “Casa Grande e Senzala” (1978), cita a ostentação dos brasileiros nos finais dos novecentos que exibir com aparato parece ser antigo gosto brasileiro, herdados dos antepassados que traziam para o país tropical os excessos europeus do vestuário. Comenta também que os exageros aumentaram com o tempo.

Durante séculos, os brasileiros suaram debaixo de pesados veludos e damascos e não se importavam em gastar em um vestido quatrocentos réis e mais para aparecer em uma só função (FIG. 96).



FIGURA 96 - Conjunto feminino, c. 1905.

Fonte - LAVER, 1990, p.222.

Antes do período da Primeira Grande Guerra (1914-1918), apenas algumas ilustrações sobre os trajes masculinos foram apresentados, os quais eram aceitos em todas as ocasiões formais, onde aparecem os ternos e as sobrecasacas, usados até os dias atuais com algumas variações nas golas - umas mais largas outras mais estreitas - e aberturas com abotoamentos trespassadas ou não (FIG.97).

Quanto as vestes femininas, a saia ampla foi substituída pelo estilo tubular - tubinho - lembrando o peplo usado na antiga Grécia, que consistia em um longo cilindro com drapejamentos, onde os cintos ou faixas que contornavam logo abaixo do busto ou cintura, passam a ser, então, colocados ao redor dos quadris. Outro estilo muito usado, também nessa época, eram os "tailleurs", confeccionados em duas peças - casaco de corte masculino e saia reta longa - com variações nas blusas usadas sob o casaco (FIG.98 e 99).



FIGURA 97 - Vestes masculinas: ternos e sobrecasacas, c. 1902 a 1914.
Fonte - LAVER, 1990, p.222-3,250.



FIGURA 98 Veste feminina, estilo tubulat, c. 1913.
Fonte - LAVER, 1990, p.227.



FIGURA 99 - "Tailleur", c. 1912.
Fonte - O'HARA, p.254.

Durante o conflito da Primeira Guerra Mundial, ocorre o abafamento da moda, pois nos levantamentos históricos, pouco ou nada há a comentar. Após este período, esta volta e retoma o seu ritmo.

Nas vestes femininas a cintura desaparece por completo e surgem vários estilos, que dispensavam cinturas afinadas a custa de corpetes de barbatanas, onde aparecem a "cintura-baixa" e a "melindrosa" (FIG. 100 e 101).

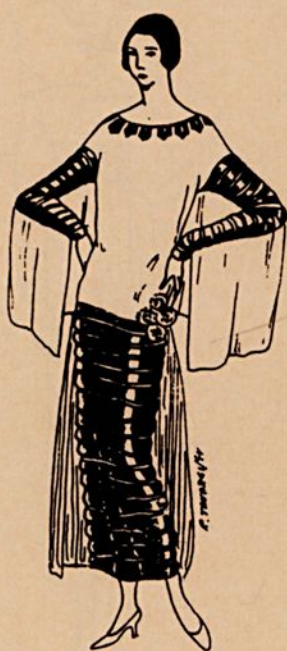


FIGURA 100 - Vestes femininas "cintura-baixas".
Fonte - O'HARA, 1993. p.152,207



FIGURA 101 - "Melindrosa", Anos 20
Fonte - O Estado de São Paulo, 9.4.94, D14.

Por volta da década de 20, o comprimento das saias passa por grande revolução tomando-as mais curtas, causando escândalos na época.

A história da evolução da moda no Brasil, que recentemente vem sendo escrita por profissionais da área ou pesquisadores de costumes, não faz referências ao período que vai da Primeira à Segunda Guerra Mundial.

No período da década de 30, as vestimentas passam a apresentar um estilo - principalmente as femininas - com medidas mais adaptadas ao corpo, nem tão justas ou amplas que dificultassem seus movimentos, preocupando-se dessa forma com o conforto e elegância das mesmas. Surgiu, nessa época, uma das primeiras revistas brasileiras de edições semanais - FON-FON - Revista Semanal Ilustrada - da cidade do Rio de Janeiro, abrangendo assuntos gerais do lar, com encarte "da mulher para a mulher", onde apresenta

algumas ilustrações de modelos femininos acompanhados de acessórios e “plastron” - semelhante a um colete de frente única sem costado - peças que complementam a harmonia de um determinado vestido, conferindo-lhe um novo visual (FIG. 102).

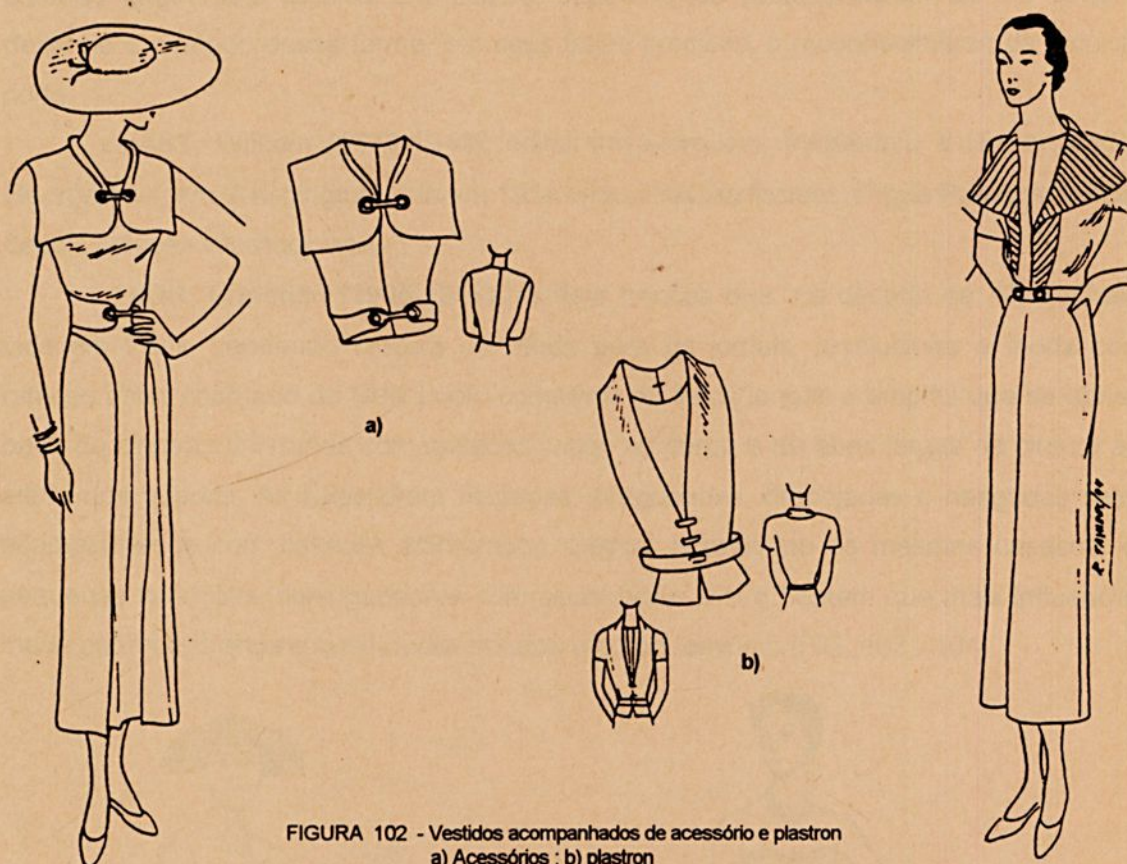


FIGURA 102 - Vestidos acompanhados de acessório e plastron
a) Acessórios ; b) plastron
Fonte - FON-FON, 1935, Anno XXIX, No. 2. p.24.

Quanto à confecção da modelagem - molde e técnica do corte - para tais vestimentas, há uma carência enorme sobre o assunto ou registros gráficos de moldes da época, a não ser algumas citações no livro de Georgina O'Hara - *Enciclopédia da Moda* (1993), sobre a vida de alguns estilistas estrangeiros do final do século XIX até a década de 40 do presente século.

BUTTERICK, Ebenezer (1826-1903), alfaiate americano que em 1863 fez moldes de papel de um vestido criado por sua mulher e depois graduou-os para que pudesse confeccionar vestidos de tamanhos diferentes, passou então a publicá-los em revistas, a fim de promover a venda dos mesmos.

GRIFFE, Jacques (1917), estilista francês, que foi aprendiz de alfaiate e trabalhou com a estilista **VIONNET (1876-1975)**, onde aprendeu a drapejar e cortar o tecido sobre

pequenos manequins de madeira - tradição de VIONNET - tornou-se um artesanato do corte e do drapejado.

LAPIDUS, Ted Edmond (1929), filho de alfaiate, frequentou escolas na França e estudou engenharia técnica em Tóquio, Japão, onde preocupava-se com o corte e o desenho e obtendo dessa forma, em seus trajes precisos, o reconhecimento da técnica do corte.

NAST, William (1873-1942), editor nova-iorquino, frequentou a Universidade de Georgetown, em Washington, que em 1914 criou a revista *Moldes Vogue Patterns*, lançando depois edições internacionais.

DIOR, Christian (1905-1957), estilista francês que, na década de 40, ganhava a vida em Paris, vendendo croquis de moda para os jornais, revolucionou a moda com o famoso estilo chamado de *New Look*, composto de saias longas e amplas que se abriam a partir de cinturas finíssimas com casacos justos ao corpo e de abas largas da cintura até a altura dos quadris. As saias eram franzidas, pregueadas, drapejadas e nescgadas sempre acompanhadas com casacos acinturados. Depois apresentou os mesmos casacos, com pequenas variações, conjugando-os com saias justas. Foi o homem que mais influenciou a moda por muitos anos e quem mais estudou o corpo feminino (FIG. 103 - 104).



FIGURA 103 - Estilo *New Look*
Fonte - O'HARA, 1993. p.101.



FIGURA 104 - *New Look* para o dia e noite, c.1948.
Fonte - LAVER, 1990. p.257.

Durante a década de 30, surge no Brasil uma das primeiras casas de moda - Casa Canadá "um pedaço de Paris dentro do Rio de Janeiro" - onde o **Jornal do Brasil** de **21/05/1977**, relata sobre o assunto, com a Grande Dama Alta Costura Brasileira - **Mena Fiala**. A Canadá iniciou-se através do setor de atacadista de tecidos e com o crescimento deste setor dirigida pela estilista **Mena Fiala** que celebrizou-se pelos desfiles e apresentações das criações dos grandes costureiros de Paris e também vendendo vestidos, acessórios, todos eles baseados e importados da moda francesa que era a mais considerada da época, onde se deu a grande oportunidade à moda do Brasil, incentivando assim, os nossos costureiros e artesãos a produzirem e criarem as vestimentas tão impecáveis quanto as dos grandes costureiros de Paris.

Com o aparecimento de novas casas de moda, ampliam-se os números de eventos e desfiles de moda dirigidos às camadas mais altas da sociedade das principais capitais brasileiras - Rio de Janeiro e São Paulo - na maioria das vezes, para angariar fundos às entidades filantrópicas locais.

Os desenhos de alguns modelos apresentados, ainda sob forte influência da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, eram os que mais se noticiavam através de fotos e ilustrações nas grandes revistas brasileiras, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, tais como: **O Cruzeiro**, **Fatos & Fotos**, **Manchete** e outras.

Com o surgimento dessas revistas, apresentavam-se a seguir alguns modelos desses eventos documentados através de fotos de qualidade inferior que as atuais. Eram criações de **Jeanne Lanvin**, (1867-1946) estilista francesa que criou vários modelos românticos em formas vitorianas suavizadas com laços de cetim, e **Hubert Givenchy** (1927) estilista francês, onde muitos o consideravam seguidor de **Cristobal Balenciaga** (1849 - 1972), costureiro espanhol onde ganhou fama de melhor costureiro da Espanha - com a experiência em alfaiataria - que lhe permitia desenhar, cortar, amar e costurar um vestido. A preferência de Givenchy eram os *tailleurs*.

Opta-se, dessa forma, apresentar essas fotos reproduzidas por meio de desenhos para melhor ilustrá-las.

Das ilustrações mais interessantes, destacam-se os famosos "desenhos de Alceu Penna" (falecido em 1980), que foi um brilhante desenhista e criador de moda, os quais eram apresentados e publicados semanalmente na revista **O Cruzeiro** e **jornais cariocas** - de 1938 a 1966 - e os desenhos de **José Ronaldo**, também desenhista de moda, apresentando



alguns modelos, confeccionados com tecidos de algodão da Tecelagem Bangu à revista Manchete.

Não se vê, contudo, nenhum desenho sobre o molde - de como eram confeccionados os modelos ilustrados, exceto algumas citações constantes na revista semanal *Jornal da Mulher* (1957), que serão abordados posteriormente.

Considerando que o objetivo deste trabalho - *pesquisa* - pretende discutir os moldes - ou seja a modelagem gráfica a partir da década de 60, registra-se finalizando este capítulo, apenas a configuração dos modelos mais comuns - preferencialmente da moda feminina, nas quatro últimas décadas da primeira metade do século XX (FIG.105 - 114).



FIGURA 105 - Jumper - casaco tipo saco de tricô.
Fonte - O'HARA, 1993, p. 147.



FIGURA 106 - Calça odalisca, década de 30.
Fonte - O'HARA, 1993, p. 61.



FIGURA 107 - Saia-calça para ciclismo, c.1937.
Fonte - O'HARA, 1993, p. 238.



FIGURA 108 - Decote coração num corpete
franzido, c.1943.
Fonte - O'HARA, 1993, p.96.



FIGURA 109 - "TAILLEURS" modelos de Paris, em desenhos de ALCEU PENNA
Fonte - O CRUZEIRO, 1953, Ano XXV, No.41. p. 39.



FIGURA 110 - Capa de "Chapeuzinho Vermelho" em cetim
laço de veludo, criação de LANVIN.
Fonte - O CRUZEIRO, 1955, Ano XXVII, No.48. p.94



FIGURA 111 - Modelo em organza, criação
de CHRISTIAN DIOR.
Fonte - O CRUZEIRO, 1955, Ano XXVII, No.48. p.95.



FIGURA 112 - "Estampados em Férias", modelos de JOSÉ RONALDO
Fonte - MANCHETE, 1956, 10/01. p.24-5.



FIGURA 113 - "TAILLEUR do Avant-garde"
da moda GIVENCHY- Gola amarrada.
Desenho de ALCEU PENNA.
Fonte - O CRUZEIRO, 1959, Ano XXXI, No. 43. p.88



FIGURA 114 - "TAILLEUR de BALENCIAGA"
casaco curto e fendido na frente.
Desenho de ALCEU PENNA.
Fonte - O CRUZEIRO, 1959, Ano XXXI, No. 43. p.88

CAPÍTULO TRÊS
OS MOLDES GRÁFICOS DO VESTUÁRIO FEMININO NAS REVISTAS
ESPECIALIZADAS DE MODA
a partir da Década de 60



Segunda metade do século XX

O Brasil dos finais da década de 50 e início dos anos 60, passa por várias transformações na evolução da moda, referentes a criação de modelos e a confecção de moldes.

Como foi dito no capítulo anterior, os desfiles apresentados nos grandes eventos da moda, com modelos de criações dos famosos estilistas estrangeiros, não trouxeram referências à confecções de modelagem - molde e técnica do corte - para tais vestimentas, pois há uma carência enorme sobre o assunto ou registros gráficos dos modelistas da época.

Acredita-se que eram estes os profissionais que, com sua equipe de costureiros, confeccionavam os moldes de acordo com as especificações do modelo, sem contudo torná-los públicos aos consumidores.

Timidamente começam a aparecer noticiários em jornais e revistas abordando alguns temas sobre a moda e modelagem do vestuário usado na época. Uma das únicas publicações sobre a moda - entre as que se pesquisou - e onde ilustram-se algumas espécies de moldes - croquis - está na revista semanal **Jornal das Moças** (1957), propriedade da Editora Jornal das Moças Ltda. do Rio de Janeiro, onde possuía um encarte tipo suplemento feminino, denominado **Jornal da Mulher**, que além das ilustrações de vários modelos e assuntos do lar, apresentavam fotos de manequins vivos usando determinado tipo de vestimenta acompanhado do respectivo molde gráfico em miniatura.

Observa-se nestas ilustrações - os moldes - que os critérios não são muitos claros sobre a técnica de confecção dos mesmos. Trata-se de um pequeno esboço das partes que compõem o modelo apresentado, sem medidas ou mesmo proporções. Entende-se que a idéia dos editores era dar às costureiras e/ ou costureiros uma representação gráfica mental de como deveria ser confeccionado o modelo ilustrado. O que parece, também, é que julgavam sem importância os conhecimentos sobre as técnicas do corte, ou porque, talvez, não valorizassem o desenho técnico dos moldes, no decorrer deste período.

A seguir, seguem - se algumas ilustrações do suplemento feminino "**Jornal da Mulher**" da revista - "**Jornal das Moças**" - onde temos a apresentação de alguns modelos - um conjunto de blusa e calça, uma sobreveste (casaco) e um conjunto de



praia composto por casaco, blusa e short - acompanhado dos respectivos moldes gráficos (FIG.115 a 119).



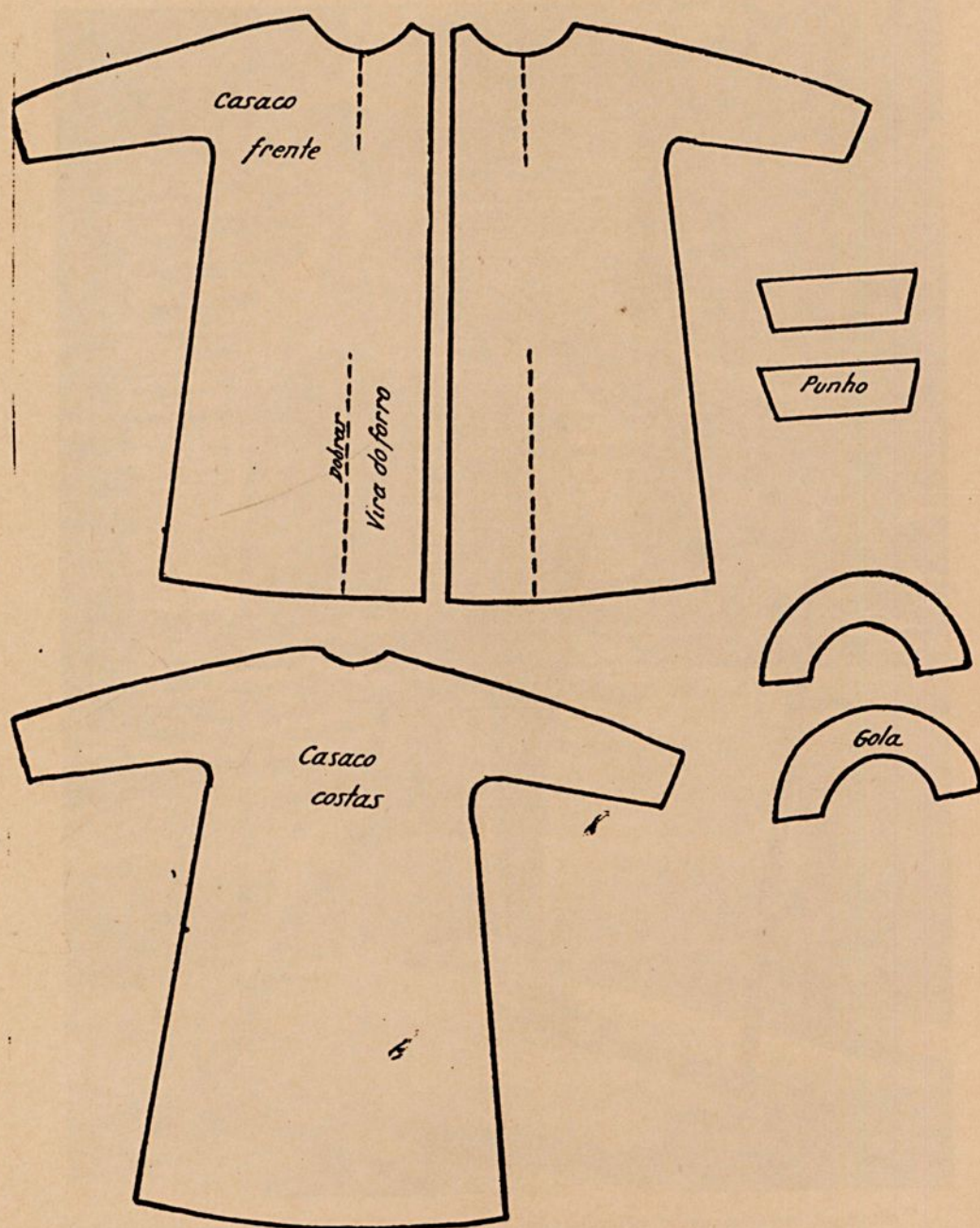
FIGURA 115 - Conjunto: blusa, calça e molde
Fonte - JORNAL DA MULHER, 1957, Ano XXVIII, No.1981. p.26.

Na Figura 115, tem-se a ilustração de uma modelo usando um conjunto esportivo composto por blusa e calça e ao lado acompanhado dos respectivos moldes em miniatura. A única informação que se dá é a dimensão marcada no ombro do molde das costas, que serve para obter a proporção exata da manga. Quanto as outras partes dos moldes da blusa e da calça, não contém informação alguma, trata-se apenas, de um pequeno esboço das partes que compõem o modelo apresentado sem medidas ou mesmo proporções. Se tomar

como base, a dimensão do ombro para fazer a proporção dos moldes restantes, demandaria uma grande perda de tempo.



FIGURA 116 - Vestido e sobre veste
Fonte - JORNAL DA MULHER, 1957, Ano XXIX, No. 1908. p.20.



O CONJUNTO E O SEU MOLDE

Luxuoso conjunto para coquetel constando de vestido em brocado branco e vermelho e casaco em tafetá de seda pura branco com corte amplo e sôlto.

FIGURA 117 - Molde da sobreveste da Fig. 114.

Fonte - JORNAL DA MULHER, 1957, Ano XXIX, No. 1908, p.21.



Você observou que carinha? E' uma garota apresentando o seu conjunto de praia feito com tecido estampado. Ao lado o molde em miniatura que você poderá cortar.

JORNAL DAS MOÇAS VAI COMEMORAR O NATAL COM UMA LUXUOSA EDIÇÃO REPLETA DE NOVIDADES PARA O LAR E PARA AS CRIANÇAS. ESTE NÚMERO ESTARÁ À VENDA EM TODOS OS JORNALEIROS NO DIA 29.

21

JORNAL DA MULHER (Suplemento do "Jornal das Moças")

27-11-58

FIGURA 118 - Conjunto de praia: casaco, blusa e short.

Fonte - JORNAL DA MULHER, 1958, Ano XXIX, No. 1476. p.24

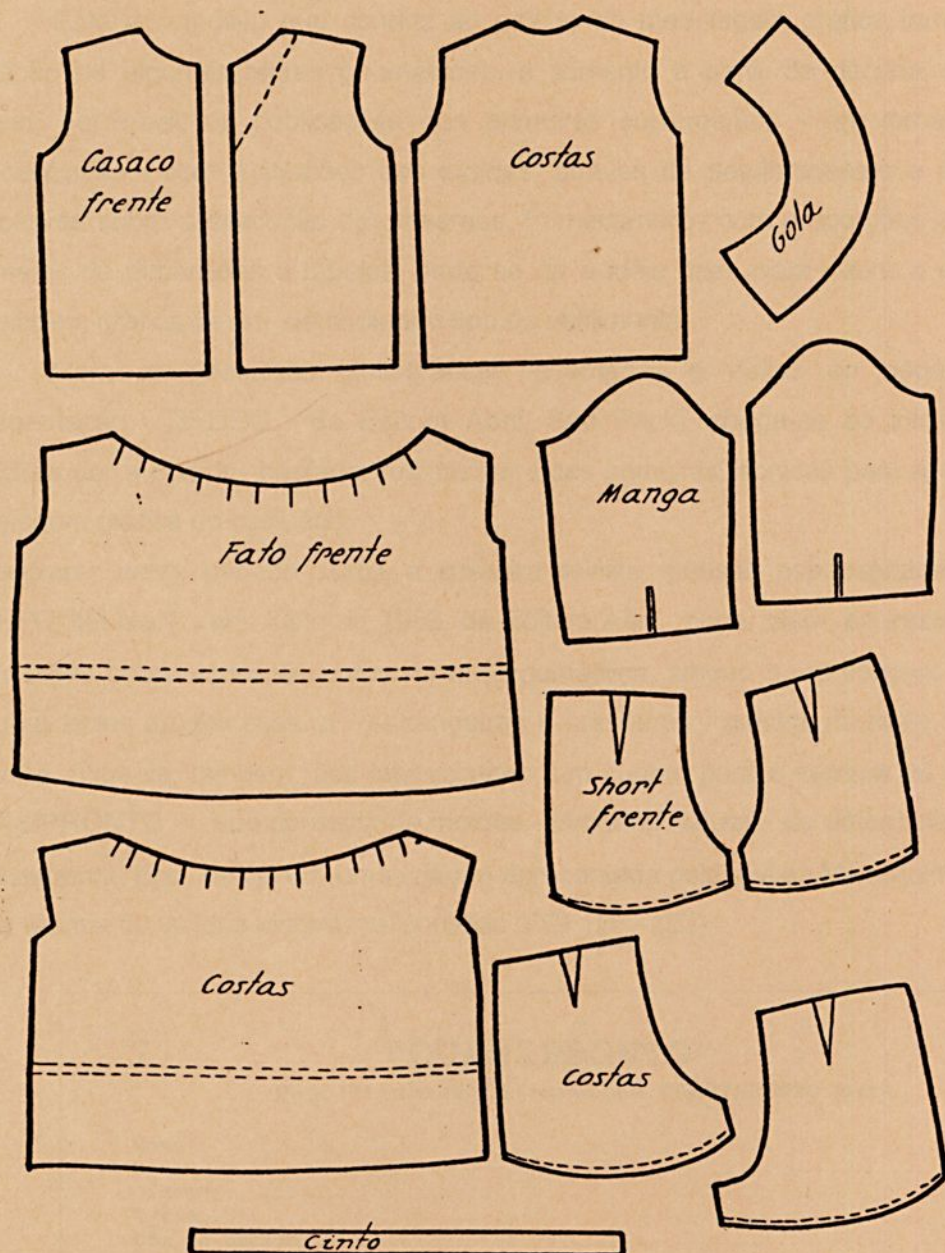


FIGURA 119 - Molde em miniatura do conjunto ilustrado na Fig. 116.
 Fonte - JORNAL DA MULHER, 1958, Ano XXIX, No. 1476. p.25

Observa-se nas Figuras 116 a 119, principalmente as ilustrações dos moldes gráficos em miniatura - que são esboços - das partes que em conjunto dos mesmos, compõem os modelos apresentados e, não acompanha mais nenhuma informação para o confeccionamento dos mesmos, tendo-se apenas a idéia mental de como eram executados.

Este é o motivo que conduz ao estudo da modelagem gráfica feminina, com a aplicação de algumas regras geométricas, e somente a partir da década de 60 é que surgem, no Brasil, as publicações dos primeiros suplementos - em jornais e revistas especializadas - com ilustrações dos moldes, através de detalhamentos e alguns dados explicativos sobre a execução dos mesmos. Primeiramente com proporções e aos poucos por meios de dimensões e tabelas, onde se dá a idéia mais clara sobre a confecção da modelagem gráfica de um determinado tipo de vestimenta.

Com as pesquisas bibliográficas levantadas e visitas ao departamento de documentação - DEDOC - da Editora Abril, São Paulo, chega-se ao início do que se considera ser a época - bastante rudimentar - das primeiras técnicas para a confecção da modelagem gráfica do vestuário.

No decorrer deste período surge a primeira revista mensal, especializada em moda "MANEQUIM No.1", em Julho de 1959, da Editora Abril, onde, além, de trazer aos leitores informações sobre vários assuntos na área doméstica, artigos e reportagens referentes a personalidades da alta costura - estrangeiras e brasileiras - artistas da rádio, do cinema e televisão, oferecia, também, aos interessados, um cupom para a compra de um envelope "QUASIPRONGO" - que consistia de moldes - tamanho natural - de determinados modelos de vestimenta. Era, na época, uma criação apresentada pela revista Manequim em parceria com a fábrica de tecidos Matarazzo-Boussac (FIG.120 - 122).

7

"QUASIPRONGO"

Peço enviarem um envelope QUASIPRONGO para

Nome.....

Rua.....

Cidade.....

Estado.....

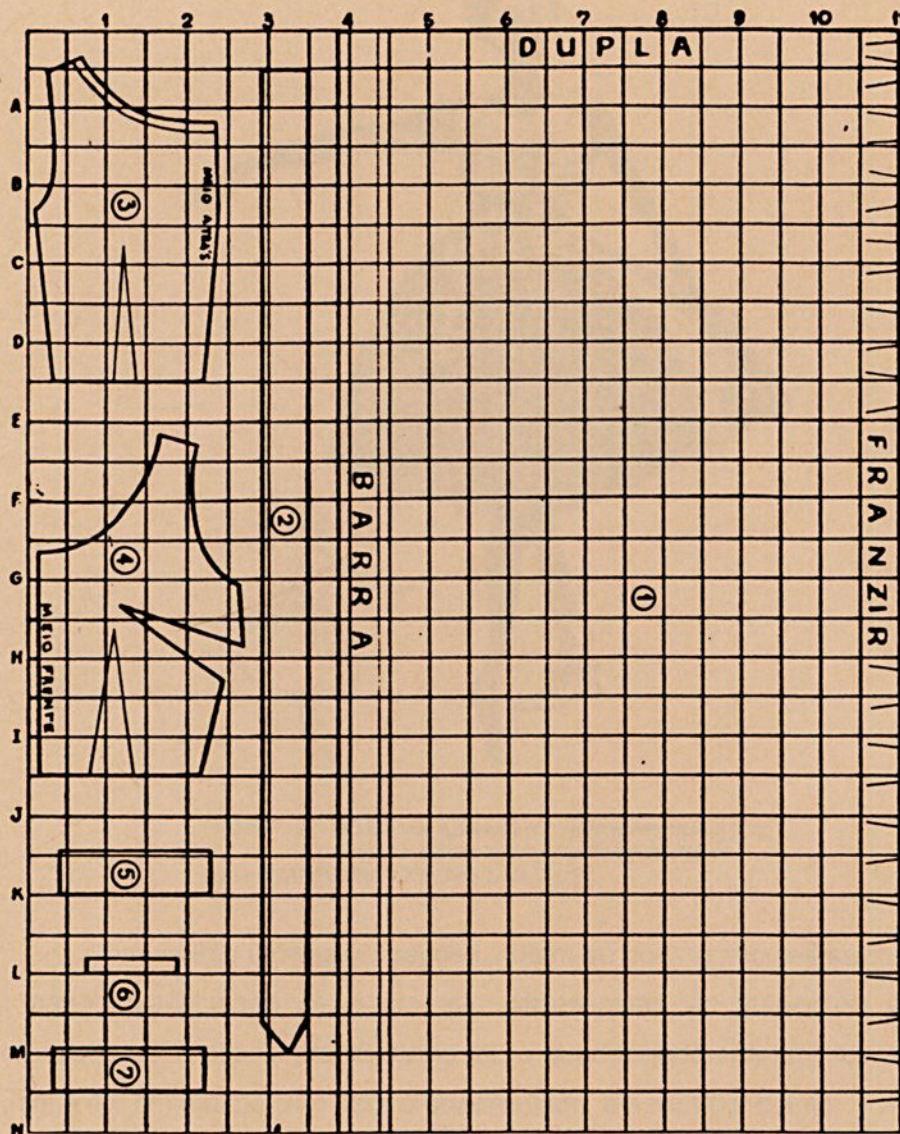
Côr do tecido.....

Tamanho do molde.....

Pagarei Cr\$ 690,00 no ato da entrega do QUASIPRONGO

Assinatura.....

FIGURA 120 - Reprodução do modelo do cupom "QUASIPRONGO"
Fonte - MANEQUIM, 1959, Ano 1, No.5. p.27



PANO No.1 - Saia. A fazenda deve ser cortada dobrada. A barra já está calculada.

PANO No.2 - Cinto. Sôbre a ponta em bico, que se prende por colchêtes na outra ponta, vai o laço aplicado.

PANO No.3 - Meia costas, deve ser cortada com a fazenda dobrada, para que saia inteira.

PANO No.4 - Meia frente, também deve ser cortada com a fazenda dobrada (com pensa para o busto e pensa na cintura).

PANO No.5 - Parte do laço que vai sôbre o cinto; deve ser cortada dupla.

PANO No.6 - Tirinha que une os laços no meio.

PANO No.7 - Outra parte do laço, cortada dupla, também.

FIGURA 121 - Uma representação de um dos moldes "QUASIPRONGO" com a legenda de orientação.

Fonte - MANEQUIM, Ano 1, No.5. p. 28.

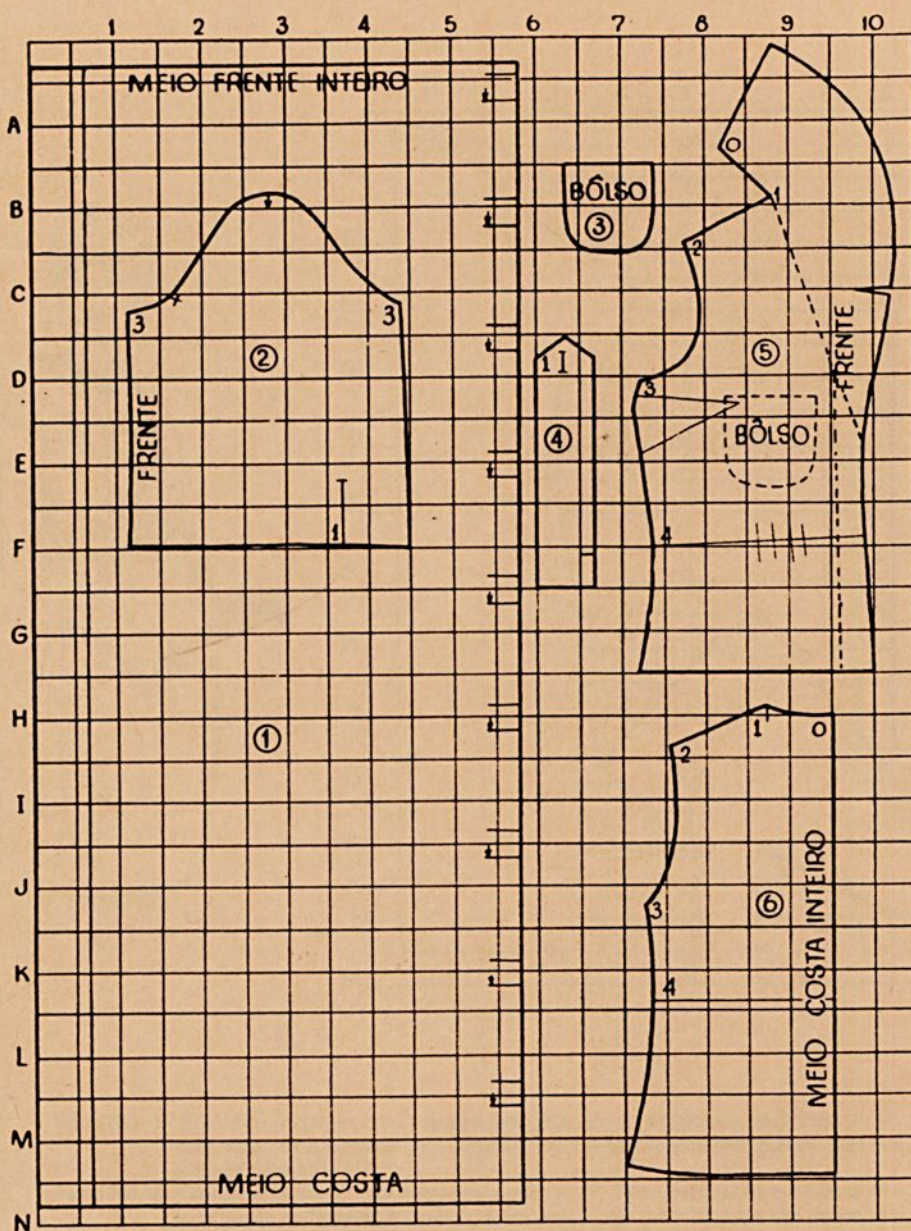


FIGURA 122 - Modelo vivo e desenho da vestimenta visto por trás, correspondentes aos moldes da figura anterior.
Fonte - MANEQUIM, 1959, Ano 1, No.5. p.29.

Com as três últimas ilustrações, notam-se que, os moldes eram reproduzidos sobre um papel quadriculado de 5 cm que correspondia ao manequim tamanho 46. Se o interessado necessitasse do tamanho 42, o quadriculado seria de 4,8 cm; para o tamanho 44, seria 4,9 cm a dimensão para o quadriculado, e assim por diante.

Estes moldes visavam, apenas, aos modelos publicados nas revistas, não havendo contudo, outras explicações, a não ser através da numeração impressa sobre o molde estilizado e acompanhava ao lado uma legenda com algumas orientações quanto à montagem das partes dos moldes que resultariam no modelo proposto. O modelo era fotografado com um manequim vivo e no canto inferior acompanhava um desenho deste mesmo modelo visto por trás, onde representava alguns detalhes da vestimenta.

A seguir, apresentam-se algumas ilustrações desse tipo de modelagem gráfica do vestuário feminino, sempre adquirida através da compra dos envelopes enviando os cupons que vinham inseridos nas páginas das revistas (FIG. 123 a 125).



PANO No.1 - Saia. O pano deve ser cortado duplo, sendo inteiro na frente e costurado atrás, onde vai o zíper.

PANO No.2 - Manga, com abertura para o punho.

PANO No.3 - Bôlso. Como são dois, deve ser cortado duas vezes ou com a fazenda dobrada.

PANO No.4 - Punho. Também cortar duas vezes ou com a fazenda dupla.

PANO No.5 - Corpinho, frente. Deve ser cortado duas vezes. As linhas pontilhadas indicam: a primeira, a dobra da gola; a segunda, a parte do corpinho do lado esquerdo onde devem ir os botões, ou seja, a parte que fica por baixo do lado direito (transpasse).

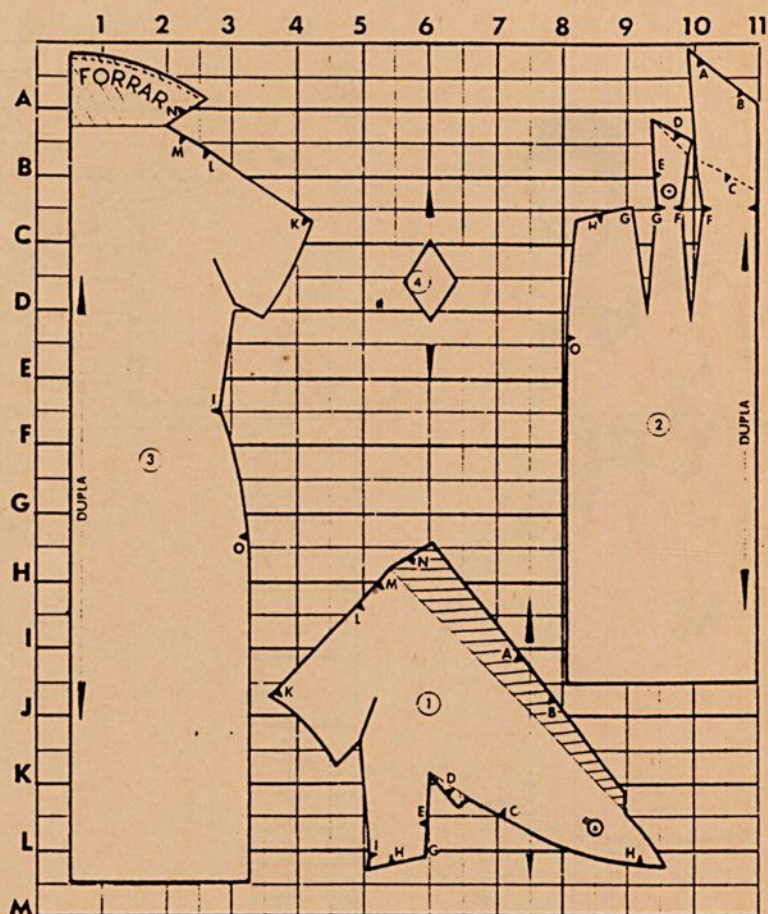
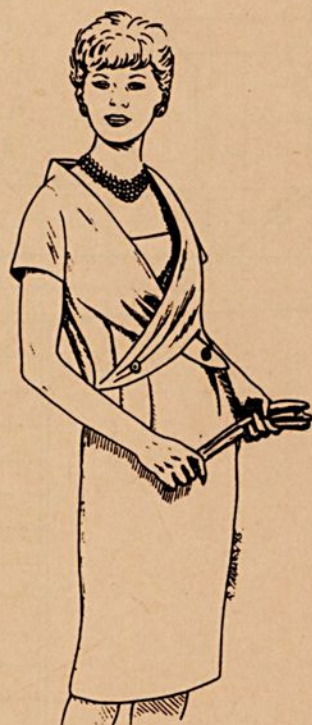
PANO No.6 - Corpinho, costas. Deve ser cortado com a fazenda dobrada. Não vai costura.

FIGURA 123- Representação de um dos moldes "QUASIPRONTO" de um conjunto saia e blusa com a legenda de orientação.

Fonte - MANEQUIM, 1960, Ano 1, No.11.

N.º 224

BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU



Pano No. 1 - Frente do corpinho, com mangas japonêsas com losango; amplo decote em V, com vista numa só peça com a frente. Ombros levantados para obter o efeito de armado para trás.

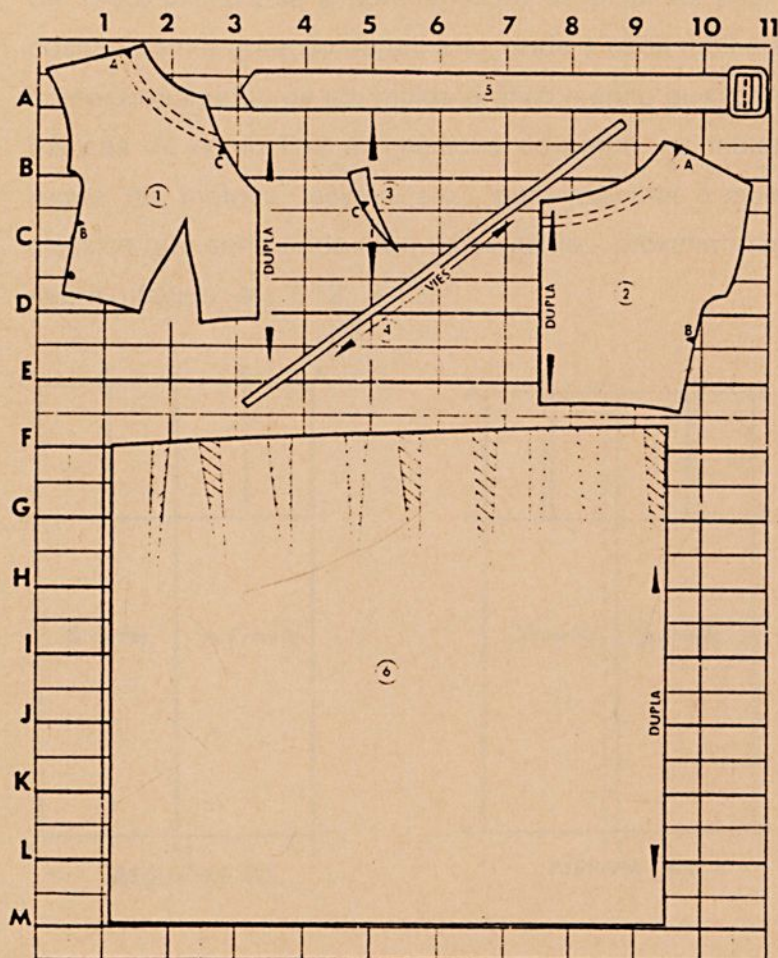
Pano No. 2 - Frente "princesse", que completa o pano no. 1. Ter o máximo de cuidado com o lado direito da fazenda e fazer coincidir o desenho (se a fazenda tem desenho ou trama).

Pano No. 3 - Costas inteiriças, não muito ajustadas, com mangas japonêsas, com losango e vista no decote que completa o motivo do pano da frente no. 1. Também neste pano o apoio dos ombros foi aumentado para dar efeito de levantado.

Pano No. 4 - Losango.

FIGURA 124- Modelo vivo, molde gráfico "QUASIPRONGO"
e legenda de orientação.

Fonte - MANEQUIM, 1960, Ano 2, No.13. p.52.



- Pano No. 1** - Frente do corpinho, de ombro caídos e amplo decote, manga japonesa.
Pano No. 2 - Costas do corpinho, que completa o pano No. 1.
Pano No. 3 - Tirinha fantasia que se aplica acompanhando o decote do pano No. 1.
Pano No. 4 - Tira em viés, que se aplica no corpinho, como indica claramente a fotografia.
Pano No. 5 - Saia direita e ampla, que se reduz até a medida da cintura por meio de pregas-macho sôltas.
Pano No. 6 - Cinto.

FIGURA 125 - Molde gráfico "QUASIPRONGO", modelo vivo
 e legenda de orientação

Fonte - MANEQUIM, 1960, Ano 2, No.2. p.53.

Ao completar um ano do lançamento da revista **MANEQUIM**, ou seja em Julho de 1960, iniciava-se a apresentação de algumas páginas sobre um curso de corte e costura com a duração de um ano, onde a cada mês era apresentada uma aula sobre o confeccionamento de um molde gráfico, sendo que a primeira aula referia-se as noções básicas de como tirar as medidas do corpo, os materiais necessários (papel, lápis, régua, fita métrica, tecidos, etc.), para executar o molde de uma saia reta, simples e clássica que seria dada na aula seguinte - próximo mês - o plano de corte, desta saia, sobre o tecido, etc. (126 e 127).

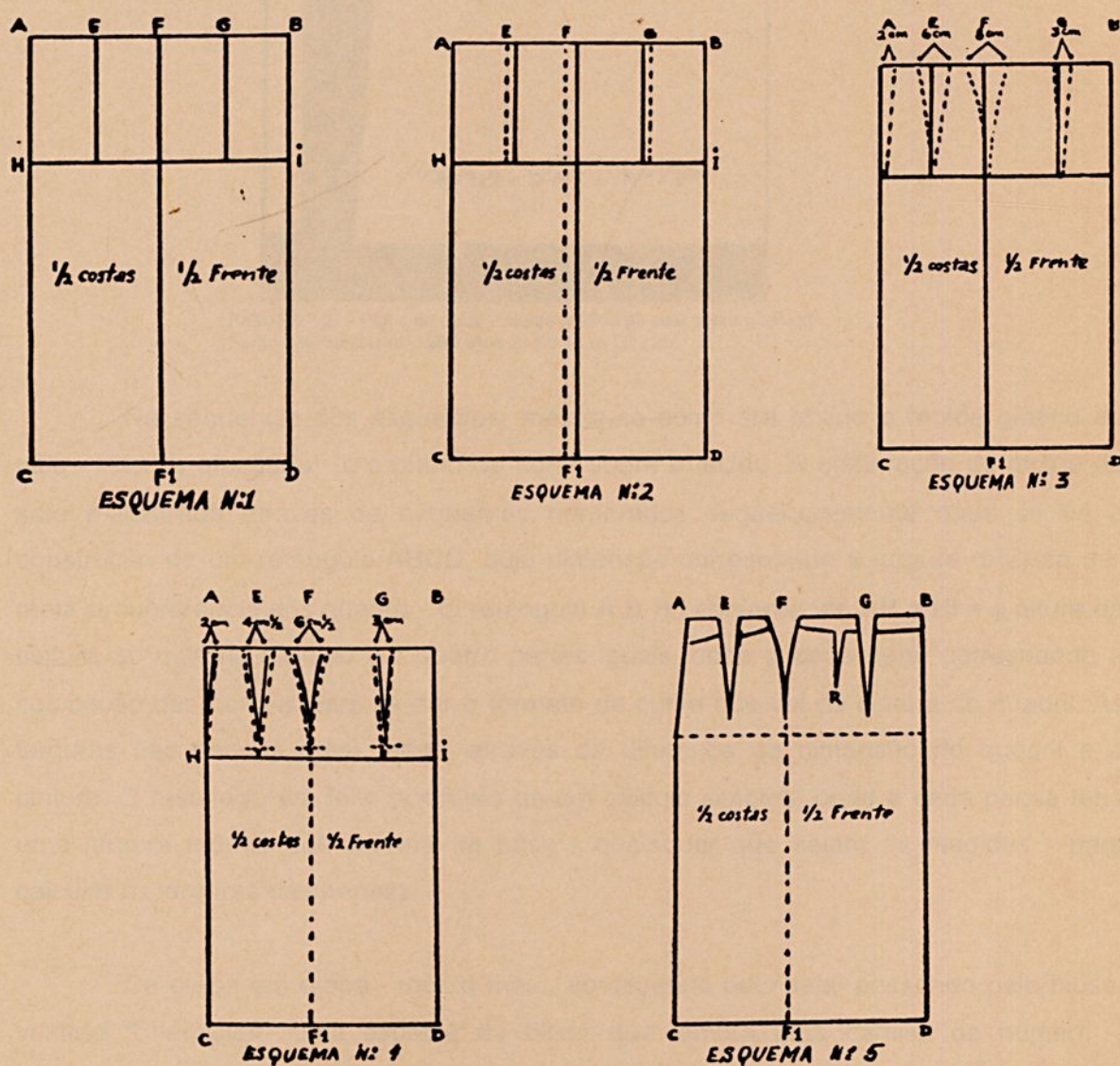


FIGURA 126 - Sequência da elaboração do molde gráfico de uma saia.
Fonte - MANEQUIM, 1960, Ano 2, No.13. p.30-1.



FIGURA 127 - Plano de corte - Molde gráfico da saia sobre o tecido
 Fonte - MANEQUIM, 1960, Ano 2, No.14. p.22 - 25.

Na sequência dos esquemas, mostra-se como era obtido o molde gráfico da saia - reta ou afunilada - e o plano de corte sobre o tecido. A elaboração do molde da saia é ilustrada através de esquemas numerados sequencialmente onde se vê a construção de um retângulo **ABCD**, cuja dimensão corresponde a largura retilínea de meia circunferência dos quadris. O retângulo **ABHI** compreende $AH = BI$ = a altura da cintura ao quadril, dividido em quatro partes iguais, onde a cada parte corresponde a colocação das pensas para se dar o formato da curva que vai da cintura ao quadril. As larguras das pensas eram feitas, através da diferença da dimensão do quadril e a cintura. O resultado era feito por meio de um cálculo simples, onde a cada pensa teria uma largura teórica que serviria de base - quaisquer que sejam as medidas - para calcular as larguras das pensas..

De etapa em etapa - mês a mês - começando pela saia, passando pela blusa, vestido "Chemisier"- uma espécie de blusa que lembra uma camisa de homem -, tailleur,etc, e finalizando-se a 12a. aula sobre o molde de uma calça comprida e seu confeccionamento.

A seguir algumas ilustrações dos moldes gráficos para a montagem de uma blusa, de um vestido "Chemisier" e o plano de corte de uma calça comprida sobre o tecido (FIG.128 a 130).

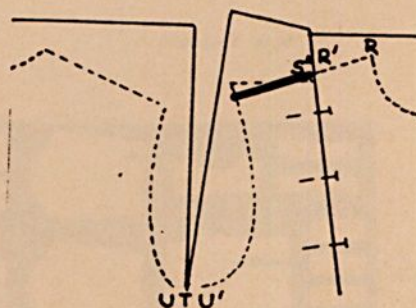
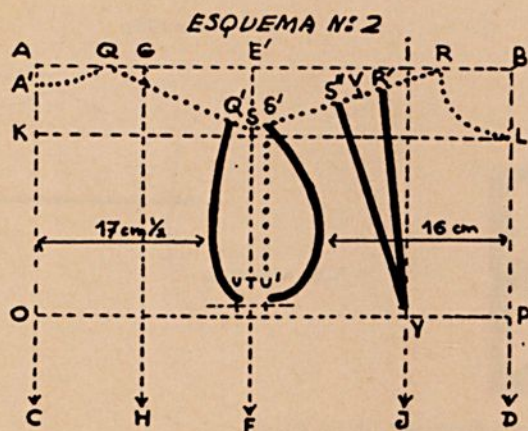
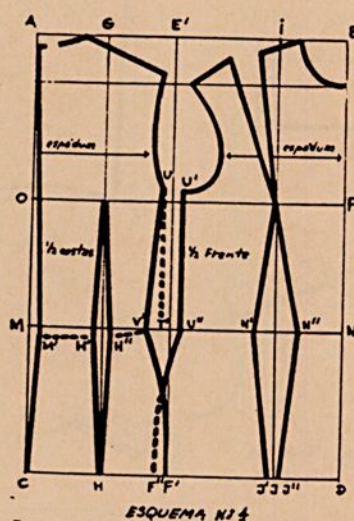
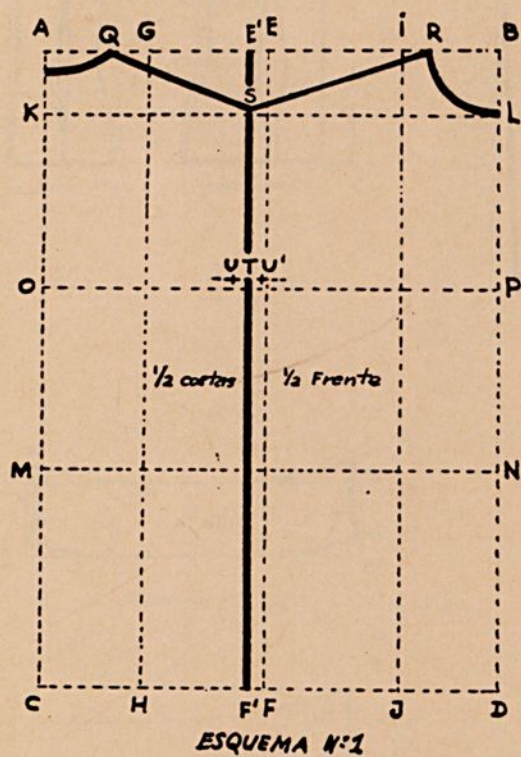


FIGURA 128 - Elaboração do molde de uma blusa.
Fonte - MANEQUIM, 1960, Ano 2, No.15. p.56-58.

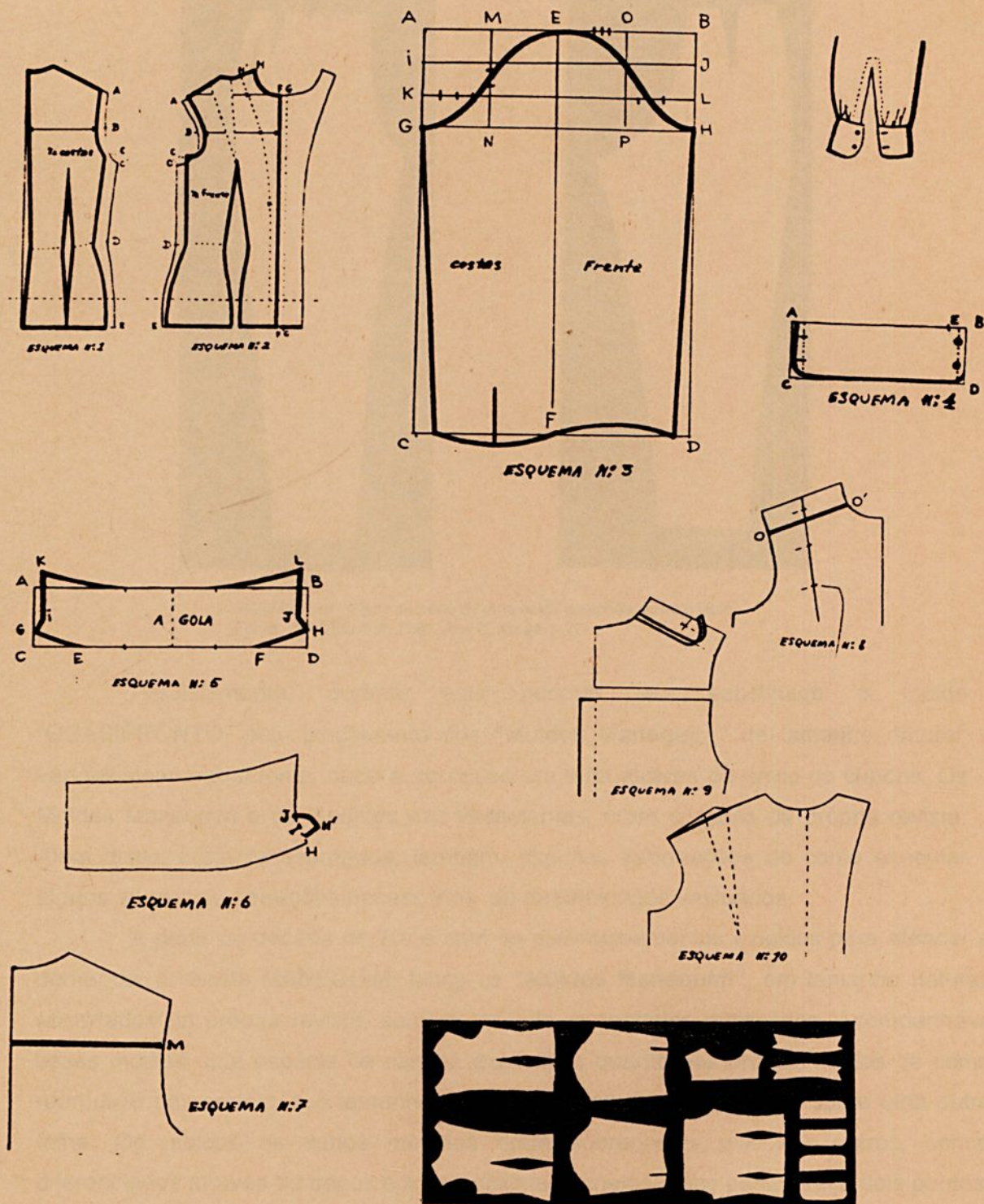


FIGURA 129 - Seqüência dos esquemas da elaboração do molde do "Chemisier" e seus detalhes de montagens e plano de corte sobre o tecido.

Fonte - MANEQUIM, 1960, Ano 2, No.16.p.57-8.

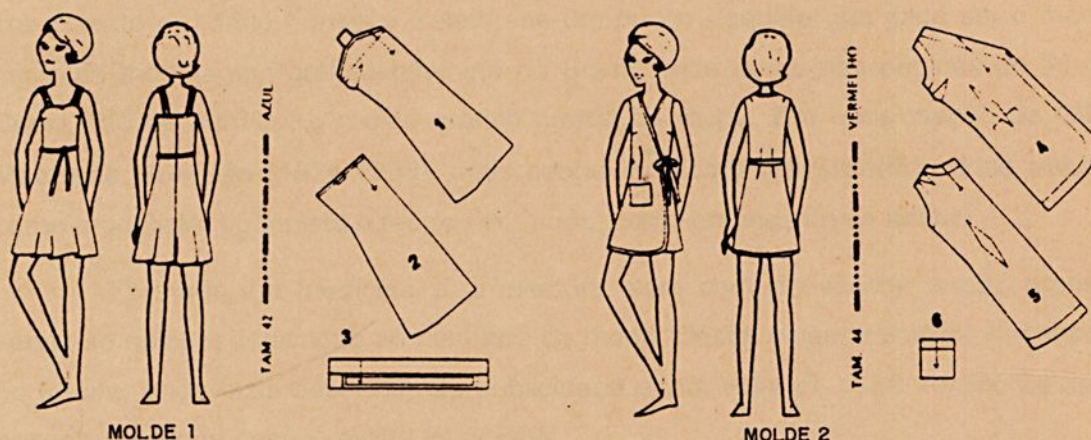


FIGURA 130 - Plano de corte de uma calça comprida sobre o tecido
Fonte - MANEQUIM, 1961, Ano 3, No.24. p.72.

Paralelamente, durante este período, era substituído o molde “QUASIPRONGO” pelo lançamento dos “**Moldes Manequim**” de tamanho natural, vendidos separadamente, onde a aquisição era feita através do envio de cupons. Os Moldes Manequim e os modelos das vestimentas, eram criações da própria revista. Além disso, eram apresentados, também, algumas informações de como executar alguns ajustes ou correções necessários de determinados vestuários.

A partir da década de 70, e com os aperfeiçoamentos exigidos para atender a demanda, a revista **MANEQUIM**, lança os “**Moldes Manequim**”, em tamanho natural, encartados na própria revista, sempre visando os modelos publicados. Acompanhava esses moldes uma espécie de cartilha explicativa quanto aos procedimentos de como reproduzir um modelo e o tamanho escolhido - o seu molde gráfico - sobre uma outra folha. Os moldes de vários modelos eram sobrepostos uns aos outros, sendo diferenciados através de traços e linhas distintas (cheios, traço ponto, traço dois pontos, traço três pontos, tracejados, pontilhados, etc.), de cores diferentes e um roteiro sobre o tipo de tecido, metragem da fazenda necessária e a seqüência de procedimento para resultar no vestuário em questão.

Apresenta-se, logo abaixo, um dos modelos apresentados nos “Moldes Manequim”, para melhor ilustrar quais os procedimentos que os interessados deveriam reproduzir para a obtenção do molde e o tamanho escolhido (FIG. 131).



MOLDE 1

Tecido - Fêlpa Artex.

Metragem - 80 cm com 1,40m de larg. ou 1,60m com 90cm de largura.

Tamanho 42 - Peças de 1 a 3

- 1 - Frente - Corte 1 v. com o tecido dobrado pelo meio da frente. Pesponte pela indicação.
- 2 - Costas - Corte 2 v. Coloque um zíper no meio das costas.
- 3 - Alça - Corte 2 v. Pesponte. Faixa - Faça dupla com 1,50m de comp. por 2cm de larg.

MOLDE 2

Tecido - Fêlpa.

Metragem - 1m com 1,40m de larg. ou 2m com 90cm de larg.

Tamanho 44 - Peças de 4 a 6

- 4 - Frente - Corte 2 v. Tire o debrum pela indicação.
- 5 - Costas - Corte 1 v. com o tecido dobrado pelo meio das costas. Tire o debrum pela indicação.
- 6 - Bólso - Corte 1 v. Faixa - Faça a faixa com 3,5cm de larg.

FIGURA 131 - Moldes e desenhos explicativos de um vestido e de uma saída de banho.

Fonte - MANEQUIM, 1971.

A revista **MANEQUIM**, da Editora Abril, São Paulo, é considerada uma das primeiras, antes houve a *Figurino Moderno*, a lançar o molde gráfico do vestuário feminino, atingindo um grande número de usuários.

Paralelamente, à mesma época, 1959, de acordo com uma reportagem do jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1971, Ano LXXI, No.24.063, na página “anexo” sob o texto de Mário Fonseca, relatou-se um pouco daquele que julga ser o marco do início da modelagem gráfica feminina no Brasil, onde surge nas páginas do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, o molde gráfico pronto de roupa. Era uma criação de **Gilberto Machado Brandão (1924-1983)**, mais conhecido como **Gil Brandão**, onde trabalhava como modelista, figurinista e teórico de moda, como ele mesmo se definia.

Formado em medicina e arquitetura, sem contudo exercer essas profissões, serviu-se delas a dedicação ao desenho de moda. Desde jovem trabalhou em imprensa, no Recife, onde fazia desenhos de publicidade e, por volta de 1948, no Rio de Janeiro, desenhava moda para a revista **FON-FON**.

Na década de 70, possuía um jornal dominical de moda, em sociedade com Ronaldo Fonseca da Cruz sob o nome de “o Gil”. Trabalhou para as revistas femininas da Editora Vecchi, ministrava aulas sobre filosofia, história e cortes da moda, onde dizia:

“Não sou costureiro, sei cortar. Dos meus estudos de geometria descritiva na faculdade de arquitetura, botei um método de corte que é todo baseado em regras geométricas.”

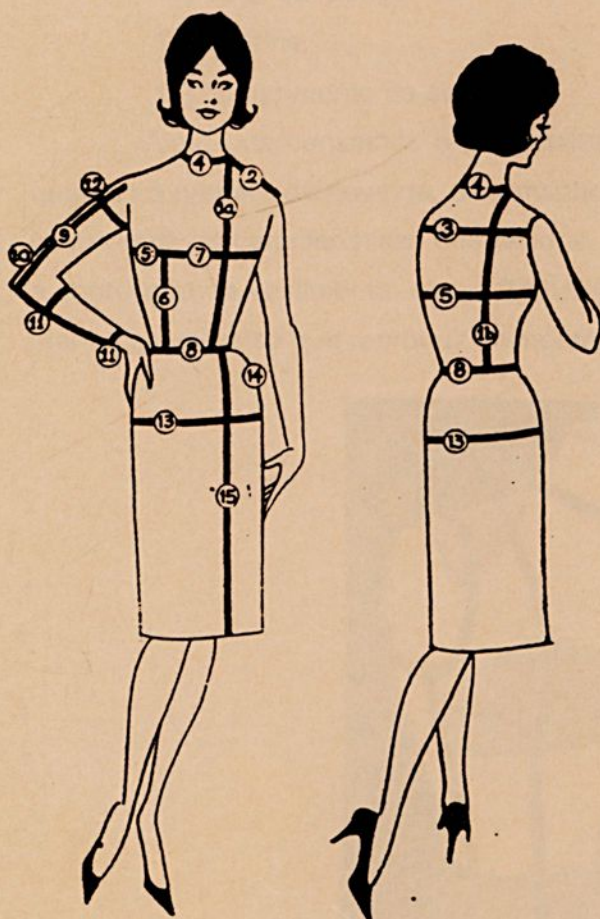
Foi o primeiro e o maior divulgador desse método no Brasil. Procurava, desta maneira, como conhecedor da função, da história e da psicologia da moda, dar um cunho social e utilitário, atingindo um maior número de mulheres, dando a elas, um molde mais estruturado para que pudessem executar suas próprias roupas, sem gastar fortunas com famosos costureiros. Ainda, segundo Gil Brandão (1971):

“.... só podem vanguardar a moda, estritamente no sentido estético e funcional, aqueles que tenham uma consciência profunda do tempo em que vivem e de seus problemas, além de uma visão histórica do passado.

A moda sempre reflete o condicionamento econômico, político e social de uma época. Isto acontece, também, em todas as artes plásticas. A moda sempre andou junta com as artes de uma maneira geral. Não se concebe, por exemplo, colocar uma Madame Pompadour numa igreja gótica ou numa igreja românica. No entanto ficaria perfeitamente numa igreja barroca caindo para o rococó. A moda também existe em função da concorrência, da disputa entre classes, entre níveis de estratificação da sociedade. Em países em que a sociedade é rigidamente estratificada,

como a Índia, a moda dificilmente evolui. Então, até a maneira de se vestir na Índia é a mesma de séculos atrás: o sari, o turbante."

Com a publicação do livro de Gil Brandão, "APRENDA A COSTURAR", 2a. edição, 1964, edições do Jornal do Brasil, Estado da Guanabara, passa-se a seguir, afim de ilustrar o seu método de corte - modelagem gráfica feminina - algumas de suas lições básicas inseridas no citado livro.



O método de corte, criado pelo figurinista Gil Brandão, inicia-se primeiramente pela maneira adequada de se tomar as dimensões necessárias, ponto de grande importância, pois é do cuidado com que elas são tomadas que depende de uma boa prova rápida e fácil, para a confecção de qualquer vestimenta feminina.

Na Figura 132, os números indicam as medidas que devem ser tiradas que, segundo Brandão, há dois tipos: as fundamentais - aquelas necessárias para o traçado das bases - e as complementares - para a transformação das bases no modelo que se deseja.

FIGURA 132 - Manequins com as indicações das medidas.

Fonte - BRANDÃO, 1964. p.9.

De acordo com as numerações da citada figura, temos as seguintes medidas fundamentais para a confecção dos moldes, que compõem as partes de uma blusa, manga e saia reta :

- | | |
|--|--------------------------|
| 1a) e 1b) - comprimentos da frente e costas; | 2) ombro; |
| 3) costado; | 4) pescoço; |
| 5) busto; | 6) altura do busto; |
| 7) separação do busto; | 8) cintura; |
| 9) comprimento da manga; | 10) altura do cotovelo; |
| 11) boca da manga; | 12) largura do braço; |
| 13) quadris; | 14) altura dos quadris e |
| 15) comprimento da saia. | |

Além dos conselhos e ensinamentos, o autor deste método orienta também, quanto ao preparo da fazenda, os tamanhos dos manequins, as etapas na confecção da vestimenta, as características dos tecidos, como calcular uma metragem requerida para a confecção da vestimenta, etc. o "BOURRAGE" - uma espécie de estofamento de um manequim clássico que reproduz fielmente as linhas do próprio corpo (FIG. 133).

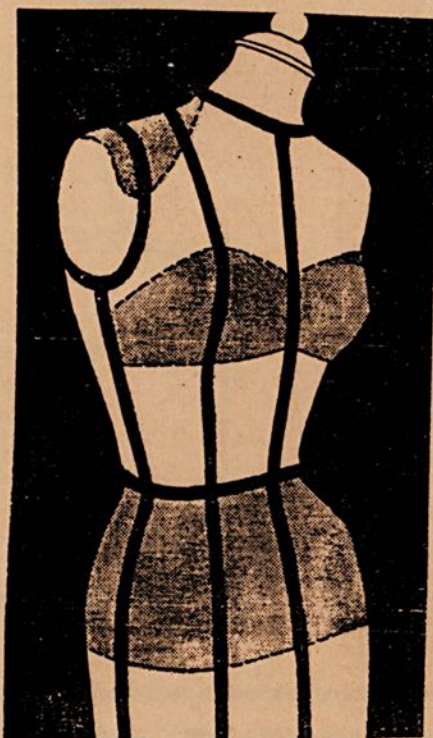


FIGURA 133 - "BOURRAGE"

Fonte - BRANDÃO, 1964, p. 17.

Apresenta-se, também, no citado livro, algumas tabelas criadas pelo autor, sobre as relações de medidas entre ombro e costado, altura da cava ideal na blusa, meia largura da manga para uma cava qualquer, meia largura e a cava da manga, elementos para o traçado da manga e folgas.

Dentro do que foi analisado, chega-se a constatação - valorização do desenho gráfico - de que todo molde possui a lógica e o emprego de construções gráficas fundamentais, tais como: mediatriz, paralelas, perpendiculares, bissetriz, quadriláteros, lugares geométricos, etc.; decide-se resgatar alguns deles e apontar nos esquemas as regras geométricas empregadas quando da confecção básica do vestuário.

Após esta verificação, chega-se ao ponto principal, que é a construção gráfica da modelagem do vestuário feminino, dada através de esquemas, onde pode-se claramente observar as regras geométricas utilizadas para a confecção dos moldes básicos de uma blusa sem manga - frente e costas -, de uma manga clássica e de uma saia reta (FIG. 134 a 141).

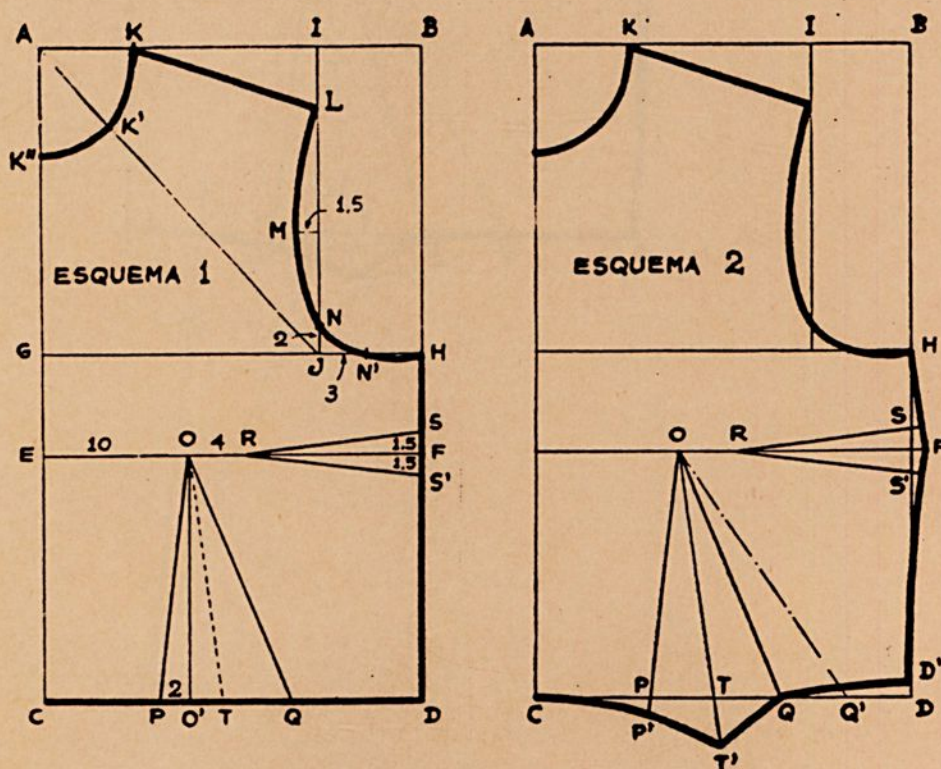


FIGURA 134 - Representação do molde de uma blusa sem manga:

- Esquema 1 - passo a passo para a execução do molde;
- Esquema 2 - representação final do molde da frente.

Fonte - BRANDÃO, 1964. p.25.

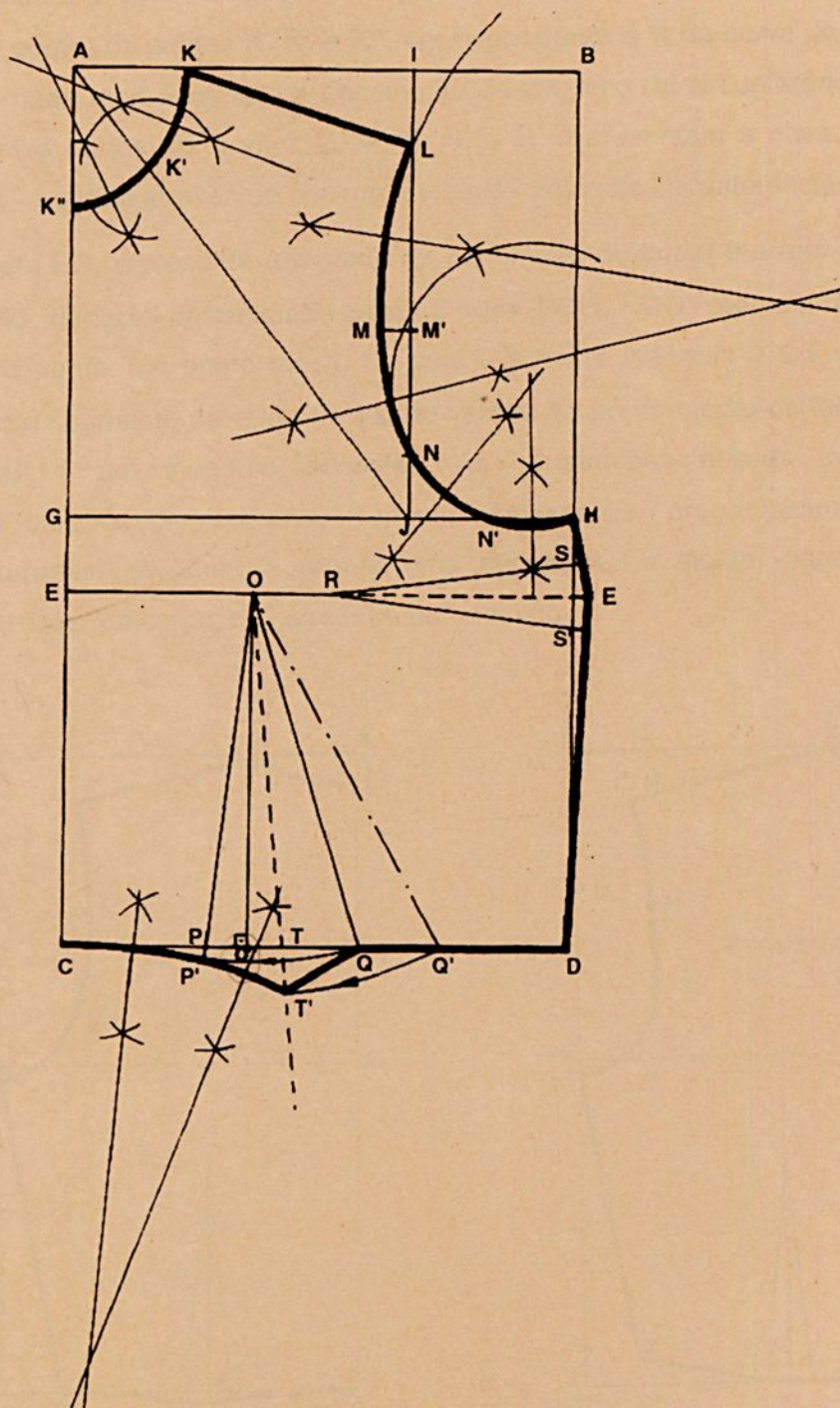


FIGURA 135 - Construções geométricas elementares para a representação final do molde da figura anterior.

Na figura anterior, tem-se o retângulo ABCD, que corresponde ao comprimento e largura do corpo; os pontos K, K' e K'', correspondente a $\frac{1}{4}$ da curva do pescoço e o seu traçado nada mais é do que a construção de um arco de circunferência passando por três pontos dados; os pontos L, M, N, N' e H, representam a cava - uma curva pronunciada - traçada através de concordâncias de arcos de circunferências.

A reta EO, representa a metade da separação do busto e a reta OO', a altura do busto. No triângulo determinado pelos pontos POQ, OO' representa a altura do triângulo e o ponto T o ponto médio do lado PQ deste triângulo e OT vem a ser a mediana - um segmento de reta que vai do vértice ao ponto médio do lado oposto; os pontos SRS' é um triângulo isósceles. As construções desses triângulos são necessárias, para resultar em pences verticais e horizontais - pregas piramidais - que ao serem costuradas, destinam a formar uma curvatura no molde, para conter uma saliência qualquer do corpo, no caso o busto feminino.

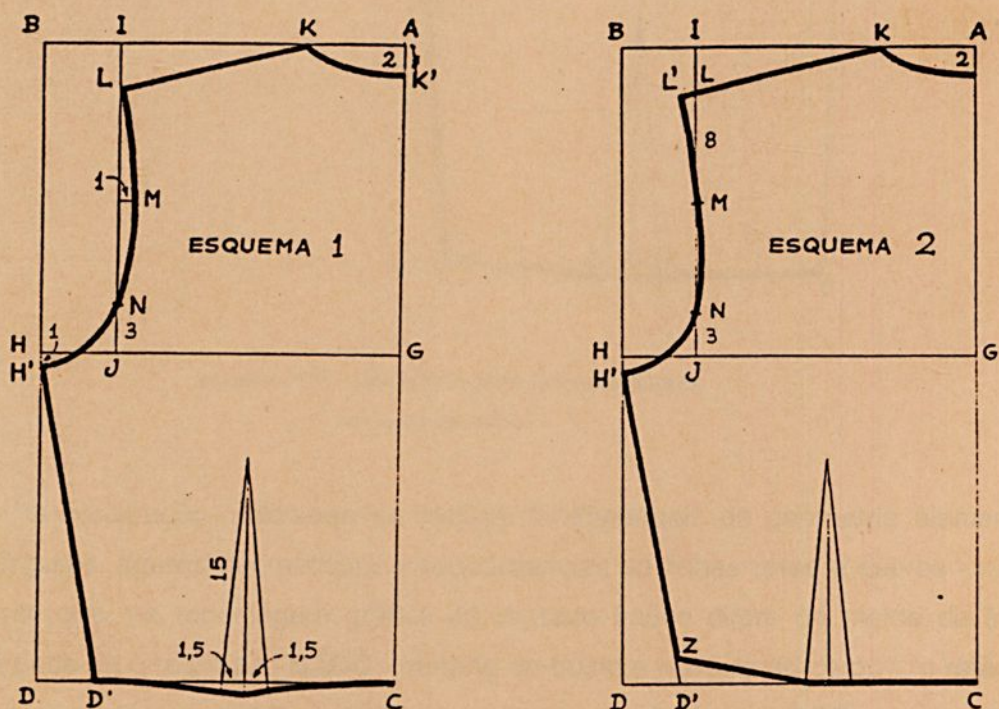


FIGURA 136 - Moldes do costado.

Fonte - BRANDÃO, 1964. p.27.

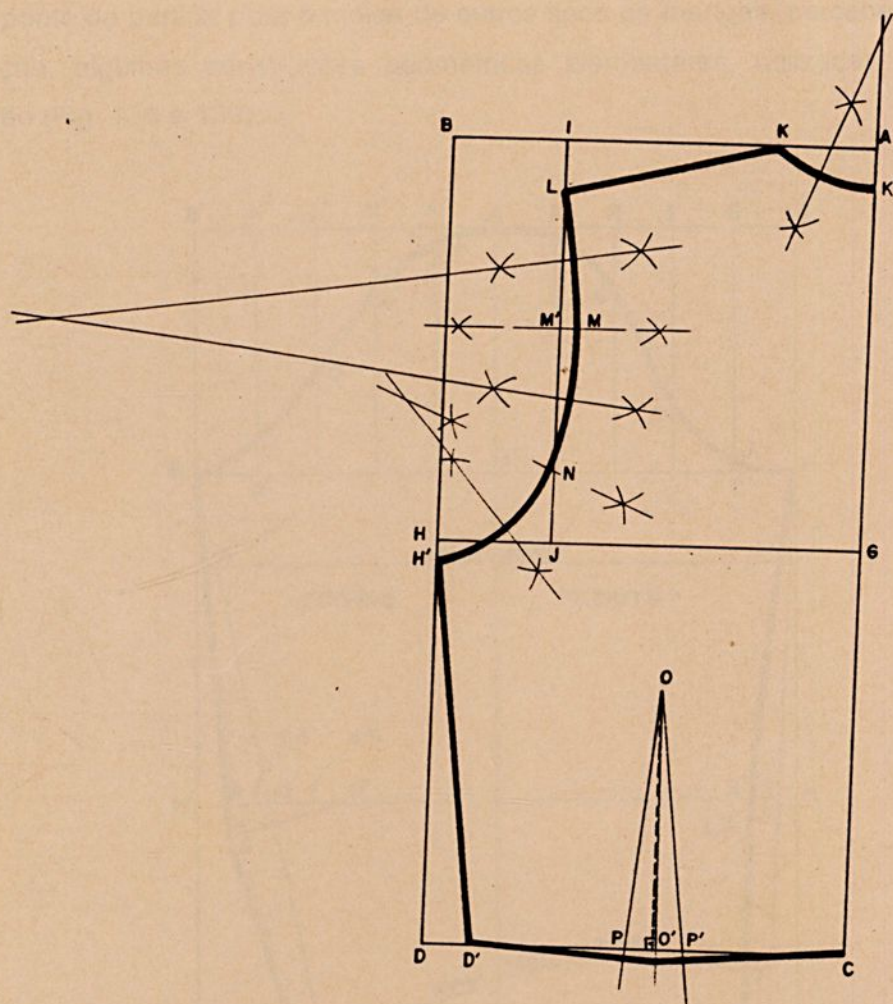


FIGURA - 137 - Construções geométricas elementares
do molde do costado.

Na construção, utilizando as noções fundamentais da geometria elementar - linhas, ângulos, figuras geométricas e concordâncias de linhas retas e curvas - mostra claramente que, na modelagem gráfica do costado pouco difere do molde da frente, onde percebe-se o retângulo **BADC** - metade do busto e a altura do corpo -, o retângulo **IAJG** - a zona compreendida pela cava e o triângulo isósceles **POP'** resultando em prega piramidal que, costurada, determina uma pequena curvatura natural da região costal até a cintura do corpo (FIG. 137).

Na confecção básica do molde de uma manga clássica, base esta que servirá como ponto de partida para o molde de outros tipos de mangas, percebe-se também na ilustração, algumas construções geométricas elementares, utilizadas pelo autor Gil Brandão (Fig. 138 e 139).

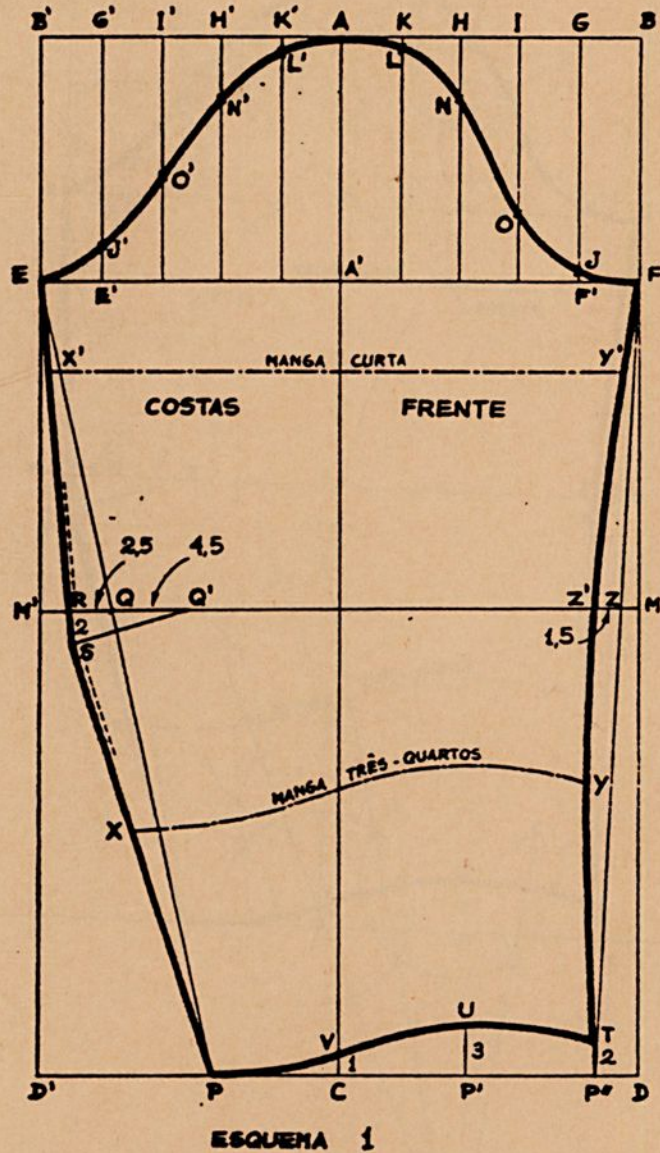


FIGURA 138 - Elaboração do molde de uma manga clássica.

Fonte - BRANDÃO, 1964. p.28

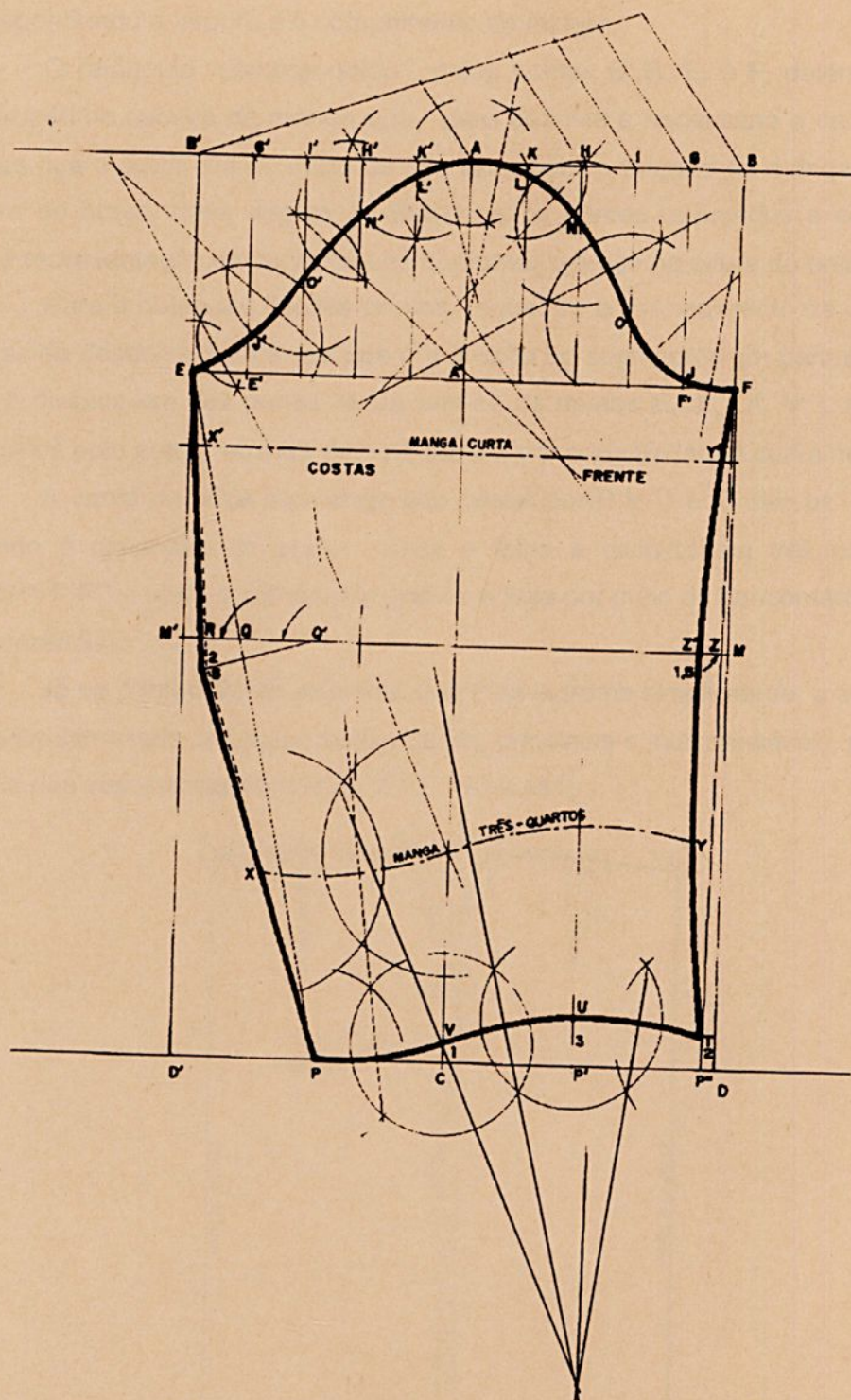


FIGURA 139 - Construções geométricas elementares para a confecção do molde gráfico da manga.

Nesta figura, tem-se a construção dos retângulos ABCD e AB'CD' correspondendo a largura e o comprimento da manga.

O retângulo compreendido pelos pontos B', B, E, e F, determina a área de construção da cabeça da manga que, para defini-la é necessário o conhecimento das tabelas que o autor cita no início de seu livro, para o traçado da manga onde consta a largura do braço, meia largura da manga e os pontos requeridos e correspondentes para a representação da curva que irá contornar o braço na altura do ombro à axila.

Para a obtenção desses pontos, requer-se o conhecimento de uma das regras básicas do desenho geométrico que é a divisão de segmentos em partes iguais, que no caso é dividido em dez partes, onde tem-se os pontos E, J', O', N' L'A, L,N,O,J e F, fornecidos pelo autor, através de uma tabela, por onde traçará a curva necessária.

A curva da boca da manga que passa por P V U e T, são os pontos obtidos segundo a dimensão do pulso, mais a folga e dividida em três partes iguais - $PC=CP'=P'P''$ - onde a construção gráfica é feita por meio de concordância de arcos de circunferências.

Já na confecção da saia reta que é de extrema simplicidade, o autor termina as lições fundamentais dos estudos das bases, principais e indispensáveis, para o corte da maioria das vestimentas femininas (FIG. 140 e 141).

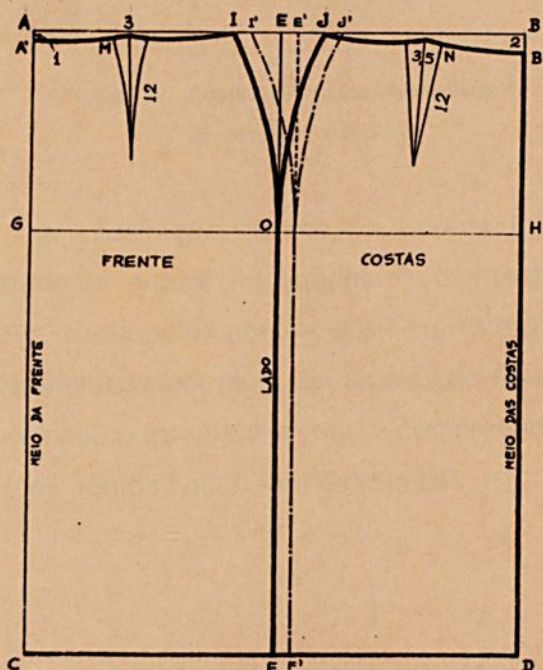


FIGURA 140 - Representação gráfica do molde de uma saia.

Fonte - BRANDÃO, 1964. p.32.

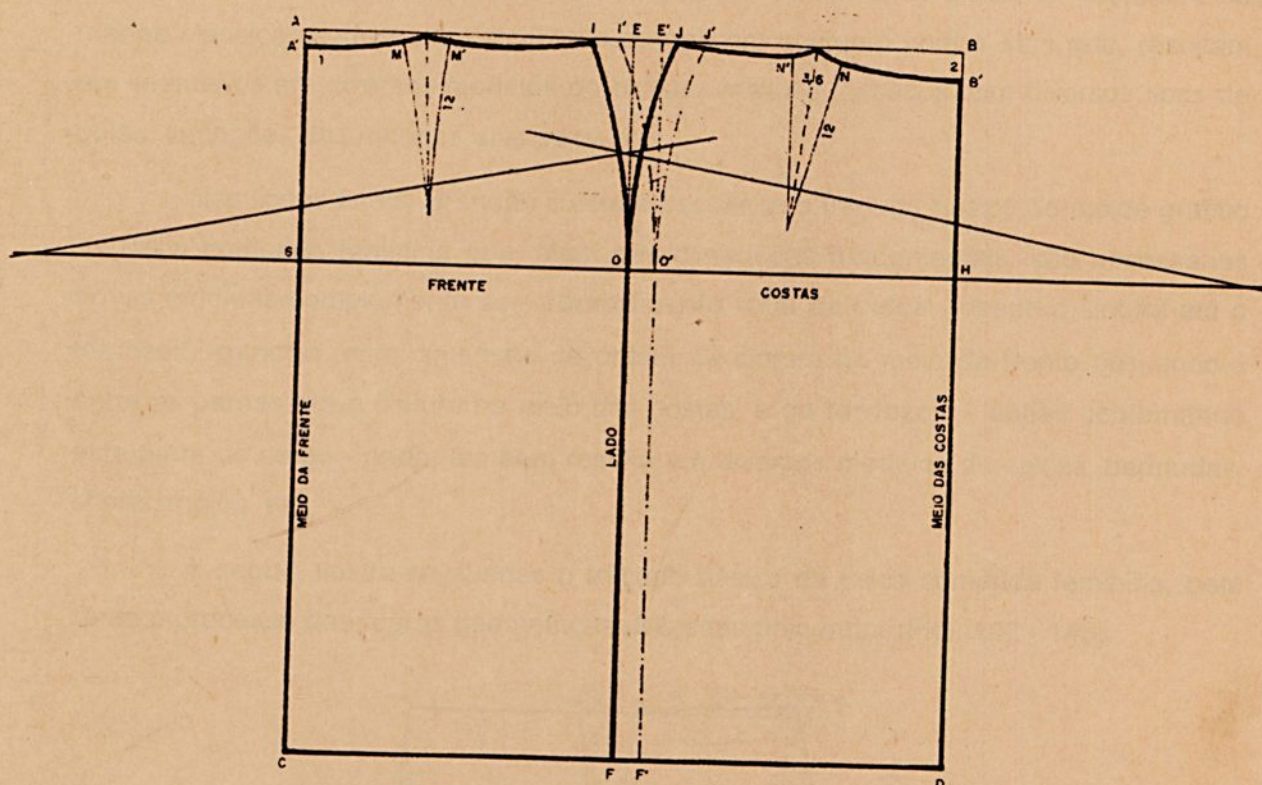


FIGURA 141 - Construções gráficas elementares do molde de uma saia clássica reta.

Observa-se na ilustração acima, a construção do retângulo ABCD correspondente a metade da largura dos quadris e o comprimento de uma saia, onde se vê, claramente, a curva dada pelos pontos O e I ou O e J, que vai da cintura até o quadril; curva esta determinada por meio da construção de um arco tangenciando uma reta e passando por um ponto fora dela; a reta é compreendida pelos pontos EF e O o ponto de tangência, e os pontos I ou J fora da reta EF.

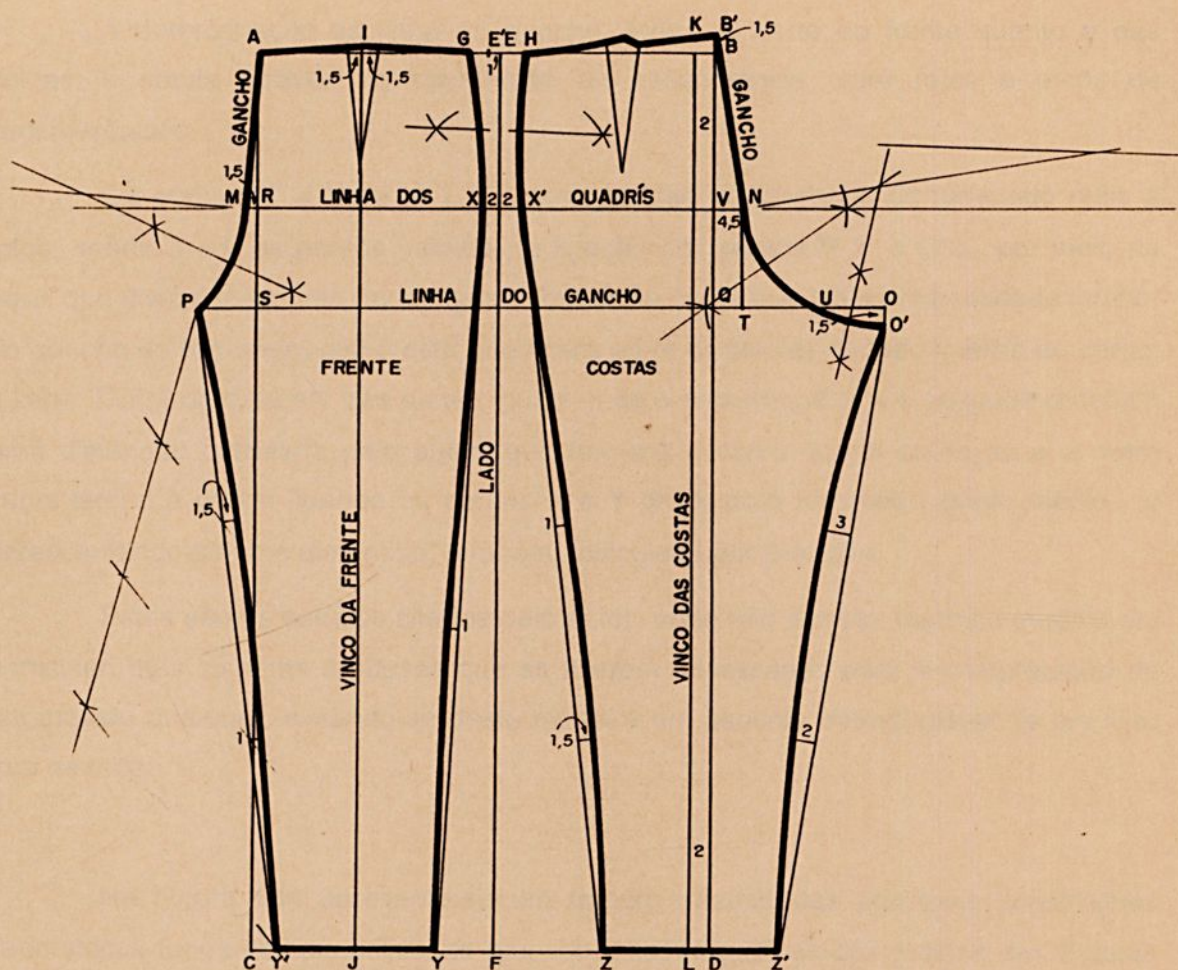


FIGURA 143 - Construções geométricas elementares para a confecção do molde da calça comprida.

Nas construções elementares da geometria para a confecção do molde gráfico de uma calça comprida feminina, de acordo com a ilustração acima, observa-se um retângulo **ABCD** correspondente ao comprimento total da calça e a largura da metade da medida do quadril; a reta dada pelos pontos **E** e **F** divide o retângulo em duas áreas destinadas à parte da frente e das costas; a região compreendida pelo trapézio **ABMN** é referente a altura que vai da cintura ao quadril; e a reta que passa pelos pontos **M**, **R**, **V** e **N**, que corresponde a linha dos quadris e é obtida segundo uma relação entre a dimensão do quadril e a folga que o autor discrimina no livro, que resulta em retas **AM** e **B'N** para a formação de uma parte do gancho; o retângulo **ABSQ** forma a região que vai da cintura até linha do gancho **SQ**, que prolongando-a nestas extremidades, obtém os pontos **P** e **O** determinando as profundidades inferiores das extremidades do gancho.

A determinação da linha do gancho, tanto da parte da frente quanto a das costas, é obtida através da construção de concordância entre retas e arcos de circunferências.

Os pontos $Y' J Y$ e $Z L Z'$ correspondem a dimensão do tornozelo mais a folga, sendo J e L os pontos médios; a ligação dos pontos $P Y'$ e $O'Z'$ por meio de retas que divididas em três partes iguais formará a curva que vai da extremidade inferior do gancho ao tornozelo, curva esta que ficará entre as pernas do lado interno do corpo; a linha $X' Z$ é dividida em três partes iguais onde a primeira parte e a segunda recebem uma dimensão calculada pelo autor, que formará a curva lateral do corpo e a outra curva lateral é obtida ligando os pontos X e Y dividindo-o ao meio - ponto médio - e acrescentando-se uma dimensão, também, calculada por Brandão.

Estes são os estudos citados pelo autor, onde não fornece nenhum modelo em particular, mas somente as bases que se fizerem necessárias para a interpretação de um modelo qualquer, evitando-se desta maneira um aspecto desagradável de um livro fora de moda.

Na Figura 144 apresenta-se um quadro resumo das principais construções geométricas fundamentais utilizadas nas construções gráficas dos moldes das Figuras 135, 137, 139 141 e 143.



CONSTRUÇÕES FUNDAMENTAIS	BLUSA SEM MANGA-FRENTE	BLUSA SEM MANGA-COSTADO	MANGA CLÁSSICA	SAIA RETA	CALÇA COMPRIDA FEMININA
RETÂNGULO	ABCD	BADC	B'B'D'D	ABCD	ABCD
PARALELAS	EF // CD GH // AB	HG // DC	XY // B'B M'M // B'B	GH // AB	PO // AB
PERPENDICULARES	LJ _ GH	LJ _ AG			EF _ AB
TRIÂNGULOS	POQ - TOQ' - SRS'	POP'	ESP - Q'RS	MLM' - NL'N	
DIVISÃO DE SEGMENTOS EM n PARTES IGUAIS			B'B (n=10)		PY' (n=3) - O'Z' (n=3) e S'Z' (n=3)
PONTO MÉDIO DETERMINADO ATRAVÉS DE MEDIATRIZ	M - ponto médio de LJ	M' - ponto médio de LN			ponto médio de SY
MEDIATRIZ				EF mediatriz de AB	LJ mediatriz de AG
TRAPÉZIO					ABMN - POZX'
CIRCUNFERÊNCIAS DETERMINADAS POR 3 PONTOS	LMN - NN'H - CPT' - KK'K''	LMN - NN'H	VUT - EJO' - O'N'L' - L'AL - LNO - OJF		
CIRCUNFERÊNCIAS DETERMINADAS POR 2 PONTOS		KK'	PV		
CONCORDÂNCIA ENTRE ARCOS DE CIRCUNFERÊNCIA	LMN com NN'H	LMN com MNH'	EJO' com O'N'L' - O'N'L' com L'AL - L'AL com LNO - LNO com OJF - PV com VUT		YS' com S'XG - ZS' COM S'XH
CONCORDÂNCIA ENTRE ARCO DE CIRCUNFERÊNCIA E SEGMENTO DE RETA				IO com EF - JO com EF - IO' com EF' - JO' com EF'	PM com MA - NUO' com BN

FIGURA 144 - Quadro resumo das principais construções geométricas fundamentais.

No Brasil, desde Gil Brandão, o número de revistas femininas especializadas em moldes evoluiu bastante, surgindo a partir daí, **"Figurino Moderno"**, da Editora Vecchi, Rio de Janeiro, em seguida **"MANEQUIM"**, da Editora Abril, São Paulo, editada, até hoje, e várias outras, sendo também, uma das mais conhecidas a revista **"modaMoldes"** da Editora Globo S.A., Rio de Janeiro, publicadas mensalmente desde 1989, onde possui um suplemento tipo encarte de moldes prontos em tamanho natural e - **"Ponto por Ponto"** - uma cartilha com todas as informações, passo a passo, visando facilitar o trabalho de reproduzir os moldes sobre uma outra folha, dos modelos das vestimentas publicados na própria revista e **"Criativa"**, também da Editora Globo S.A., Rio de Janeiro, editada mês a mês, desde 1989, que além de vários assuntos, apresenta algumas vezes, fichas para destacar e guardar, onde uma delas é sobre **Costura Fácil**, com manequim vivo usando um determinado modelo de vestuário e tamanho, acompanhados de moldes gráficos esquematizados e miniaturizados, com todas as dimensões necessárias e as partes correspondentes para o confeccionamento, a montagem e o procedimento da costura para resultar no modelo publicado.

A seguir apresenta-se uma das ilustrações, com dois de vários modelos, publicadas na revista **modaMoldes** e a sequência de uma modelagem gráfica esquematizada da revista **Criativa** (FIG. 145 e 146).

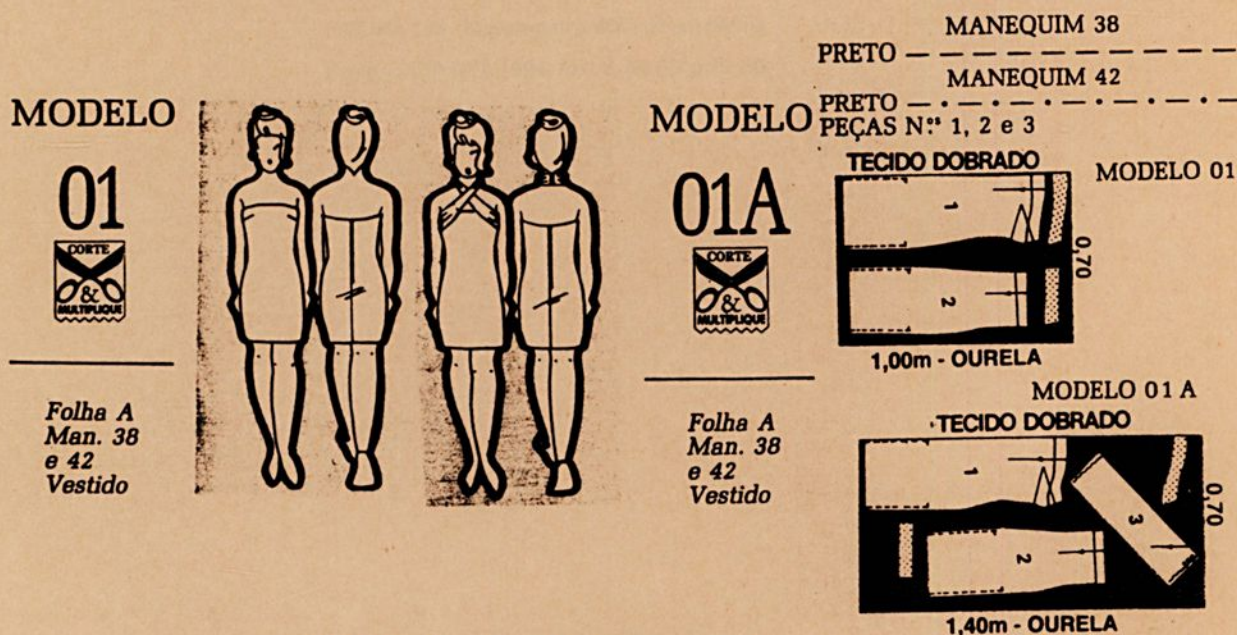


FIGURA 145 - Vestido visto de frente e costas e a distribuição dos moldes sobre o tecido.

Fonte - MODAMOLDES, 1993, No. 84. p. 43.

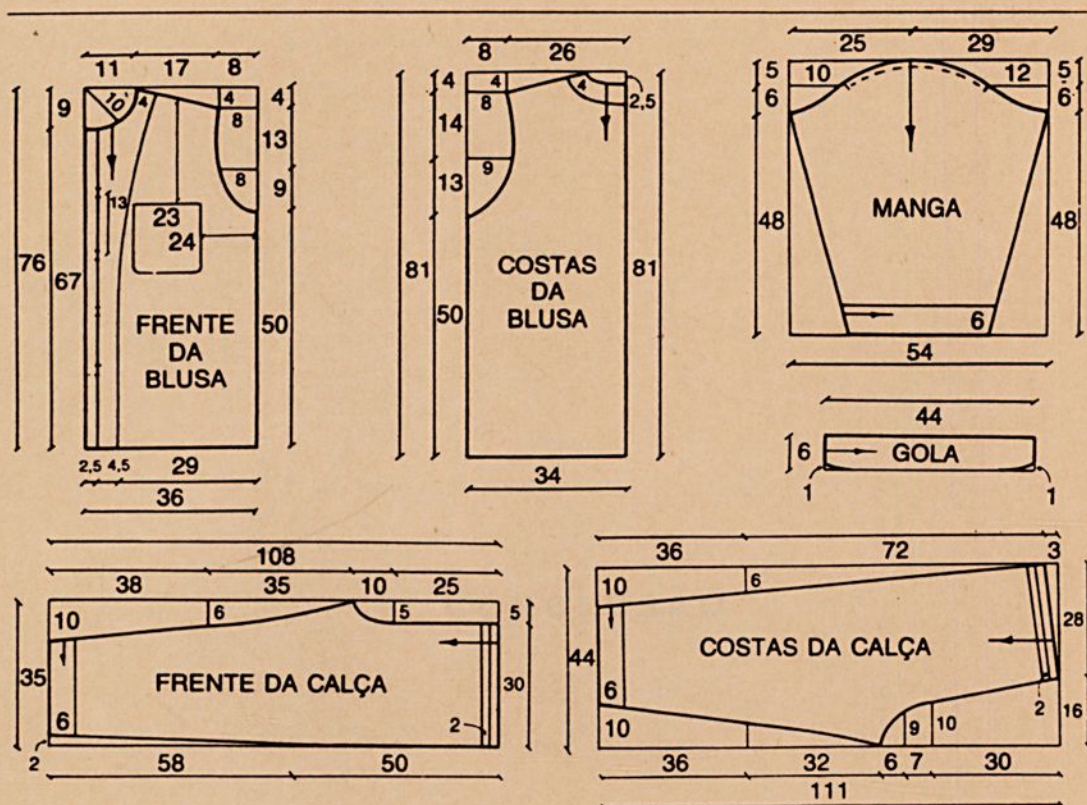


FIGURA 146 - Modelagem gráfica de um pijama.

Fonte - CRIATIVA, 1994, Ano V, No.60. p.79, 80.

CONCLUSÃO



Neste trabalho procurou-se mostrar como as diferentes sociedades, desde as épocas mais remotas, preocupavam-se com sua vestimenta, sabe-se que, das peles de animais que cobriam os homens das cavernas chegou-se aos alfaiates através dos ornamentos típicos das damas seiscentistas. Ao longo das imagens de cinco mil anos de moda desenrola-se uma vasta perspectiva circular histórica. Ideais de vida, poderes econômicos e graus de civilização estão por trás de capas e mantos, togas e túnicas, rendas e fitas.

As sociedades industrializadas trouxeram ao homem uma infinita contribuição de novos recursos materiais e objetos visando a melhoria de vida, a facilidade de comunicação e construção, o conforto, o prazer e sobretudo um sentido estético mais presente e acessível à maioria das pessoas.

Ao contrário das sociedades pré-industriais onde a noção de conforto e beleza, certamente as mais pertinentes à moda, poucos tinham acesso a tal privilégio, hoje as pessoas, em especial as mulheres podem desfrutar da moda, de sua vestimenta, em todos os níveis. Se pertencem a uma classe social mais abastada contarão com os grandes costureiros, se pertencem a uma classe média, a moda pré-fabricada lhes darão uma variada e rica produção e as mais humildes, economicamente, sempre terão uma costureira que lhes confeccionarão o necessário com os recursos mínimos possíveis.

Tal comportamento se fez presente em todos os continentes e do europeu os costureiros vieram ao Brasil, desde a sua colonização. Com o decorrer do tempo a industrialização e o grande desenvolvimento dos meios de comunicação permitiram que a divulgação de idéias e das artes chegassem a todas as classes e assim a moda atinge quase que uniformemente a sociedade.

Embora não se conhecendo os procedimentos técnicos que levaram os "costureiros" do passado a confeccionar os trajes, sabe-se, hoje, por dedução que os processos sempre tiveram por base a representação gráfica - sistemas convencionais de traços e linhas organizados resultante do desenho - de como deveria ser executado.

Como em toda produção humana o processo de criação presente, nem sempre aparece. Quem não possui uma camiseta ou uma calça jeans? Todos, supõe-se.



Quem fez ou faz seus moldes gráficos? Ignora-se - mas todos desfrutaram do prazer e do conforto dessas roupas. São os resultados que importam.

Neste trabalho procurou-se resgatar, exatamente, esses procedimentos técnicos de um objeto valioso para o homem que é o seu vestuário.

Dos estudos evolutivos do vestuário, a moda em si representa mudanças pois determinados aspectos são registros sensíveis da época na qual ocorrem e, englobam naturalmente, outras áreas de conhecimento como a História, a Arte, a Geografia, a Economia, a recente Ergonomia e principalmente o Desenho.

Através desses estudos, procurou-se, também, demonstrar que as dificuldades que adveem sempre que se trabalha com pesquisas de campo, na maioria das vezes, leva o pesquisador a caminhos mais abertos e abrangentes em sua própria área - a Representação Gráfica.

Com os estudos progressivos dos processos de confecção e modelagem no decorrer dos anos, mais precisamente na década de 60 no Brasil, verificou-se que as construções gráficas fundamentais - do desenho geométrico - estavam presentes e embutidas disfarçadamente, contribuindo de maneira efetiva à execução de modelagem da vestimenta.

Isto parece ficar documentado no presente trabalho na área de representação gráfica vistos a partir do estudo de desenho geométrico aplicado à confecção de molde do vestuário, principalmente em relação a geometria plana elementar - retas, mediatriz, perpendiculares, paralelas, segmentos, divisão de segmentos, triângulos, quadriláteros, arcos de circunferência, concordância entre retas e arcos de circunferência e entre arcos de circunferência.

O emprego correto dessas construções geométricas fundamentais atinge um grau de progresso a nível de se definir moldes prontos de fácil entendimento e manuseio pelos usuários, o que possibilita melhor assimilação através das revistas especializadas em moldes e, abre um caminho como primeiro passo para novas proposituras utilizando já os recursos de novas tecnologias, inclusive da informática.

A modelagem gráfica do vestuário não é " fora de série ", ela é básica para a transformação do modelo, pois a perfeição dos moldes diferencia o " vestir " do " bem vestir ".



BIBLIOGRAFIA

- ABREU, A. R.de,P. **O Averso da Moda** : trabalho a domicílio na indústria de confecção, São Paulo: Editora Hucitec, 1986. 302p.
- CONHECER, Dicionário Enciclopédico II, **A Moda que Muda**, São Paulo: Editora Abril, s/d. p.393-396.
- CONHECER, Dicionário Enciclopédico III, **Das Plumas a Mini Saia**, São Paulo: Editora Abril, s/d. p. 737-740.
- CONHECER, v 3, **Tempo de Casaca e de Saia-Balão**, São Paulo: Editora Abril, s/d. p.660-662.
- CONHECER, v 5, **Grécia Antiga, Moda Atual**, São Paulo: Editora Abril, s/d. p.1262-1264.
- CONHECER, v 8, **Século XIX Conforme o Figurino**, São Paulo: Editora Abril, s/d. p.1873-1875.
- CRULS, G. **Arte Indígena: As Artes Plásticas no Brasil**: Rio de Janeiro:Ediouro,Editora Tecnoprint,s.d. 126p.
- DURAND,J. C. **Moda, Luxo e Economia**, São Paulo: Editora Babel, 1988.
- ENCICLOPÉDIA ABRIL, v 7, **Industrial, Revolução**, São Paulo: Editora Abril, s/d. p. 2535 a 2539;
- FERRARA, L. D'A. **Leituras sem Palavras**, São Paulo: Editora Ática, 1986.72p.
- FREYRE,G. **Sobrados e Mocambos**, Rio de Janeiro: 5a. Edição, 1o. Tomo, Livraria José Olympio Editora / MEC, 1977. 351p.
- ___, **Casa-Grande & Senzala**, Rio de Janeiro: 19a. edição brasileira, Livraria José Olympio Editora, 1978. 572p.
- ___, **Modos de Homens & Modas de Mulher**, Rio de Janeiro: 2a. edição, Editora Record, 1987. 181p.
- HUBERMAN,L. **História da Riqueza do Homem**, Rio de Janeiro: Zahar Editores,1981.318p.
- JOFFILY, R. et al. **A História da Camiseta**, Rio de Janeiro: Editora Studio Gráfico Novo Rio, 1988. 163p.

- KÖHLER, C. *História do Vestuário*, São Paulo: 1a. Edição brasileira, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1993. 564p.
- LAVER, J. *A Roupas e a Moda : Uma história concisa*, São Paulo: Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 1990. 285p.
- MANTOUX, P. *A Revolução Industrial no Século XIX*, São Paulo: Editora Unesp / Hucitec, s.d. 552p.
- MUNARI, B. *Das Coisas Nascem Coisas : Arte e Comunicação*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1981. xxxp.
- O'HARA, G. *Enciclopédia da Moda*, São Paulo: Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 1993. 285p.
- PEZZOLO, D.B. *História de um fetiche*, O Estado de São Paulo, São Paulo, 5 set.1993. Suplemento Feminino, p.5.
- PITA, S.da R. *História da América Portuguesa*, São Paulo: vol.32, Editora Universidade de São Paulo / Livraria Itatiaia Editora Ltda., 1976. 293p.
- SOUZA, Gi.de M. *O Espírito das Roupas : A moda no Século Dezenove*, São Paulo: Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 1987. 255p.
- TADDEI, M. D. V. *A Imagem no Anúncio de Jornal : São Paulo, de 1850 a 1914*: São Paulo, 1977. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo.
- VOLPATO, L. R. R. *História Popular*: Livro 2 - Entradas e Bandeiras, São Paulo: Global Editora, 1986. 119p.

REVISTAS:

- CRIATIVA, Rio de Janeiro: Editora Globo S.A., Ano V, No. 60. abril de 1994.
- FON-FON, Rio de Janeiro: Anno XXIX, No. 2, janeiro de 1935. p.44.
- JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro: No.2184, abril de 1957. p. 26.
- JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro: No.2201, agosto de 1957. p.20-1.
- JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro: No.2267, novembro de 1957. p.24-5.
- MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano I, No.5, novembro de 1959.
- MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano II, No.11, maio de 1960.



MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano II, No.13, julho de 1960.

MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano II, No.14, agosto de 1960.

MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano II, No.15, setembro de 1960.

MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano II, No.16, outubro de 1960.

MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano III, No.20, fevereiro de 1961.

MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano III, No.21, março de 1961.

MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano III, No.24 (Junho/1961).

MANEQUIM, São Paulo: Editora Abril, Ano XII, No.139 (Julho/1971).

MANCHETE, Rio de Janeiro: Editora Bloch, No. 195 (10/01/1956), p. 24 e 25.

MODA MOLDES, Rio de Janeiro: Editora Globo S.A., Ano VII, No.84 (Junho/1993).

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro: Diários Associados, Ano XXV, No.41 (25/07/1953),
p. 39.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro: Diários Associados, Ano XXVII, No. 48 (10/09/1955),
p. 94 e 95.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro: Diários Associados, Ano XXXI, No. 43 (08/08/1959),
p. 88 a 90.



